

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Uma selecta de textos alemães

traduzidos por João Félix Pereira:

estudo e edição genética

Joana Isabel Plácido Fernandes

Orientador: Prof. Doutor João Miguel Quaresma Mendes

Dionísio

Mestrado em Crítica Textual

2015

Resumo

João Félix Pereira (Lisboa, 1822-1891) foi um polígrafo português que, embora actualmente não seja muito conhecido, contribuiu de modo interessante para a difusão de várias áreas do saber, como a Medicina, para o ensino e para a divulgação de textos estrangeiros em Portugal, não só de ficção, como também de textos técnicos, nomeadamente de Medicina, História ou Economia. Em particular, para além de ter escrito obras originais, também traduziu para português obras de várias línguas estrangeiras, tais como latim, grego, alemão, inglês, francês, espanhol e russo. A acrescentar a estas línguas, João Félix Pereira teria ainda conhecimentos de dinamarquês, holandês e sueco. Publicou a sua obra em livros e periódicos (perto de 200 títulos), tendo ainda deixado textos inéditos.

A presente dissertação tem como objectivo dar a conhecer parte da tradução inédita de João Félix Pereira intitulada *Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães*, a qual é constituída por um conjunto de 47 narrativas de diferentes temas e extensões, de vários autores de expressão alemã dos séculos XVIII e XIX.

Esta dissertação começa com uma breve nota biográfica sobre o tradutor, onde são apresentadas a sua vida e a sua obra. De seguida, apresentarei a descrição material do único testemunho conhecido da tradução, construindo uma hipótese para o modo como o suporte onde ela foi inscrita terá sido preparado. Na descrição material também são abordados alguns aspectos de interpretação duvidosa, nomeadamente alguns sinais ou referências de significado incerto, e para as quais não se encontrou uma resposta definitiva. O corpo do trabalho é ocupado pela edição genética de 12 das 47 narrativas patentes na *Selecta portugueza*. Esta edição é antecedida por uma classificação de variantes, que sustenta a proposta de que a tradução remanescente se encontra numa fase relativamente inicial.

Palavras-chave: João Félix Pereira, Crítica Genética, Edição Genética, Tradução, Literatura de Expressão Alemã.

Abstract

João Félix Pereira (Lisbon, 1822-1891) was a Portuguese polygraph who, although currently not very well-known, contributed in an interesting way to the diffusion of several areas of knowledge such as Medicine, to education and to the transmission of foreign texts in Portugal, not only literary, but also technical, namely within the fields of Medicine, History and Economics. Apart from writing original works, he also translated into Portuguese works originally written in an array of foreign languages, such as Latin, Greek, German, English, French, Spanish and Russian. In addition to these languages, João Félix Pereira might also have known some Danish, Dutch and Swedish. He published his work in books and newspapers (amounting in total to almost 200 titles) and left a number of unpublished texts.

This dissertation aims to reveal a portion of the unpublished translation of João Félix Pereira titled *Selecta portuguesa constante da tradução de trechos dos melhores escriptores alemães*, which is comprised of a set of 47 narratives of different themes and sizes written by several German-language authors from XVIII and XIX centuries.

For this purpose, a short biographical note of the translator is given in the first place, hereby his life and work being presented. Secondly, the material description of the only known witness of the translation is undertaken, highlighting the way the material support was prepared. Furthermore, in this description some aspects of doubtful interpretation, namely some signals or references whose meaning is uncertain, are approached. The core of the present dissertation is comprised of the genetic edition of 12 of the 47 narratives of *Selecta Portuguesa*. This edition is preceded by a classification of variants which supports the contention that the remnant translation is in a relatively initial phase.

Keywords: João Félix Pereira, Genetic Criticism, Genetic Edition, Translation, German Language Literature

Agradecimentos

De todas as pessoas a quem eu devo agradecer, começo primeiro pela minha mãe. Por me ter sempre apoiado nos meus estudos, por me ter encorajado a não desistir. Pela paciência e pela compreensão. Por me ter sempre chamado para a ajudar a fazer o jantar e para ir para a mesa quando eu me atrasava. Por ter sempre aceitado cada vez que eu pedia «só mais um bocadinho». Obrigada, mãe.

À Raquel. Por todas as vezes que me interrompestes quer com uma pergunta, quer com uma gargalhada, enquanto trabalhava ao computador. Mesmo quando te pedi para me deixares concentrar no que fazia e fingiste não me ouvir, continuando com as tuas brincadeiras.

A outros membros da família, o Alex, a Sara e a avó. Por terem acreditado que eu conseguia. Está quase.

Saindo da esfera familiar, um agradecimento especial a todos os professores que tive ao longo destes anos. Se a sala de aula foi para mim como uma segunda casa, a vocês isso se deve.

À Professora Ângela Correia. Que, numa tarde, num corredor da faculdade, me falou da Bibliotécnica Portuguesa e me perguntou se queria fazer uma edição electrónica para o site. Que, alguns meses depois, me encorajou a pensar no curso de Crítica Textual como uma hipótese.

À professora Cristina Sobral. Por ter inculcado em mim o gosto pela Crítica Genética. E por me ter incentivado a considerar a minha formação inicial como uma mais-valia.

Ao Professor João Dionísio. Por me ter orientado, e pela enorme paciência que teve comigo enquanto o fazia.

E a todos os professores que tive ao longo deste curso. Por terem dado um pouco daquilo que sabiam para a minha formação. Por terem contribuído para o meu gosto crescente por esta área.

Sumário

Resumo.....	1
Abstract.....	2
Agradecimentos.....	3
Índice de ilustrações.....	6
Índice de quadros.....	7
Apresentação.....	9
Nota biográfica de João Félix Pereira.....	11
Descrição material de N32/98	
A história.....	19
O suporte.....	23
A escrita.....	37
Classificação e análise das variantes	
Categorias de variantes.....	41
Identificação do texto-base de cada narrativa.....	45
Interpretação de algumas variantes.....	51
Edição genética.....	65
Critérios de edição.....	66
<i>Algumas narrativas da <i>Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães</i></i>.....	69
Considerações finais.....	131
Anexo A: Obra publicada de João Félix Pereira.....	133
Anexo B: Manuscritos de João Félix Pereira na Área de Reservados da BNP.....	153
Anexo C: Manuscritos da Colecção N32 da BNP.....	157
Referências bibliográficas.....	163

Índice de ilustrações

Figura 1: Representação esquemática de um bifólio da <i>Selecta portugueza</i>	23
Figura 2: Representação esquemática de um bifólio aberto da <i>Selecta portugueza</i>	23
Figura 3: Representação esquemática de um bifólio numerado no canto superior esquerdo.....	24
Figuras 4, 5 e 6: Afinidades entre bifólios.....	29
Figura 7: Afinidades entre fólhos e bifólio.....	29
Figuras 8, 9, 10 e 11: Outros casos de afinidade entre bifólios.....	30
Figura 12: Folha de papel dobrada, numa fase inicial.....	31
Figura 13: Folha de papel cortada, depois de ter sido dobrada.....	31
Figuras 14, 15 e 16: Três casos em que se conseguiu identificar todos os elementos iniciais de uma folha de papel.....	32
Figura 17: Tira de papel.....	34
Figura 18: Tira de papel dobrada em bifólio.....	34
Figura 19: Bifólio com margem interna.....	34
Figura 20: Corte de separação de dois fólhos.....	35
Figura 21: O primeiro fólio da <i>Selecta portugueza</i> (folha de rosto).....	36
Figura 22: O último fólio da <i>Selecta portugueza</i> (515-16a).....	37
Figura 23: A última página ocupada de «Infelicidade de Fetka e dos seos» (356/1-5a)....	38
Figura 24: Os quatro movimentos realizados por um copista, segundo Vinaver.....	44

Índice de quadros

Quadro 1: Os textos de que se compõe a <i>Selecta portugueza</i>	25
Quadro 2: Pares de fólhos identificados.....	36
Quadro 3: Ocupação das margens laterais.....	39

Apresentação

João Félix Pereira nasceu em Lisboa em 1822 e morreu na mesma cidade em 1891. Foi um polímato português que teve formação em diferentes áreas do saber, como Medicina, Engenharia Civil, Agronomia e Taquigrafia, embora não se saiba se foi activo em todas elas. Foi professor no Liceu Nacional de Lisboa entre 1849 e 1874. Dedicou-se à escrita e publicação de obras originais e também de traduções (traduziu do grego, latim, alemão, inglês, francês, italiano, espanhol e russo), cujo conjunto espelha a familiaridade que teve com vários domínios do conhecimento. A sua extensa obra foi publicada em livros e diversos periódicos, tendo deixado alguns textos inéditos.

Uma das traduções a que se dedicou foi intitulada *Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães*. Trata-se de um conjunto inédito de 47 textos de temas e extensões variados: nesta colecção encontram-se relatos de viagem e de carácter histórico, textos filosóficos e moralizantes, entre outros; os textos mais curtos ocupam apenas uma página, enquanto o texto mais extenso desenrola-se ao longo de 61 páginas. As narrativas são da autoria de diversos autores de expressão alemã dos séculos XVIII e XIX.

O único testemunho conhecido desta tradução é o N32/98, que faz parte da Colecção João Félix Pereira (N32), depositada no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Não se sabe de maneira precisa quando é que a Colecção deu entrada na BNP, tal como não se sabe quando João Félix Pereira terá começado a verter para português as narrativas, ou qual o texto-base para a sua tradução. Há, no entanto, notícia desta tradução no verbete sobre João Félix Pereira do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (cf. SILVA, ARANHA, 1883: p. 245).

Esta dissertação tem como propósito imediato dar a conhecer parte desta tradução inédita de Félix Pereira. As narrativas editadas foram escolhidas por serem aquelas que apresentam o maior número de episódios genéticos de escrita. O documento portador da tradução foi abordado sobretudo de três modos:

1. Do ponto de vista material, procedeu-se a uma descrição material com o fito de tentar perceber como foi preparado o suporte para receber a escrita e como foi implantada esta última, tanto no que diz respeito ao texto propriamente dito, como no tocante a instruções e sinalética usada pelo tradutor.

Apresentação

2. Do ponto de vista da crítica genética, foi realizada uma análise de vários momentos-chave da elaboração do texto, tendo em conta as operações tradicionalmente consideradas nesta disciplina. A observação destas operações foi dirigida com o fito de tentar perceber o grau de apuramento da tradução em apreço, querendo com isto sugerir que a análise em abstracto, e sem direccionamento, das operações de escrita pode redundar em trabalho algo discutível. A exaustividade que se pode obter através da identificação, levantamento e interpretação abstracta destas operações, aliada à capacidade de aplicação que elas demonstram possuir, pode conduzir à ilusão de que se pode prescindir de um juízo. Não creio que seja assim e estou convicta de que só com uma restrição de perspectiva este tipo de análise pode levar a resultados interessantes. Foi o que tentei fazer, apesar de o ensaio de determinação dos textos (ou texto) de partida não ter sido categórico. Uma observação adicional sobre a análise de variantes: sendo a tradução e a edição de texto actividades com alguma vizinhança conceptual, pareceu-me fundamental em certos momentos tentar distinguir entre João Félix Pereira enquanto tradutor e João Félix Pereira enquanto copista.

3. Do ponto de vista da edição, a transcrição que apresento é de índole conservadora e, por um lado, vale por ela própria como representação do texto, por outro, tem uma função duplamente experimental: testa a adequação da codificação simbólica a acidentes e etapas da escrita (os desafios mais delicados relacionam-se com a falta de conformidade entre o eixo temporal e o eixo espacial: algo que aparece depois no espaço pode ter sido escrito antes); testa a legibilidade da edição de uma amostra como antecâmara possível para uma edição integral da *Selecta*.

De modo a amenizar o carácter um tanto técnico desta dissertação e sobretudo para contextualizar historicamente o objecto de estudo aqui em apreço, foi julgado pertinente começar por um breve enquadramento biográfico da figura do autor. É também a título de enquadramento que no fim do presente trabalho se apresentam três anexos: o primeiro, uma lista das publicações de João Félix Pereira organizadas cronologicamente (Anexo A); o segundo, um elenco dos manuscritos do referido polímato que se encontram na Área de Reservados da BNP (Anexo B); o terceiro, a lista de manuscritos da Colecção N32 da BNP, que reproduz uma parcela do inventário desta colecção.

Nota biográfica de João Félix Pereira

João Félix Pereira nasceu em Lisboa, no dia 20 de Novembro 1822¹, filho de António Pereira, comerciante, e de D. Ana Rita Pereira² (SILVA, ARANHA, 1883: p. 241), e faleceu em 1891, segundo Sampaio, vitimado por uma pneumonia (1930: p. 231).

Iniciou os seus estudos em 1828, mas, segundo Brito Aranha, foi forçado a interrompê-los por motivos políticos. Apesar de não especificar os motivos, assim como o período em que tal hiato ocorreu, percebe-se que com «successos politicos» Brito Aranha se refere à Guerra Civil que durou entre 1828 e 1834. De facto, João Félix Pereira retomou os estudos em 1834, tendo depois trabalhado entre 1838 e 1841 no comércio (SILVA, ARANHA, 1883: p. 241).

Brito Aranha não é muito claro na sua exposição sobre o percurso estudantil e profissional de Félix Pereira, mas nas folhas de rosto das obras deste aparece quase sempre um pequeno texto a explicar quem é o autor. Em 1844 (*As expedições de Dario e Xerxes contra a Grecia*) Félix Pereira era «alumno da eschola medico-cirurgica de Lisboa» e em 1848 estava já no quarto ano do curso de medicina (*Cholera-morbus*). Em 1849 (*Compendio de historia de Portugal*), ainda não tinha acabado o curso, mas era já lente de Geografia, Cronologia e História no Liceu Nacional de Lisboa, cargo que manterá até 1874. O mesmo autor refere que Félix Pereira, durante esse período de 25 anos, terá ainda regido «as cadeiras de introdução e de mathematica, no lyceu; e de geographia commercial na aula do commercio (...)» (SILVA, ARANHA, 1883: p. 241).

Félix Pereira casou-se a 7 de Maio de 1851 com Carolina Adelaide de Sequeira³, filha do cirurgião António Sequeira da Nazareth⁴. Tiveram apenas uma filha, Maria Carolina Pereira, nascida em Junho de 1852 (PEREIRA, 1876a: p. 6), para quem o pai escreveu o livro *Primeiras linhas da grammatica portugueza* (1863) e a quem ainda dedicou a peça *A companhia do olho vivo* (1876b). Da vida doméstica do nosso polígrafo,

¹ Livro de Registos de Casamento da Paróquia de São Nicolau, 02-C, folha 419 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4820356>.

² Também se encontraram referências a D. Ana Rita Pereira em duas dedicatórias de Félix Pereira, uma em *Resumo da historia romana* e a outra em *Epitome da historia sagrada*, ambas segundas edições de 1878.

³ Livro de Registos de Casamento da Paróquia de São Nicolau, 02-C, folha 419.

⁴ Temos notícia de António Sequeira da Nazareth no Registo Geral de Mercês do reinado de D. Maria II, como sendo «cirurgião approved pela antiga Eschola de Cirurgia de Lisboa, e Cirurgião extraordinario do Hospital de São José», e que por decreto da mesma rainha foi promovido a «cirurgião ordinario do mesmo Hospital a 27 de Novembro de 1849. Cf. Registo Geral de Mercês, D. Maria II, liv. 34, fl. 97 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=2003198>.

sabe-se que morou na Rua da Escola Politécnica (*idem*: p. 40) e, a partir de 1874, no n.º 36 da Rua Larga de São Roque (*idem*: p. 93). Albino Forjaz de Sampaio dá-nos conta de que morou ainda em Camarate (SAMPAIO, 1930: p. 299). Com Félix Pereira e com a sua família morava o doutor Pedro Francisco da Costa Alvarenga, nascido em 1826 em Oeiras, município do estado brasileiro do Piauí, e falecido em 1883 em Lisboa. Médico brasileiro a viver em Lisboa desde os oito anos (BLAKE, 1902: pp. 37-8), era amigo de infância de João Félix Pereira e ter-se-á mudado para casa da família deste quando Maria Carolina era ainda muito nova (PEREIRA, 1876a: p. 6).

Quatro meses depois do seu casamento, no dia 16 de Outubro, Félix Pereira defendeu a tese *Anesthesia Cirurgica*, publicada no mesmo ano. A partir de então, e durante vários anos, aparecerá nas suas obras a indicação de que é «Medico e cirurgião pela escola de Lisboa; professor de geographia, chronologia e historia no lyceo da mesma cidade», por vezes com algumas variações. Embora apareça quase sempre como médico, esta não foi uma profissão que tenha realmente praticado. A este respeito Albino Forjaz de Sampaio fez o comentário: «era médico, mas não exercia clínica e tinha até um certo prazer em falar mal dos médicos» (SAMPAIO, 1930: 227). Ainda assim, não deixava de ter uma relação muito próxima com a medicina, como se verá mais à frente.

A sua formação diversifica-se por outros campos do saber. Foi aluno da Escola Politécnica e, em 1859 (*Primeiro livro da história dos gregos e dos persas*), surge também como aluno da Escola do Exército, instituições em que, segundo Aranha Brito, terá feito os seus estudos de Engenharia Civil, tendo ainda realizado o curso de Agronomia no Instituto Geral de Agricultura («Algumas palavras sobre a questão da grande e da pequena cultura», de 1866). A partir de 1867 surge comumente referido como «Medico, engenheiro civil e agronomo». Estudou ainda Taquigrafia e aparece efectivamente mencionado como taquígrafo em 1879 (*Eneida*). Brito Aranha refere também que João Félix concorreu às cadeiras de História filosófica do Curso Superior de Letras, em 1860, e de Direito marítimo internacional da Escola Naval, em 1863. Dos resultados destes concursos temos apenas informação do primeiro, sobre o qual diz Luís Prista:

Embora Chagas refira um concurso de Literatura Moderna, não é de descartar que se tratasse afinal do da 5.ª cadeira [História Universal Filosófica], aberto a 31 de Outubro de 1859 e a que se apresentaram pelo menos João Félix Pereira e João Nepomuceno de Seixas. (...) as provas teriam decorrido por Fevereiro de 1860, com todos os candidatos a ficarem mal; (...) (PRISTA, 2013: p. 989).

Não se sabe se foi activo nas suas áreas de formação, mas contribuiu de modo substancial pelo menos para a Medicina e Agronomia. Como dito anteriormente, João Félix Pereira produziu em vida uma vasta obra que inclui traduções e textos de extensões e temas muito variáveis. Abrindo um qualquer livro seu, o leitor aperceber-se-á de que, geralmente nas primeiras páginas, embora possa também aparecer no fim, surge quase sempre uma lista actualizada de toda a sua obra publicada. Façamos, pois, uma apresentação enumerativa e sumária da sua obra.

Traduziu do alemão, espanhol, francês, grego, inglês, italiano, latim e do russo⁵ obras literárias e científicas que vão desde a Antiguidade Clássica e Latina, passando por obras italianas e inglesas do Renascimento e por obras do Iluminismo e Classicismo, até a textos seus contemporâneos. Entre os textos literários traduzidos por si contam-se fábulas, poesia, teatro, épica e novelas. Traduziu textos técnicos de variadíssimos temas: Medicina e Saúde, Higiene, História da Antiguidade e de França, História sagrada, História da Filosofia, Estatística, Agronomia, Economia política e Gramática.

Da sua própria autoria escreveu, em primeiro lugar, sobre História de Portugal, tanto em português, como em inglês e francês⁶. Sobre este tema deve-se aqui relembrar o que foi apontado no *Atheneu*, sobre o seu *Resumo da História de Portugal* (1850):

Para reconhecer que o auctor dava todas as garantias de bem desempenhar a tarefa, que se tinha imposto, bastava lembrar que, tendo ha annos composto a história de Portugal em tres volumes regulares, este trabalho concorreu em grande parte para se lhe conferir a cadeira d' esta disciplina no Lyceu de Lisboa; que depois escrevera novamente a mesma historia n' um so volume, para servir de compendio aos seus alumnos; e que a obra que hoje apresenta, é um novo resumo, composto sobre o anterior compendio.⁷

Ou, nas palavras de Albino Forjaz de Sampaio:

Quando se maça de escrever sobre um assumpto volta-o do avesso e dá-o de outra forma. Escreveu a *Historia de Portugal* em 3 vols. Depois a Historia em Compendio, depois a Historia em Resumo e finalmente a Historia em Dialogo.

⁵ Deveria dominar ou, pelo menos, ter ainda alguns conhecimentos de dinamarquês, holandês e sueco, dado ter elaborado um *Vocabulário* em doze línguas, em que constam aquelas três línguas. Este *Vocabulário* não foi publicado, mas o seu manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional, com a cota N32/17. Não se sabe quando começou a ser elaborado, mas sabe-se que pelo menos em 1883 João Félix Pereira já teria começado a trabalhar nele (cf. SILVA, ARANHA, 1883: p. 245).

⁶ O inventário da sua colecção, depositada no ACPC com a cota N32, revela que Félix Pereira tencionava igualmente publicar uma *Historia de Portugal* em alemão (N32/24-25). Segundo Brito Aranha, em 1883 o texto já estaria completo, necessitando apenas de revisão (cf. SILVA, ARANHA, 1883: p. 245).

⁷ «Resumo da Historia Portugueza», in *Atheneu*, Lisboa: Typographia do Panorama, 1850, n.º 38, p. 301.

E, não contente, em francez uma Historia de Portugal, e em inglez outra. (SAMPAIO, 1930: p. 225).

Escreveu ainda sobre Corografia de Portugal e do Brasil, Geografia, Geografia matemática, Geografia comercial e industrial; Medicina e Saúde; História sagrada, História da Idade Média, História de Roma, História da Grécia, História universal, História da Agricultura da Antiguidade, História do Comércio; Gramática geral, Gramática inglesa, Ortografia portuguesa, Fonética («Vocabulário sónico»); Aritmética, Lógica, Geometria, Desenho, Química, Física, Etiqueta, Moral e Catecismo, Agronomia e Agricultura, Economia e Legislação rural, Sistema métrico, Zootecnia, Flora e Economia política. Organizou livros de leitura para as escolas e adaptou textos clássicos ao seu século. No geral, muitos dos seus livros eram concebidos para serem usados nas escolas, mais concretamente para serem usados pelos seus alunos.

Publicou não só livros, mas também colaborou em diversos periódicos, entre os quais se destacam a *Assembleia Litterária*, a *Revista Popular*, o *Atheneu*, a *Semana*, o *Archivo Rural*, a *Gazeta Médica de Lisboa*, a *Nação*, a *Revista Agricola*, e o *Jornal Official de Agricultura*.

Nos primeiros anos da década de 70 dá-se um acontecimento na família de João Félix Pereira que o leva a pedir a jubilação do seu cargo de professor de Geografia, Cronologia e História, cargo que mantinha no Liceu Nacional de Lisboa desde 1849. As informações que se têm dos acontecimentos são provenientes de um texto da autoria de João Félix Pereira, *O general António Pedro de Azevedo ou Conselhos aos paes de familia*, de 1876, assim como do texto *Conselho de guerra no castello de S. Jorge. Julgamento do processo intentado por João Felix Pereira contra o general de brigada António Pedro de Azevedo*, de 1875. João Félix Pereira publicou ainda em 1875 *Discurso que no conselho de guerra, onde foi julgado o general António Pedro de Azevedo, devia ser proferido por João Felix Pereira*, e escreveu o drama *A companhia do olho vivo*, publicado em 1876 e manifestamente baseado nos acontecimentos que resumirei de seguida.

Em finais de 1861, ou princípios de 1862, o sogro de João Félix Pereira faleceu, e deixou uma parte da sua herança a Maria Carolina. Sendo esta ainda menor, o pai procedeu a investir os bens da filha em inscrições da Junta do Crédito Público, não as

averbando, porém, no nome de Maria Carolina, mas no seu próprio nome, visto não ter mais filhos e visto entender que assim seria mais seguro (cf. PEREIRA, 1876a: p. 4).

Em 1870, Maria Carolina conheceu Teresa, filha do general António Pedro de Azevedo, o qual, já antes de uma e outra se terem conhecido, de acordo com o que João Félix Pereira só veio a saber mais tarde, se teria informado acerca dos bens deste e da sua filha. João Félix Pereira só terá vindo a saber disto mais tarde, bem como a opinião que a população e que os colegas tinham dele (*idem*: pp. 23-5). Assim, o general teria feito um conluio com a filha, no sentido de se apoderar dos bens de Maria Carolina, que a 10 de Março de 1873 saiu de casa dos pais para ir viver para a casa daqueles (*idem*: p. 41). Em finais de 1874, o caso foi a tribunal, que absolveu o general e que considerou a acusação de João Félix Pereira «improcedente»⁸. Não se sabe se Maria Carolina reatou o relacionamento com os pais, ou se o general António Pedro de Azevedo e a filha tiveram acesso aos seus bens, mas a debilitação da saúde de João Félix Pereira obrigou-o a pedir a jubilação do seu cargo de professor no Liceu Nacional de Lisboa: «O entendimento como que se lhe embota, a memória lhe falha, as forças físicas se lhe desfalcão, a vida periclita-lhe» (*idem*: p. 109).

Não se poderia acabar esta pequena biografia sem antes dar a conhecer ao leitor a imagem que contemporâneos de João Félix Pereira tinham deste. Antes de mais, vale a pena dizer que Camilo Castelo Branco o referiu em pelo menos duas das suas obras, nunca sem o seu tom de ironia. Em *O Carrasco de Victor Hugo José Alves*, João Félix Pereira torna-se sinónimo de verborreia: «Raul de Baldaque estava, pois, escutando as narrativas da luveira em arroubos que sobreexcedem os de um aluno de boa fé absorto a escutar o snr. João Felix Pereira, quando arenga ácerca de Herodoto.» (CASTELO BRANCO, 1872: p. 125). Já em «O filho natural», das *Novelas do Minho*: «Quem soubesse ler a simbólica das arrogantes armas encimadas nos portões das quintas, podia leccionar um curso de história pátria com tanta filosofia como fr. Bernardo de Brito e o Sr. João Félix Pereira, o das várias faculdades.» (CASTELO BRANCO, 1980: p. 217).

Foram-lhe dedicadas duas *farpas*: uma em Julho de 1871, outra em Março de 1873. Em 1871, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão escrevem sobre uma das obras de João Félix

⁸ *Conselho de guerra no castello de S. Jorge. Julgamento do processo intentado por João Felix Pereira contra o general de brigada António Pedro de Azevedo*, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo, 1875: p. 28.

Pereira, os *Preceitos de civilidade*, destinada à instrução primária e que terá tido, pelo menos, onze edições⁹. Este livro deverá ter sido tão memorável que Albino Forjaz Sampaio escolhe precisamente começar o seu texto em homenagem a João Félix Pereira, referindo-se aos *Preceitos*.

Já na outra *farpa*, do número de Março e Abril de 1873, Ramalho Ortigão faz menção ao *Resumo da história romana* de Eutrópio e traduzida por Félix Pereira, comentando sobre a linguagem usada. Vale a pena ver como, na p. 26, e pelas páginas seguintes, Ortigão se dirige ao visado da *farpa*:

Não, francamente, ó Felix, vós, que tendes tantos officios—medico, engenheiro civil e agronomo—vós, que sois na sciencia o mesmo que são na musica os homens dos sete instrumentos, que fazem uma orchestra batendo com todas as partes do corpo, vós que igualmente sois medico com a bocca do estomago, engenheiro civil com os cotovellos, agronomo com o nariz e escriptor publico com os calcanhares, porque não deixaes vós de ser, pelo menos, um perceptor da infancia, um escriptor das escolas?!...

Em primeiro logar isso descañaria um pouco o vosso corpo, ó habildoso João, ó feliz Felix.

Em segundo logar pouparieis á infancia o desgosto de desaprender a sua lingoa lendo nas aulas os vossos escriptos, os quaes a benemerita Junta Consultiva da Instrucção Publica não deixa nunca de approvar, servindo assim na primeira communhão dos que estudam, em vez das sagradas particulas da sciencia, os esterco naseabundos e venenosos das vossas equarissages litterarias.

(...)

A verdade é que ninguem vos entende. (ORTIGÃO, 1873: pp. 26-7)

É o texto de Albino Forjaz de Sampaio, «O ultimo excentrico», que talvez nos apresente mais concisamente quem era João Félix Pereira. Haverá, por certo, um tom exagerado na sua exposição mas, ainda assim, para terminar este breve relato biográfico, cito alguns passos deste texto:

João Felix Pereira foi também um grande excentrico (...). Andava invariavelmente, de verão e de inverno, de casaco de alpaca, calça branca engomada, sem camisola nem ceroulas ou cuecas. O relógio no bolso das calças

⁹ Esta é, pelo menos, a indicação dada nos catálogos das suas obras impressas nas publicações. Tendo em conta que cada «edição» nunca ultrapassava as 500 unidades, devemos estar perante reimpressões. De facto, assim é atestado por Albino Forjaz de Sampaio: «Não consentiu nunca que o número de exemplares das suas edições, passasse de 500 e assim é que, muitas das suas obras, alcançaram dez, doze, quinze, vinte e mais edições.» (1930: p. 229).

e no casaco uma algibeira que ia de lado a lado e onde elle metia tudo quanto se pode imaginar.

(...)

Tinha um trem puxado por um burrico escanzelado. Nunca se preocupou com a alimentação do gerico que andava por onde queria e comia o que encontrava. (SAMPAIO, 1930: pp. 226-7, 22)

Descrição material de N32/98

A história

O conjunto documental com a cota N32/98, portador do título *Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães*¹⁰ faz parte da Colecção João Félix Pereira (N32) que se encontra no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

Pouco se sabe da história deste manuscrito, que é indelével da história da colecção. De acordo com o catálogo da exposição *As mãos da escrita*, a Colecção N32 «(...) foi transferida da Divisão de Reservados para o ACPC¹¹ em 25 de Julho de 1991» (BNP, 2007: p. 116). Quer o catálogo, quer o inventário da colecção indicam que não foi encontrado qualquer registo de entrada da Colecção na BNP (cf. BN, 1996: p. 3, e BNP, 2007: p. 116). No entanto, consultando a pequena lista bibliográfica disponibilizada por Brito Aranha no seu verbete sobre João Félix Pereira para o tomo décimo do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, publicado em 1883, temos o seguinte, na p. 245:

As obras de n.º 5879 a n.º 5893 estão completas, faltando-lhe apenas a ultima revisão. Ao par d' isto, o auctor tem preparado mais as seguintes¹², algumas das quaes em grande adiantamento, cujos mss. examinei:

5894) *A Odissea, de Homero. Trad. do original grego, em prosa.*

5895) *A Araucania, de D. Alonso de Ercilla. Trad. do original hespanhol em verso endecasyllabo, estancia por estancia*¹³. — Vi d' êste trabalho até o canto XXII.

5896) *Os synonymos da lingua portugueza*¹⁴. — Está mui adiantada esta obra, em que o sr. João Felix colligiu grande numero de synonymos que não se encontrarão em outro livro portuguez do mesmo genero.

5897) *Diccionario portuguez-allemão.*

5898) *Vocabulario usual das linguas portugueza e franceza, precedido de um resumo da grammatica franceza e seguido de um glossario de termos commerciaes.*

5899) *Vocabulario vulgar em doze linguas, portugueza, latina, grega, hespanhola, italiana, franceza, ingleza, allemã, hollandeza, dinamarqueza, sueca e russa.*

¹⁰ Referido doravante apenas como *Selecta portugueza*.

¹¹ Deve-se ter em conta que a Área de Espólios foi criada em 1982. Dez anos mais tarde, a Área passou a chamar-se Arquivo de Literatura Portuguesa Contemporânea. Em 1997 adquiriu uma nova denominação, vigente até hoje — Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (BNP, 2007: p. 11).

¹² A maioria destes títulos está presente na Colecção N32. Cf. Anexo C.

¹³ Existem dois mss. na Colecção N32 para este texto. O primeiro, com a cota N32/89, com cerca de 1221 fólhos, deverá conter a tradução de todo, ou quase todo o poema épico. O segundo ms., com a cota N32/ 90, tem cerca de 141 fólhos e, de acordo com o inventário da Colecção, contém apontamentos para a tradução do poema épico (BN, 1996: p. 12). Deve-se ter em atenção, porém, que no Inventário o título atribuído ao poema não é *Araucania*, mas *Araucana*.

¹⁴ Foi publicado em 1885 (Lisboa: Typ. Lucas Evangelista Torres).

- 5900) *Apontamentos para um compendio de arte poetica.*
5901) *O Cosmos, de Alexandre de Humboldt. Trad. do allemão.*
5902) *Curso de mechanica, theorica e applicada. Trad. do original francez.*
5903) *Apontamentos para um compendio de mythologia.*
5904) *Manual de agricultura portugueza*¹⁵.
5905) *Selecta portugueza, constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães.*
5906) *Descripção de algumas familias botanicas, ampelideas, auranciaceas, atripliceas, hetalineas, borragineas, cactecas, compostas, coniferas, cruciferas, cucurbitaceas, cuputiferas, fetos, gramineas, jasmineas, labiadas, leguminosas, liliaceas, portulaceas, rosaceas, salicineas, solaneas, umbelliferas.*
5907) *Algumas palavras ácerca dos tres historiadores gregos, Herodoto, Xenofonte e Ctesias, com relação ao que elles dizem de Cyro, fundador do imperio da Persia.*
5908) *Historia romana de Tito Livio*¹⁶. — Os primeiros dois livros e os primeiros vinte e um capitulos do terceiro livro, traduzidos do original.
5909) *Traducção e analyse da oração de Cicero, por Archia, poeta*¹⁷.
5910) *Alguns dialogos de Luciano Samosatense. Trad. do original grego.* — São os seguintes: Apollo e Vulcano, Vulcano e Jupiter; Jupiter, Esculapio e Hercules; Jupiter e o sol, Apollo e Mercurio, o cyclope e Neptuno, Menelau e Proteo, Neptuno e os golphinhos, o Xantho e o mar, Diogenes e Pollux, Menippo, Amphilocho e Trophonio, Mercurio e Charonte; Terpsião e Plutão, Xenophonte e Callidémides.
5911) *As duas primeiras odes olympicas de Pyndaro. Trad. do original grego*¹⁸.
5912) *Apologia de Socrates, deduzida principalmente do que disse o philosopho perante os juizes que o condemnaram á morte, por Xenophonte. Trad. do original grego.*
5913) *Traducção portugueza e transcripção, em caracteres romanos, do original hebraico do primeiro livro do Pentateuco (o Genesis). (SILVA, ARANHA, 1883: p. 245).*

Como se pode ver em cima, já em 1883 João Félix Pereira estava a trabalhar na *Selecta portugueza*. Mas, se tinha apenas começado, se ia a meio ou se já estava no estado em que se encontra actualmente, não se consegue saber a partir do que Brito Aranha expõe.

Existe ainda um relato de Albino Forjaz Sampaio em «O ultimo excentrico», texto dedicado a João Félix Pereira, onde podemos encontrar este parágrafo sobre o modo como

¹⁵ São vários os mss. que se encontram na Colecção N32 sobre o tema da agricultura. No entanto, nenhum deles tem como título *Manual de agricultura portugueza*. Ver Anexo C.

¹⁶ O ms. encontra-se na Colecção N32, com a cota N32/ 109. No Inventário, à frente do título, encontra-se a indicação: «Livros 1.º, 2.º e parte do 3.º» (BN, 1996: p. 15). É possível, portanto, que depois de o volume do *Diccionario Bibliographico Portuguez* ter sido publicado, João Félix Pereira pouco terá trabalhado nesta tradução.

¹⁷ Foi publicado em 1888 (Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres).

¹⁸ Foi publicado em 1890 (Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres).

o tradutor escrevia e que nos pode levar a considerar algumas questões acerca da história da *Selecta portugueza*:

Escrevia sempre e tinha em casa, ao lado da sua meza de trabalho, duas saccas de linhagem, das que servem para as batatas, que ia enchendo com originaes. Escrevia sempre em papel de 50 linhas, linha sim linha não, para emendar. Terminado o trabalho fazia d' elle um rolo que atava com um cordel e sumia-o dentro da sacca. E como a sua producção litteraria era maior do que a typografica, as duas saccas abarrotavam. Da typografia mandavam-lhe pedir original. Era mesmo o aprendiz, quem por sua indicação ia á sacca e tirava um rolo. Tanto podia sahir uma traducção de Salustio como dum trabalho sobre a influencia dos calos nas marchas forçadas. (SAMPAIO, 1930: p. 228)

Para começar, é de presumir que apenas os originais que estivessem prontos para serem editados seriam postos nas sacas referidas por Forjaz de Sampaio. Sendo que a *Selecta portugueza* precisaria ainda de ser revista¹⁹, não deveria ainda estar na saca aquando da morte de João Félix Pereira, em 1891. Portanto, ou a tradução estaria a ser desenvolvida em 1891, mas teve de ser interrompida devido ao falecimento do tradutor, ou o projecto foi posto de parte em algum momento anterior à sua morte, por uma razão desconhecida.

Para além do mais, o relato de Forjaz de Sampaio leva-nos ainda a considerar uma questão. No parágrafo acima apresentado, o autor revela que Félix Pereira escrevia em folhas de 50 linhas. Como se verá mais adiante, a *Selecta portugueza* foi escrita em folhas lisas de papel branco-amarelado. Uma vez que a Área de Reservados da BNP conserva ainda vários manuscritos que, na sua maioria, são originais para impressão, verificou-se, por exemplo, que o manuscrito *Odes de Horacio. Trad. portugueza, em prosa*, com a cota COD. 7876, é um conjunto de folhas de papel de 50 linhas que estão repletas de marcas de tipógrafo. O livro em causa foi publicado cerca de 4 anos antes de o tradutor morrer. É possível que a utilização exclusiva de folhas de 50 linhas fosse uma prática tardia de João Félix Pereira. Também é plausível que o tradutor fizesse a primeira versão de um texto nestas folhas de papel branco-amarelado e depois escrevesse a versão final nas folhas de 50 linhas. No que concerne a primeira hipótese, um outro documento da Colecção N32, mais concretamente o documento com a cota N32/31, sob o título *Compêndio dos Princípios Geraes da Administração Pública*, com a data, atribuída aquando da inventariação, de «ca 1866», foi escrito em folhas semelhantes de 50 linhas.

¹⁹ No capítulo dedicado à classificação de variantes é feita uma apresentação da hipótese de a *Selecta portugueza* se encontrar ainda numa fase preliminar.

Em contrapartida, o documento N32/19, *Apontamentos para um compêndio de mitologia*, é composto por fólhos do mesmo tipo de papel de que é composta a *Selecta portugueza*. Sabendo que, em 1883, há a indicação de João Félix Pereira estar a preparar ambos os textos, a primeira hipótese parece não se verificar.

Relativamente à segunda hipótese, Forjaz de Sampaio afirma que «a sua produção litteraria era maior do que a typografica». A ser assim, parece irrealista que João Félix Pereira, entre as lições que dava, as lições que frequentava, os estudos que fazia e os textos que escrevia e traduzia, conseguisse ainda passar a limpo grande parte dos seus manuscritos. Apesar disso, encontrou-se três manuscritos, todos eles constituídos por folhas de 50 linhas, para a tradução da epopeia homérica *Iliada*, publicada em 1890. Dois dos manuscritos encontram-se na Colecção N32. O primeiro, com a cota N32/99, parece estar completo e apresenta poucas emendas e escrita caligráfica. O segundo, com a cota N32/100 e datado de 1881, está incompleto — é constituído pelos últimos 11 cantos da epopeia — e apresenta não só uma escrita muito cursiva, como também sinais que poderão ser de taquigrafia, o que dificulta a sua leitura. Este segundo manuscrito foi escrito a lápis e a caneta preta e está riscado, o que poderá significar que se trata de uma versão inicial da tradução que terá sido copiada para um novo suporte e alvo de uma campanha de revisão e/ou de reescrita. O manuscrito que se encontra na Área de Reservados da mesma instituição, com a cota COD. 8222, é também constituído por folhas de 50 linhas, e apresenta não só uma dedicatória e uma errata que figurariam depois na edição, como também marcas de tipógrafo, pelo que se deve tratar de um original para impressão. Comparando-se este manuscrito com o N32/99, constatou-se que se trata de duas versões com grau de apuramento diferente. Sendo assim, a afirmação de Forjaz de Sampaio não contraria a hipótese de várias reescritas de um mesmo texto. Todavia, no exemplo da tradução da *Iliada* não se encontra nenhuma versão da tradução em folhas branco-amareladas. Não se sabe qual a ordem cronológica dos três manuscritos, e também não se sabe se haveria ainda um quarto manuscrito, este em papel branco-amarelado. Se apenas estes três manuscritos fizerem parte da génese da tradução da *Iliada*, assim a segunda hipótese também se revela improcedente. Portanto, só um estudo alargado do espólio de João Félix Pereira poderá levar a uma descrição menos sumária e parcelar do que a sugerida pelo trecho de Forjaz de Sampaio. Vejamos agora as características do suporte, e depois, as da escrita.

O suporte

Na totalidade, o manuscrito tem 251 fólhos. A *Selecta portugueza* é maioritariamente constituída por um conjunto de bifólios²⁰ soltos, os quais têm actualmente este aspecto:

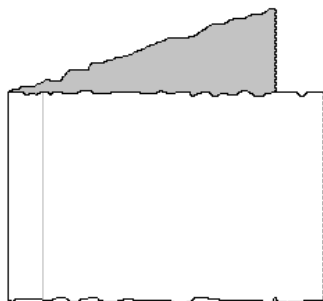


Figura 1: Representação esquemática de um bifólio da *Selecta portugueza*

Quando abertos, têm o aspecto de uma tira horizontal de papel:

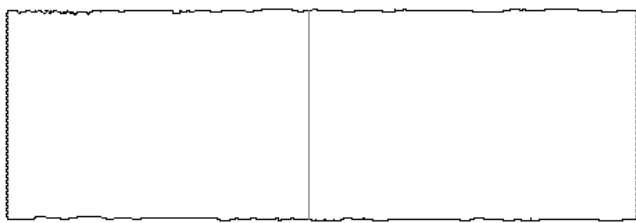


Figura 2: Representação esquemática de um bifólio aberto da *Selecta portugueza*

Uma das faces da folha é sempre mais rugosa do que a outra, independentemente de ser a exterior ou a interior, como se verá mais adiante. Embora haja algumas folhas que têm a gramagem mais baixa do que a maioria, o papel apresenta sempre uma cor branca amarelada, sendo que por vezes, e especialmente nas primeiras e últimas folhas, são visíveis manchas amareladas, as quais não comprometem a legibilidade do texto. O papel não é pautado, embora a escrita se desenvolva de forma linear e o tradutor deixasse entrelinhas com cerca de 15 mm de largura. Também não existem filigrana, pontusais ou vergaturas.

Para continuar a expor as características físicas do suporte, devo explicar antes a numeração dos bifólios — ou fólhos, como se verá —, bem como um outro número que também neles se encontra.

Cada bifólio — ou fólho — é numerado perpendicularmente no canto superior esquerdo com numeração árabe autógrafa, escrita com uma tinta preta, e que recomeça a

²⁰ Na verdade, podem ser bifólios ou fólhos, como se verá mais adiante quando for explicado os cortes de separação de duas folhas de um bifólio.

cada novo texto, podendo por vezes haver enganos. No entanto, há dois casos em que os bifólios — ou fólios — não são numerados. No primeiro caso, nas narrativas cuja extensão não vai além de um bifólio, este não é numerado, por não haver fólios ou bifólios seguintes. No segundo caso, a folha de rosto também não foi numerada, à semelhança do que sucede nos livros impressos, mas diferentemente da prática corrente neste conjunto documental. Exceptuando estes casos, não se encontrou qualquer lapso na numeração.

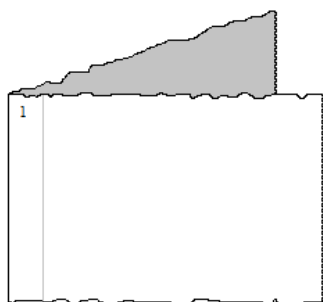


Figura 3: Representação esquemática de um bifólio numerado no canto superior esquerdo

No canto superior direito, por outro lado, o tradutor escreveu um número, que pode ser de dois ou três dígitos, e que é, na maior parte das vezes, diferente de texto para texto. Provavelmente, para resolver a sua repetição, era subscrito um outro, de um só dígito, que pode ser um 1, 2 ou 3. Os números que têm um outro subscrito parecem ser um número único, tal como aqueles que não têm qualquer número subscrito, pois parece haver da parte do tradutor a intenção de não os repetir. De facto, a narrativa «A côrça e a sua cria» tem o número 16, enquanto a narrativa «O cavallo calumniado» tem o número 16/3. A primeira narrativa onde aparece esta subscrição é «Vingança do homem honrado» e torna-se depois constante a partir de «O duque de Alva durante um almôço no castello de Rudolstadt no anno de 1547», à excepção de três narrativas («Cousas notaveis de Islandia», «O crocodilo», «Dos steppes e desertos»). Todavia, há a repetição do número 31/3, que surge quer no texto «O sol e as nuvens», quer na narrativa «A raposa e o esquilo». A acrescentar, temos ainda a narrativa «Myrtill e Daphne» com o número 31/1, portanto, bastante próximo de 31/3. Ainda assim, visto este caso de repetição ser um caso excepcional, coloca-se a hipótese de cada número identificar, de algum modo, a respectiva narrativa²¹. Por esta razão, dei a este número a denominação de «Número Identificativo do Texto» (NIT).

²¹ No capítulo «Classificação e análise das variantes» menciono algumas hipóteses para a origem deste número.

Sendo assim, apresento agora uma lista com os títulos de cada narrativa, com o número de páginas e com os NITs respectivos, bem como indico ainda os casos em que houve algum engano na numeração dos bifólios. Na coluna dedicada ao número de páginas ocupadas, os números iniciais indicam o número de páginas ocupadas, *i.e.*, sem ter em consideração as páginas em branco. Os números entre parênteses indicam o número de bifólios e fólios ocupados, incluindo as páginas em branco. A ordem dos títulos no quadro segue a ordem das narrativas na *Selecta portugueza*. As narrativas cujos títulos se encontrem a negrito são aquelas que foram editadas.

Título	NIT	N.º de páginas (com n.º de bifólios e fólios ocupados, sem contar com páginas em branco)	Enganos na numeração
Folha de rosto		1 p. (1 f.)	Não se aplica
A noite de anno bom d' um desgraçado	568	7 p. (2 bf.)	Nenhum
A descoberta de O-Tahiti	531	14 p. (3 bf. + 1 f.)	O fólio 4 foi inicialmente numerado como sendo o terceiro, mas depois o tradutor corrigiu o erro
As saturnais	505	22 p. (5 bf. + 1 f.)	Nenhum
A erupção do Vesuvio em 1794	462	26 p. (6 bf. + 1 f.)	Nenhum
O destino do homem	152	6 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
Boa vontade	145	5 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
A dignidade do homem	148	8 p. (2 bf.)	Nenhum
A côrça e a sua cria	16	5 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
O valle dos anjos	113	8 p. (2 bf.)	Nenhum
O campo	26	3 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
O jardimzinho inglez	184	6 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
Canto de Lotte	297	2 p. (1 f.)	Não se aplica (não foi numerado)

Vingança do homem honrado	42/3	7 p. (2 bf.)	No primeiro bifólio, onde costuma aparecer o número do bifólio, o tradutor escreveu inicialmente 42 (NIT), mas depois emendou
Achado da sancta lança em Antiochia	141	8 p. (2 bf.)	Nenhum
Um dia no equador	511	18 p. (4 bf. + 1 f.)	Nenhum
Caracteristico do allemão e do seu paiz	624	4 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
Puericia de Abraham	48	7 p. (2 bf.)	Nenhum
Fragmento da história de Bremen Desgraças dos tempos	680	3 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
O duque de Alva durante um almôço no castello de Rudolstadt no anno de 1547	649/2	8 p. (2 bf.)	Nenhum
Pintura d' uma batalha naval	497/1 ²²	22 p. (5 bf. + 1 f.)	Nenhum
Meninice e infelicidade de Paiwai	329/1	21 p. (5 bf. + 1 f.)	Nenhum
Infelicidade de Fetka e dos seos	356/1	17 p. (4 bf. + 1 f.)	No último fólio, em vez de o numerar como sendo o quinto, numerou-o como sendo o quarto
O fuso de ouro	279/1	21 p. (5 bf. + 1 f.)	Nenhum
O grande monte de S. Bernardo	470/1	19 p. (5 bf.)	Nenhum
A infelicidade	384/1	8 p. (2 bf.)	Nenhum
Cousas notaveis de Islandia	457	15 p. (4 bf.)	Inicialmente o tradutor numerou o segundo bifólio

²² João Félix Pereira primeiro escreveu «457/1», mas depois, não se sabe quando, provavelmente ao atribuir o NIT 457 ao texto «Cousas notaveis de Islandia», corrigiu para «497».

			como sendo o primeiro, mas depois corrigiu o erro
O jovem pescador	245/1	14 p. (3 bf. + 1 f.)	Nenhum
O prado azul ferrete	22/1	9 p. (2 bf. + 1 f.)	Nenhum
A aposta	415/1	13 p. (3 bf. + 1 f.)	Nenhum
A surpresa	135/1	7 p. (2 bf.)	Nenhum
O poder da religião	99/1	2 p. (1 f.)	Não se aplica (não foi numerado)
O crocodilo	222	7 p. (2 bf.)	O último fólio (o 2.º do segundo bifólio) foi também numerado, mas como sendo o primeiro, tendo no canto superior direito o NIT. O título da narrativa, por sua vez, foi escrito não na margem como habitualmente, mas no cabeçalho da página
O valle dos brahmanes	197/1	20 p. (5 bf.)	Na primeira página, no canto superior esquerdo, onde costuma escrever o número do bifólio, o tradutor escreveu inicialmente o NIT, mas depois corrigiu e escreveu o número do bifólio (1)
O habitante do Libano	118/1	5 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
Fiel amizade	192/1	12 p. (3 bf.)	Nenhum
As quatro estações	29/1	6 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
O sol e as nuvens	31/3	1 p.	Não se aplica (não foi numerado)
A consolação na adversidade	41/3	2 p. (1 f.)	Não se aplica (não foi numerado)
A vitória	33/3	2 p. (1 f.)	Não se aplica (não foi numerado)
Abdallah	45/3	6 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
O cavallo calumniado	16/3	1 p.	Não se aplica (não foi numerado)
A raposa e o esquilo	31/3	4 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)

O juiz prudente	56/3	4 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
Alexandre em Africa	39/3 ²³	6 p. (1 bf. + 1 f.)	Nenhum
A andorinha posta em liberdade	3†/1	4 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
Myrtill e Daphne	31/1	4 p. (1 bf.)	Não se aplica (não foi numerado)
Dos steppes e desertos	515	61 p. (15 bf. + 1 f.)	Nenhum

Quadro 1: Os textos de que se compõe a *Selecta portugueza*

Como foi dito em cima, a ordem dos títulos no quadro segue a ordem por que estão dispostas as narrativas no estado em que se encontra a *Selecta portugueza*. Analisando o quadro, infere-se que as narrativas não estão ordenadas de acordo com o título, o NIT, ou o número de páginas. A tipologia dos textos — que variam entre relatos de viagens, de episódios históricos, textos de natureza religiosa, contos, textos moralizantes e filosóficos — também não parece ser relevante para a distribuição das narrativas.

Dada esta explicação para as numerações constantes da colecção documental, prossigamos então com a apresentação das características físicas do suporte.

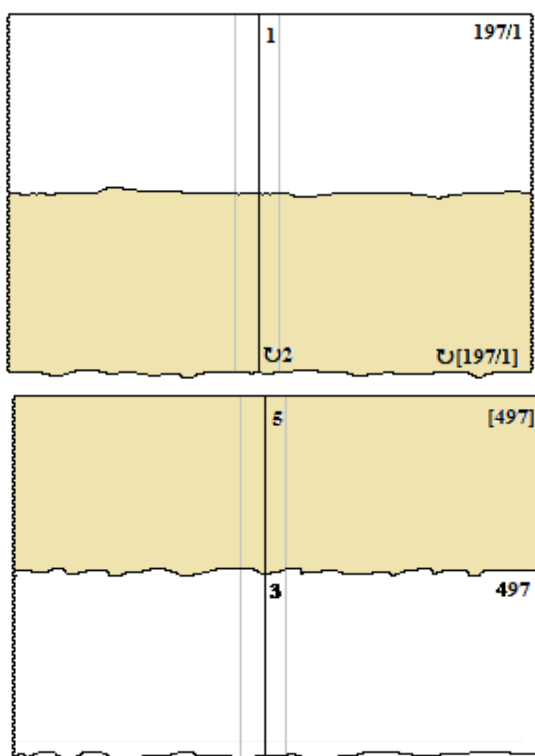
Os bifólios podem apresentar marcas de corte nas quatro margens das folhas, marcas essas que podem ser bastante regulares, ou não. Os cortes das margens superior e inferior parecem ter sido feitos ou com uma régua, ou com uma lâmina lisa, enquanto os cortes das margens laterais parecem ter sido feitos com uma lâmina dentada. Em cada um dos dois bifólios de «A noite de anno bom d' um desgraçado» uma das margens laterais, porém, parece ter sido cortada com uma tesoura. A semelhança entre este corte num e no outro bifólio sugere ainda que as duas tiras de papel estivessem uma em cima da outra quando foram cortadas.

Tendo em conta a face do papel — liso ou rugoso —, a espessura do mesmo, e os cortes que apresentam maior irregularidade, procedeu-se à comparação das tiras de papel dos bifólios de modo a encontrar afinidades entre si e, assim, saber qual seria o tamanho inicial da folha.

²³ O 3 inferior é maior do que o costume; parece que primeiro o tradutor terá escrito ali um 1, mas depois escreveu por cima um 3.

Comparou-se primeiro as margens superior e inferior umas com as outras e, depois, as margens laterais entre si. As margens que apresentam cortes mais regulares não oferecem uma base para comparação, por haver poucas idiossincrasias, pelo que não foi possível identificar as afinidades que possam partilhar. Para além do mais, há folhas para as quais também não se conseguiu identificar os seus pares nas folhas que constituem o conjunto da *Selecta portugueza*, apesar de apresentarem um corte bastante irregular, o que em princípio significaria a identificação dos seus pares. Assim, coloca-se a hipótese de os seus pares se encontrarem noutros documentos. Eventualmente, comparando estas folhas com outras de outros documentos da Colecção N32 poder-se-á identificar os seus pares.

De seguida, mostrarei as folhas cujas ligações se conseguiu identificar. Os números apresentados dizem respeito aos números dos bifólios e aos NITs²⁴. Se estes estiverem acompanhados do símbolo \cup , significa que o bifólio em causa foi rodado num ângulo de 180° e encontra-se, deste modo, com o cabeçalho para baixo. Se, ainda, as folhas apresentam tom creme, significa que as faces externas do bifólio se encontram para baixo. Deste modo temos:



Figuras 4, 5 e 6: Afinidades entre bifólios

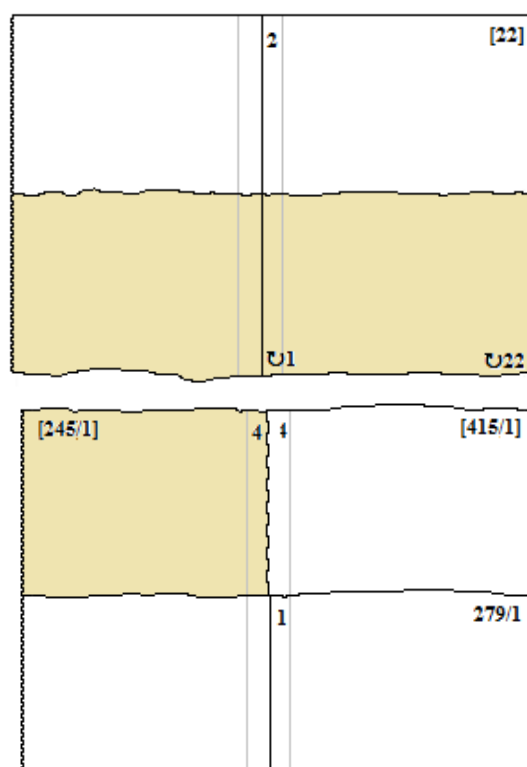
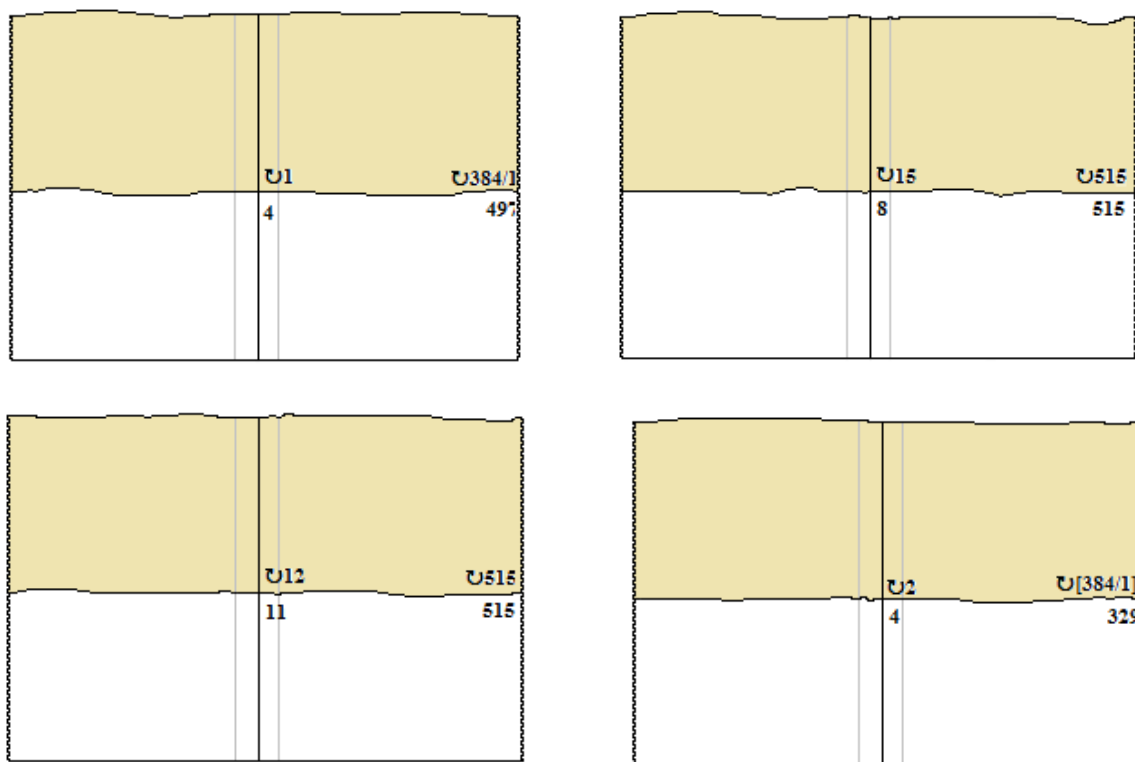


Figura 7: Afinidades entre fólhos e bifólio

²⁴ Para a identificação das páginas de cada texto ver Critérios de edição. Ao longo da descrição material, em vez de cada texto ser identificado através do NIT, foi usado o título.

Como se pode ver pelas figuras 4, 5 e 6, dois bifólios de uma mesma narrativa estiveram previamente unidos e constituíram parte de uma folha. Relativamente às figuras 4 e 6, os bifólios apresentados não têm ligação com os demais bifólios das respectivas narrativas, a saber, «Pintura d' uma batalha naval» e «O valle dos brahmanes».

Nas figuras 4 e 5 temos dois bifólios que foram rodados num ângulo de 180°, isto é, precisaram de ser postos com o cabeçalho para baixo de modo a unir os bifólios. Como o mesmo não acontece com outros casos, como os das figuras 6 e 7, bem como outros que a seguir veremos, é possível que o corte das tiras de papel fosse prévio à escrita. Também não parece ser relevante para a formação dos bifólios se a face rugosa da folha fica na parte interna ou externa do bifólio. No caso da figura 7, as duas folhas de um dos bifólios foram separadas e usadas para diferentes textos. No entanto, vale a pena ressaltar que, enquanto os dois fólhos separados foram usados para a redacção de textos que, de acordo com a lista em cima, estão próximos entre si no manuscrito — encontram-se 12 fólhos entre si —, estes dois fólhos estão mais distantes do bifólio par, que diz respeito à narrativa «O fuso de ouro» — este bifólio dista do fólho 4 de «O jovem pescador» 18 bifólios e 1 fólho, e do fólho 4 de «A aposta» 23 bifólios e 2 fólhos. Mais à frente veremos em pormenor este corte de separação de fólhos. Vejamos para já outros exemplos:



Figuras 8, 9, 10 e 11: Outros casos de afinidade entre bifólios

Nas figuras 8 a 11 podemos ver que em cada uma delas uma das tiras de papel foi rodada num ângulo de 180°. Na figura 8 vemos que o quarto bifólio que contém a narrativa «Pintura d' uma batalha naval» esteve previamente ligado a um bifólio de outro texto, «A infelicidade». Aqui, à semelhança do que acontece com o caso da figura 7, a distância entre um e outro é relativamente grande — encontram-se 20 bifólios e 4 fólios entre si. A distância entre os dois bifólios do caso patente na figura 9 é um pouco menor — 16 bifólios e 3 fólios. No que concerne as figuras 9 e 10, as tiras de papel foram usadas no mesmo texto, «Dos steppes e desertos». Nestas figuras observa-se o mesmo padrão: uma das tiras de papel foi rodada num ângulo de 180° e a face externa está virada para baixo. Com base nestas figuras, uma hipótese pode ser apresentada: inicialmente, a folha foi dobrada e depois cortada em tiras com o auxílio de algo cortante ou de uma régua. Tendo em conta que, nestes casos, as dobras que foram cortadas constituem nuns casos as margens superiores e noutros as margens inferiores das folhas, é de supor que as folhas tenham sido cortadas quando estas estavam ainda dobradas, como se pode ver nas figuras 12 e 13:

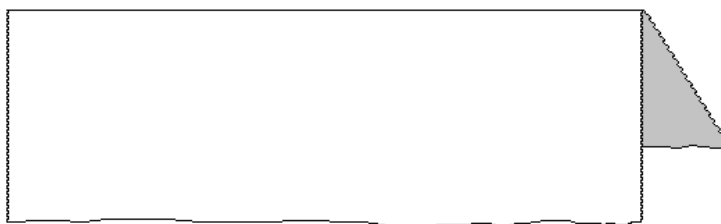


Figura 12: Folha de papel dobrada, numa fase inicial

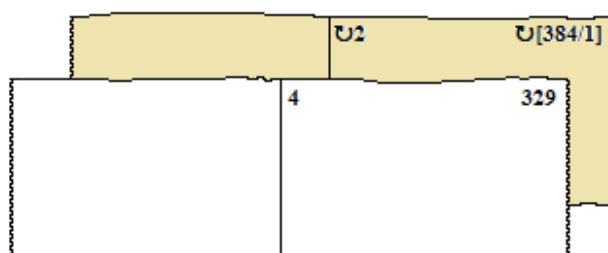


Figura 13: Folha de papel cortada, depois de ter sido dobrada

Depois de cortadas as tiras, estas seriam possivelmente reunidas num conjunto. Como se pode ver pelas figuras 12 e 13, esta hipótese explica porque uma das tiras de papel se encontra rodada num ângulo de 180°.

Vejamos os outros casos, nos quais se conseguiu identificar afinidades entre bifólios:

Figuras 14, 15 e 16: Três casos em que se conseguiu identificar todos os elementos iniciais de uma folha de papel

		U1	U515
		2	515
26			
		1	148

	4	515
515	7	
U152	U1	
	1	568

	5	515
515	6	
16	1	
	2	568

Estes são os casos em que se conseguiu identificar todos os elementos que constituiriam a folha original²⁵. Como se pode ver nas figuras 14 a 16, uma folha daria para quatro bifólios. Por um lado, nas figuras 14 e 15 um dos bifólios foi virado num

²⁵ Aqui, não incluo os bifólios que estariam previamente unidos pelas margens laterais. Veja-se mais à frente o motivo.

ângulo de 180°, embora a sua posição de proveniência não coincida num e no outro caso — na figura 14, o bifólio encontra-se no extremo superior, enquanto na figura 15, é o segundo a contar do fim —; por outro lado, nas figuras 15 e 16 há duas faces externas viradas para cima, emparelhadas e ao centro, ao contrário do que acontece na figura 14, em que as faces externas e internas dos bifólios estão intercaladas.

Para além do mais, as figuras 15 e 16 não permitem revelar um outro facto: os cortes de configuração dos bifólios patentes na figura 15 são semelhantes aos da figura 16, dando a impressão de terem sido configurados ao mesmo tempo. A ser assim, coloca-se a hipótese de uma das folhas ter estado em cima da outra aquando do seu corte.

De acordo com o antes exposto, numa fase inicial as folhas seriam postas umas em cima das outras, numa quantidade que não se conhece precisamente, mas que seria em número de dois ou mais. As folhas seriam de seguida dobradas em quatro e, enquanto estivessem ainda dobradas, seriam cortadas pelas dobras, resultando no final tiras de papel.

No que concerne os cortes das margens laterais, embora sejam bastante irregulares, não se conseguiu identificar afinidades entre as folhas. Não se sabe, por isso, se João Félix Pereira as adquiria assim ou não, se também este dado pode ser um indicativo da baixa qualidade do papel ou não. No entanto, deve-se dizer que há duas folhas, que são os dois bifólios do texto «A noite de anno bom d' um desgraçado», que, numa das margens laterais, apresentam cortes semelhantes aos que são realizados por uma tesoura. Como estes cortes são semelhantes, também se pode dizer que as tiras de papel estariam uma em cima da outra no momento em que o corte foi feito. Todos os outros cortes apresentados nas margens laterais parecem ter sido feitos por uma lâmina dentada, embora haja casos em que o desgaste alisou as margens. Nestes casos não há perigo de ilegibilidade do texto.

Portanto, numa fase inicial, e sem poder considerar as margens laterais, a folha teria um aspecto semelhante ao que se encontra nas figuras 14 a 16. Teria cerca de 660 mm de comprimento por, pelo menos, 450 mm de largura.

Depois do corte de configuração obter-se-iam então tiras de folhas com cerca de 160 mm de comprimento por cerca de 450 de largura:

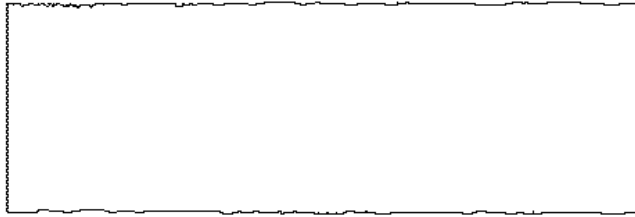


Figura 17: Tira de papel

Estas tiras terão sido depois dobradas ao meio, pela largura, tendo-se possivelmente obtido o que parece ser um bifólio A4 cortado ao meio:

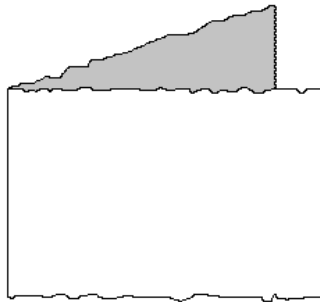


Figura 18: Tira de papel dobrada em bifólio

Cada fólio tem cerca de 225 mm de comprimento. Depois de dobrada a tira de papel num bifólio, terá sido feita uma ligeira dobra na margem interna do bifólio, com cerca de 25 mm²⁶:

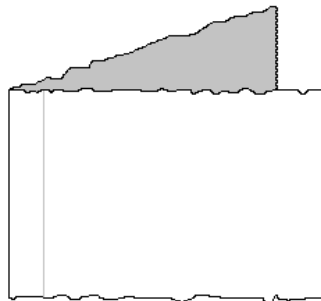


Figura 19: Bifólio com margem interna

A hipótese de ser feita uma dobra nestas condições parece ser verosímil, pois com o bifólio fechado seria muito mais cómodo dobrar a parte interna do bifólio. É possível que João Félix Pereira fizesse uso de uma régua ou de algo semelhante para auxiliar a execução da dobra. A ter sido assim, o mesmo instrumento que utilizaria poderia também ser o mesmo para fazer os rasgos vistos em cima. Por outro lado, a hipótese de a margem ter sido marcada a ponta seca não é verosímil, pois não são visíveis marcas que apontem nesse sentido. Pelo contrário, nos bifólios é visível uma ligeira dobra na zona da margem.

²⁶ Este valor pode chegar quase aos 30 mm.

Salvo esta margem planeada pelo tradutor, por prever a necessidade de espaço para a revisão da tradução, foram igualmente deixadas uma margem superior com cerca de 15 mm, com uma diferença nunca superior a meio centímetro, e uma margem inferior com cerca de 10 mm, com uma diferença também nunca superior a meio centímetro.

Para além do mais, o tradutor, ao começar a tradução de um novo texto, utilizava um novo bifólio. Para terminar a tradução de um texto, ou se uma narrativa não ocupasse mais do que um fólio, e se por isso não fossem necessários os dois fólios de um bifólio, mas apenas um, um dos fólios era preenchido, e depois os dois fólios eram separados. O segundo seria em seguida usado para uma outra narrativa. A esta separação dos dois fólios deu-se o nome de corte de separação.

No manuscrito N32/99, constituído por fólios soltos, encontra-se, no fim, um bifólio em que apenas o primeiro fólio foi ocupado. Os fólios não terão sido separados, eventualmente, por esquecimento. Pensa-se, deste modo, que primeiro o fólio era ocupado e depois os dois fólios eram separados.



Figura 20: Corte de separação de dois fólios

De um total de 251 fólios, 27 são fólios solitários. Embora nem sempre se possa relacionar dois fólios como sendo provenientes de um mesmo bifólio, por os cortes não apresentarem idiossincrasias partilhadas por um e outro fólio, ainda assim foi possível encontrar alguns pares de fólios correspondentes, sendo que cada um desses fólios neste caso diz respeito aos últimos de cada narrativa. Não se encontrou nos pares correspondentes fólios que fossem os únicos utilizados para a tradução de uma narrativa. Por outras palavras, dos casos em que para a tradução de uma narrativa só tenha sido necessário um fólio, não se encontrou um par de fólios correspondentes. O quadro seguinte mostra as correspondências feitas. Os títulos em causa dizem respeito à última folha da narrativa.

A descoberta de O-Tahiti	Um dia no equador
As saturnais	Alexandre em África
Pintura d' uma batalha naval	Meninice e infelicidade de Paiwai
O jovem pescador	A aposta

Quadro 2: Pares de fólhos identificados

Como se pode ver, de um universo de 27 fólhos separados, apenas se conseguiu identificar 4 pares de fólhos que antes formavam uma unidade. Não foi possível identificar outros pares, ou por os cortes serem regulares, ou por as margens estarem desgastadas.

A *Selecta portugueza* não tem encadernação, mas nas folhas são visíveis marcas, ao meio, no sentido da largura, de o conjunto ter sido unido com um fio de grossura média, ou uma corda fina. A primeira e a última folhas foram um pouco danificadas pelo fio, como se pode ver em baixo, sem contudo o seu conteúdo ficar comprometido.

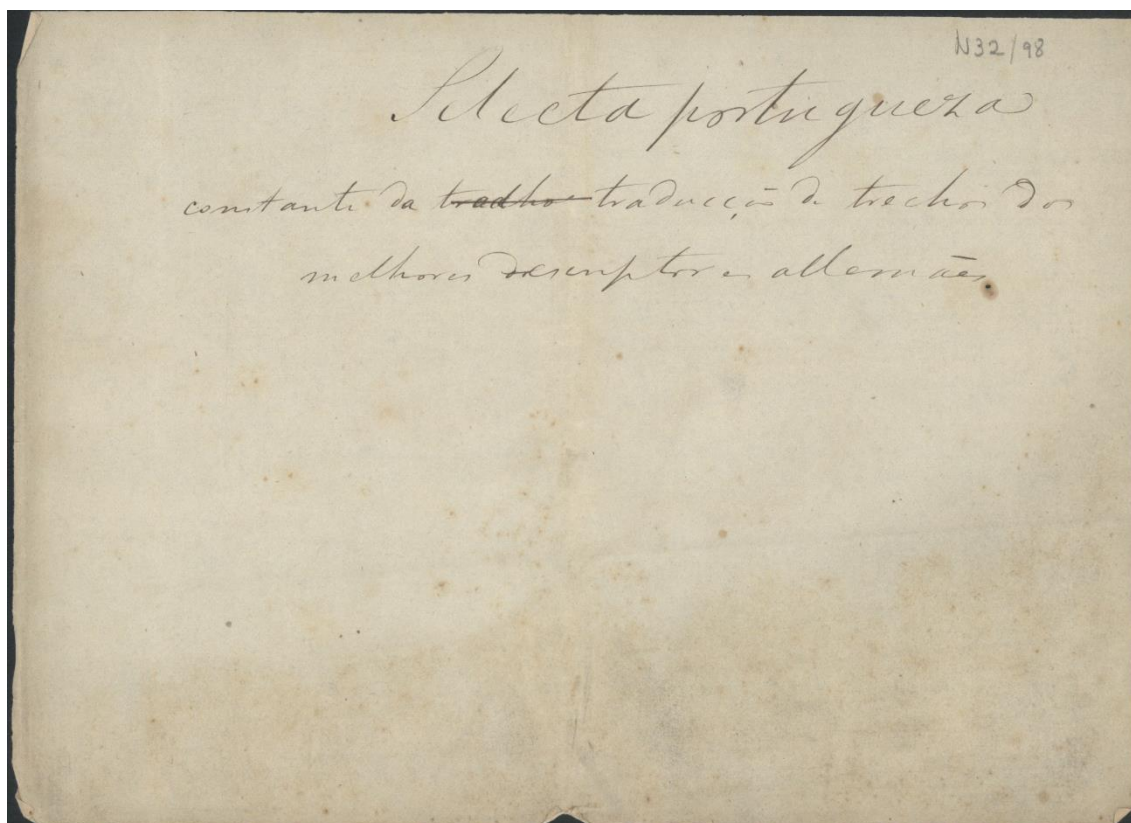


Figura 21: O primeiro fólho da *Selecta portugueza* (folha de rosto)

Na Área de Reservados encontrou-se um códice, intitulado *Novo additamento do Compendio de Geographia*, com a cota COD. 8224, o qual é composto por 19 fólhos soltos que estão unidos por um fio cor-de-rosa não muito grosso. À semelhança do que acontece na *Selecta*, no COD. 8224 também são visíveis rasgões no primeiro fólho. É possível, por isso, que a *Selecta portugueza* tenha estado previamente unida por um fio semelhante.

Salvo os cortes preparatórios do suporte e os rasgões provenientes do fio que uniu previamente todo o conjunto, deve-se mencionar ainda que a primeira e a última folha são as que em pior estado se encontram. A última folha, por sua vez, apresenta dobras em cada um dos cantos, os quais não comprometem a leitura do texto.

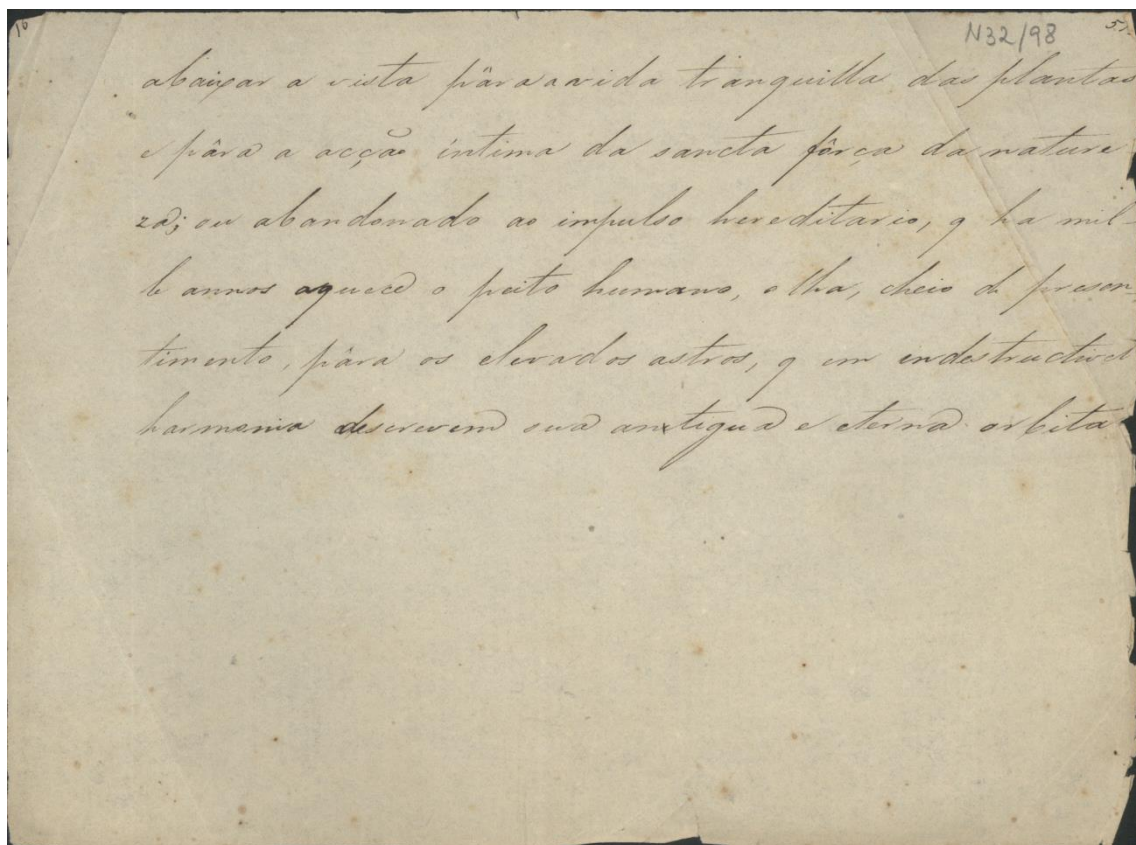


Figura 22: O último fólho da *Selecta portugueza* (515-16a)

Vejamos agora, as características da escrita de João Félix Pereira na *Selecta portugueza*.

A escrita

João Félix Pereira usou, para a *Selecta portugueza*, os dois lados dos fólhos para escrever. Mas, se uma narrativa acabasse no recto de uma folha, e se por isso não precisasse do verso, usava um novo bifólho para traduzir uma nova narrativa. Como foi dito anteriormente, se para uma narrativa não fosse preciso usar os dois fólhos de um bifólho, estes eram separados e só se usava um, mesmo que fosse para escrever no recto

apenas uma linha de texto. Para exemplificar temos a última página escrita de «Infelicidade de Fetka e dos seos», o recto do fólho 5²⁷:

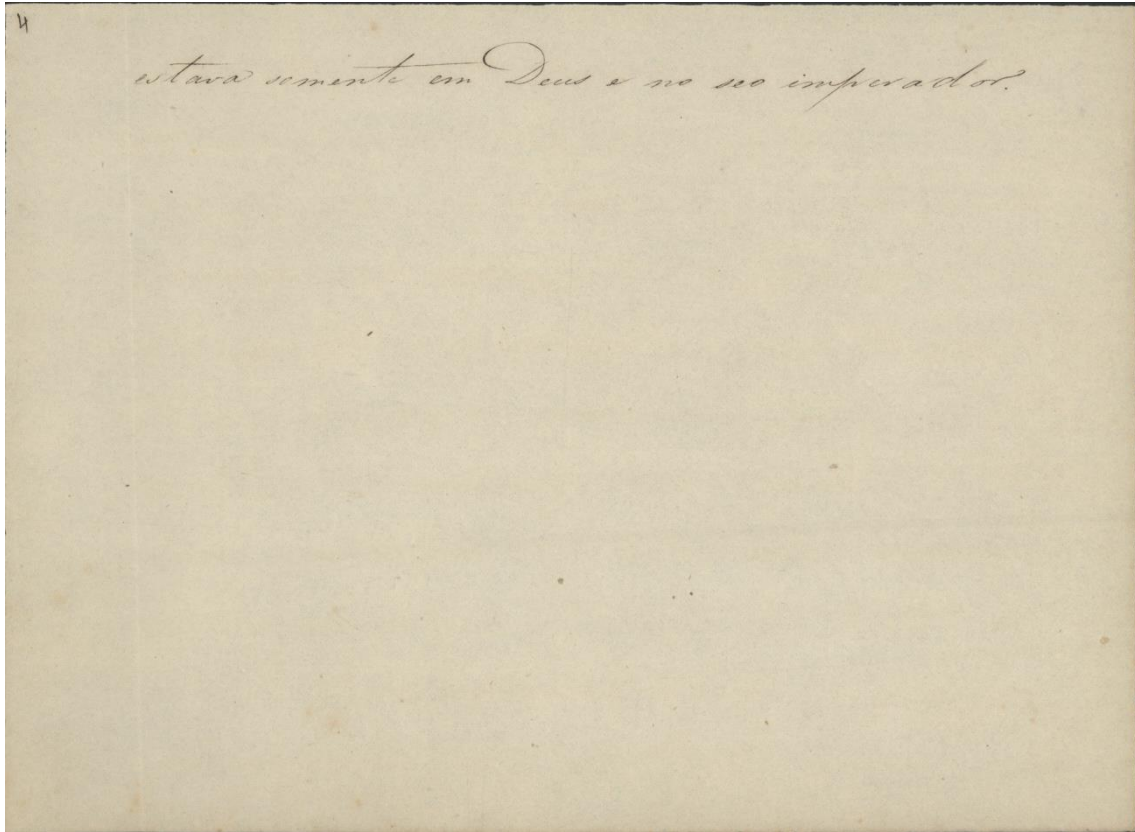


Figura 23: A última página ocupada de «Infelicidade de Fetka e dos seos» (356/1-5a)

Portanto, o texto seguinte, «O fuso de ouro», começou num novo bifólio, e não no verso do fólho apresentado.

Quando uma folha está completamente escrita, apresenta 11 linhas de texto, embora se deva ter em conta que eram deixadas entrelinhas com cerca de 15 mm de largura. Numa linha o tradutor escrevia, em média, dez palavras.

Já foi dito que João Félix Pereira criava margens laterais. Estas margens, ao longo da *Selecta portugueza*, são poucas vezes usadas para acrescentar texto. De facto, encontraram-se apenas quatro casos em que as margens foram usadas para este propósito, e que, como se pode ver no quadro seguinte, são:

²⁷ Como se pode ver pela imagem, o tradutor enganou-se ao numerar o fólho. Ver o Quadro 1.

Título	Ocupação das margens laterais
O jardimzinho inglez	1a: [† ou drill]
O grande monte de S. Bernardo	3d: [→ro d' aquelles, a quem n' éstas solidões a humanidade faz outra vez presen- te da vida, ninguem me poude dar relação.]. (Na p. 470-2b, o tradutor fez uma adição na entrelinha do correspondente à segunda linha de texto, mas teve que concluir a sua adição na margem: [↑procurava com os olhos])
Abdallah	2a: [←houlette panetière]
Myrtill e Daphne	1b: [→tonne? fr/ b<†>/on\er? ingl]

Quadro 3: Ocupação das margens laterais

Como se pode ver no quadro, destes quatro casos, apenas dois são contemplados na edição, que foram indicados com os títulos a negrito. Como a tradução precisava ainda de ser revista aquando da morte de João Félix Pereira, em 1891, é provável que as margens viessem a ter ainda um uso maior para a revisão do texto.

Para além desta utilização, as margens eram também usadas para escrever o título de cada narrativa. Assim, cada título era escrito na vertical, na margem esquerda do recto do primeiro fólio.

Ainda um outro uso das margens deve ser indicado. Frequentemente encontram-se escritos nas margens laterais sinais aparentes de adição, que podem ser simples (+), ou duplos (++) . Pensa-se que estes símbolos de adição, que geralmente se encontram à altura da linha de escrita, serviriam para apontar locais em que a tradução necessitava de revisão posterior.

A *Selecta* foi escrita a tinta preta, sendo que não se tem conhecimento das tintas ou canetas utilizadas por João Félix Pereira. A gradação do fluxo de tinta é bastante variável, sendo que há narrativas que apresentam um traçado bastante ténue, embora a maioria das narrativas apresente um traçado mais carregado. Pontualmente, a caneta apresenta falhas, como em «A dignidade do homem», na página 2a.

Para além do mais, também há casos esporádicos em que a caneta usada apresenta um traço de tinta mais leve, mais clara do que é comum na *Selecta portugueza*. Encontram-se adições com estas características, como na narrativa «A erupção do Vesúvio em 1794», mas também um texto inteiro, como o caso de «O jovem pescador».

Já no que diz respeito às ocasiões em que no texto a tinta aparenta ser mais escura, é difícil considerá-las como sendo campanhas de escrita, pois pode ser consequência de a caneta ter sido recarregada. Como também a letra de João Félix Pereira é caligráfica, são escassos os locais em que uma mudança no tom de tinta é acompanhada de uma inclinação mais acentuada da letra. Um bom exemplo disso será a última narrativa «Dos steppes e desertos», na qual é frequente a variação do tom de tinta.

Também não é fácil considerar as emendas que revelam um tom de tinta diferente, mais escuro, como sendo campanhas de revisão. Há casos em que os cancelamentos apresentam o mesmo tom de tinta que o do texto, mas nem sempre. Todavia, pode-se considerar uns e outros como sendo campanhas de revisão diferentes? Não poderão ser casos em que se exerceu maior pressão na caneta ao fazer o cancelamento? O mesmo pode-se perguntar relativamente às substituições por sobreposição.

Portanto, dadas as características da tinta encontrada na *Selecta portugueza* e da letra de João Félix Pereira, não foi possível estabelecer campanhas de escrita, ou de revisão.

Procurou-se com esta descrição dar a conhecer as características físicas da *Selecta portugueza*, bem como colocar algumas hipóteses para alguns dados que não se conhecem. Possivelmente, o exame minucioso de outros manuscritos de João Félix Pereira poderá fornecer outros dados sobre a sua escrita.

Classificação e análise das variantes

Categorias de variantes

Um dos conceitos que uso neste capítulo é o de variante, e que, de modo geral, significa: «6. Unidade linguística que constitui alternativa de outra, podendo substituí-la no mesmo contexto morfológico ou fonológico; (...)»²⁸. Mas esta definição não é suficiente para um geneticista, pois não dá conta, por exemplo, das situações em que os elementos linguísticos, tais como palavras ou expressões, estão incompletos. As variantes são fruto de processos criativos que pela sua natureza podem ser agrupados em duas categorias que não se excluem umas às outras: podem combinar-se entre si, dando origem a processos genéticos complexos.

Essas duas perspectivas são consideradas por Ivo Castro, na Introdução da sua edição genética e crítica de *O Amor de Perdição*, e que podem ser diferenciadas pelo factor tempo: as emendas mediatas e as emendas imediatas. Das primeiras fazem parte a adição, a supressão, a substituição e a reordenação. Das segundas fazem parte o retorno, a projecção e o redireccionamento (CASTRO, 2007: pp. 73-85).

Como procuro demonstrar mais adiante, a *Selecta portugueza* encontra-se ainda numa fase de redacção preliminar, pelo que através desta tradução não é possível traçar o percurso do acto de traduzir desde a fase inicial até uma fase definitiva do texto, pronto a ser publicado. Estou convencida por isso de que as variantes mediatas não terão sido feitas muito posteriormente à escrita de texto, pelo que se considerou irrelevante classificar as variantes como sendo mediatas ou imediatas. Por outro lado, classificar as variantes de acordo com os procedimentos das subcategorias antes consideradas revelou-se importantíssimo para estabelecer o processo tradutório que atravessa a *Selecta portugueza*. Vejamos então cada uma delas.

Há uma adição quando algo que não se encontra num estado do texto, e que por isso é equivalente a zero (GRÉSILLON, 2007: p. 201), é acrescentado. As adições são, na edição que a seguir apresento, transcritas entre parênteses rectos, e a sua localização

²⁸ «Variante» in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha], Porto: Porto Editora, 2003 – 2015 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/variante>.

na folha pode ser indicada por meio de setas²⁹: uma seta para cima indica que a adição foi escrita na entrelinha, enquanto as setas viradas para a esquerda ou para a direita indicam que as adições foram feitas nas margens ou esquerda, ou direita, respectivamente. Temos, por exemplo, em 511-2a:

n' um momento se acha elle todo sôbre o hori-
zonte [↑sahindo das ondas abrasadas] e dardeja ardentes raios sôbre a terra.

Estamos perante uma supressão quando algo que se encontra escrito no texto é eliminado. A eliminação costuma ser feita por meio de um risco no documento com que trabalho. As supressões são transcritas entre parênteses angulares. Como exemplo temos, em 497-2d:

era <superior> mais alto q o d' elles.

Dá-se uma substituição quando um elemento é permutado por outro. Para este efeito pode ocorrer uma de duas coisas. Um elemento pode ser eliminado e substituído por outro, processo este indicado por meio de parênteses angulares e parênteses rectos para a supressão e adição, respectivamente, como se encontra por exemplo em 531-1c, onde temos uma série deste tipo de operações:

o mar se quebrava <em espumoso><[↑fazendo]><[↑espumando,]>[↑em espumosa regaca]; Mas um elemento também pode ser substituído por outro por meio de sobreposição, a qual é indicada através de parênteses angulares para o elemento substituído e por barra e contrabarra para o elemento substituto. Temos como exemplo em 45-1c:

A<d>/b\dallah.

Uma reordenação é feita quando a elementos escritos numa determinada ordem é dada a indicação para serem dispostos numa outra nova. Os elementos frásicos não são suprimidos (FIRMINO, 2013: p. 41), ou substituídos por outros, ao contrário da ordem inicial dos mesmos que é substituída por outra (CASTRO, 2007: p. 77). João Félix Pereira delimitava com um risco na entrelinha superior os elementos a reordenar, e escrevia por cima o número da nova ordem das palavras ou expressões. Nesta edição, os elementos reordenados foram isolados por meio de chavetas, com o respectivo número a reordená-los. Temos, por exemplo, em 649-1b:

²⁹ Os símbolos usados na edição e nesta apresentação foram já, salvo algumas excepções apontadas nos Critérios de edição, os aplicados pela Equipa Pessoa, dirigida por Ivo Castro. Cf. mais à frente os Critérios de Edição.

{↑2: cousas}{↑1: melhores}.

Nas dez reordenações patentes nas narrativas que edito, o sentido predominante subjacente ao seu uso é o de colocar o qualificativo antes do substantivo, o que acontece seis vezes. Os outros reordenamentos são mais complexos, pois dizem respeito a alterações da ordem de orações subordinadas, orações coordenadas e de sintagmas.

Agora relativamente aos processos de direcção, temos a projecção, ou retro projecção, o retorno e o redireccionamento.

Há uma projecção quando um elemento da frase, que primeiramente se encontrava num dado passo do texto, é transferido para outro sítio no texto mais adiante, quer esteja à distância de uma palavra, quer esteja várias linhas mais à frente. A retro projecção dá-se quando, pelo contrário, quando um elemento do texto é transferido para outro sítio do texto mais atrás.

Temos, como exemplo de uma projecção, em 531-3d:

um <ouv> bom ouvido,

Enquanto que em 470-3b temos como exemplo de retro projecção:

(...) excercitão aquel-
les homens os deveres da humanidade n' um [↑canto da terra] dos
mais inhospitos <cantos>.

Dada a circunstância de estar a trabalhar sobre um texto de tradutor, uma distinção deve ser feita entre o que se considera ser uma projecção do texto do autor e uma projecção do texto mental do tradutor. O tradutor é também um copista, que tem a função adicional de verter a língua do texto de partida para uma outra língua³⁰. Mas, antes de distinguirmos uma e outra projecções, vejamos o que Vinaver diz do trabalho do copista:

(...) his object is to transfer the text from the original to the copy, and his eye must travel at regular intervals from one to the other. While looking at the original he will endeavour to retain as much as possible of what he sees. The visual or mental impression thus received must then be transferred to the copy, and while the scribe's eye goes from one to the other this impression must remain intact. Once it has been placed on the copy, the scribe must look again at the original. This time he has to bear in mind the last letter, word, or words he has written down, so as to find in the original the point at which he left it a moment ago. Thus the process of transcription requires a constant shifting of the line of vision from one plane to another, and with each movement of his eyes the copyist has to carry mental or visual impressions which help him, first

³⁰ O que Vinaver afirmou em relação ao autor pode ser, também, considerado no que diz respeito ao tradutor. Cf. VINAVER, 1939: pp. 360-1.

to reproduce part of his text, and then to find his way back to it. (VINAVER, 1939: p. 353)

Em seguida, Vinaver apresenta um gráfico, com os quatro movimentos realizados pelo copista no acto de cópia, e que aqui reproduzo (*idem*):

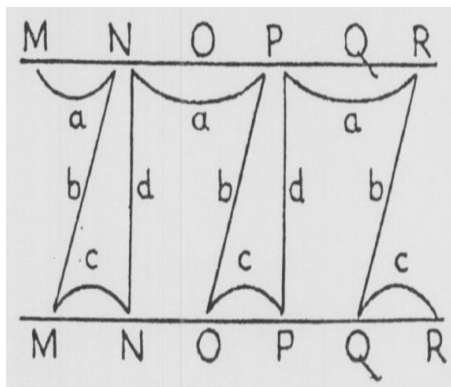


Figura 24: Os quatro movimentos realizados por um copista, segundo Vinaver

Vinaver identifica cada um dos movimentos como: «(...) (a) the reading of the text; (b) the passage of the eye from the text to the copy; (c) the writing of the copy; and (d) the passage of the eye from the copy back to the text» (VINAVER, 1939: p. 354). No caso da tradução, esta é feita entre os movimentos (a) e (c). A ser assim, passaremos agora a distinguir a projecção do texto do autor/tradutor enquanto copista ou leitor da projecção do texto mental do tradutor enquanto autor.

A primeira ocorrerá quando o tradutor se esqueceu de traduzir um passo do texto e começou a traduzir um outro mais adiantado. Portanto, a projecção, neste caso, poderá ser considerada como uma consequência de um erro de leitura do texto a traduzir. A segunda ocorrerá quando o tradutor procura acomodar o texto alemão à língua portuguesa, tratando-se neste caso de um recurso estilístico.

Estes casos não devem ser confundidos, pois aquele advém de um erro de leitura, portanto de um erro no movimento (a), enquanto que este provém de um erro na construção do texto que ocorre no movimento (c). Já quanto ao movimento (b), o que pode suceder pode ter tanto a ver com a função escribal como com a função autoral do tradutor, tratando-se por isso de um terreno assaz movediço. Vejamos, então, exemplos para cada um dos tipos de projecção aqui considerados.

Como exemplo para o primeiro caso, de projecção do texto de partida, temos em 497-2d e 497-3a:

Elles entetinhão um fogo vivo sôbre a nossa
coberta, pâra nos repellir do bordo do navio; mas sem
effeito; e como [o] nosso navio era <superior> mais alto q o d' el-

les, estavam, como sôbre um castello, e todos os tiros voavão por cima de nós; <apenas uma mão cram->
<ponnait fixa no bor>

A nossa gente resistiu a êste ataque com coragem e presença d' espírito. Apenas apparecia um mouro no bordo da embarcação, era logo <lanca> deitado abaixo com lanças; **apenas uma mão cramponnait fixa ao bordo**, um machado ou um sabre estava prompto para cortal-a (negrito meu)

Como exemplo para o segundo caso, de projecção mental do texto do tradutor como recurso estilístico, temos o exemplo visto em cima, em 531-3d:

um <ouv> bom ouvido,

Um retorno é feito quando um elemento que foi cancelado e substituído por outro é retomado. Como Ivo Castro assinala, reconhece-se no retorno a hesitação de quem escreve em relação a um determinado passo do texto (CASTRO, 2007: pp. 79-80). Em 329-1c temos, como exemplo:

(...) a <mais>
vida mais tranquilla e venturosa, <q><como> q ja-
mais dous esposos passárão sôbre a terra depois
de Adão.

O tradutor, neste passo, hesitou inicialmente entre uma oração relativa e uma oração subordinada comparativa, mas escolheu a primeira que, aliás, corresponde ao que se encontra no texto alemão: «(...) das stilleste und glücklichste Leben, das seit Adams Zeit je ein Menschenpaar auf dieser Erde gelebt haben mag» (ARNDT, 1842: p. 106).

Um redireccionamento ocorre quando o texto, que seguia inicialmente um determinado rumo, é forçado a seguir um outro. Como exemplo de redireccionamento temos, em 197-1b:

„Estou no <seg> primeiro caso. — disse o mancebo; —
venho de proposito... „

No texto alemão temos: «Das erstere, sagte das Jüngling; ich komme mit Vorsatz...» (KRUMMACHER II, 1810: p. 187).

Identificação do texto-base de cada narrativa

Não se pôde apurar com certeza as fontes de que se serviu João Félix Pereira, pois em nenhum momento ele indica neste documento o texto-base da tradução das narrativas

da *Selecta portugueza*, nem se dispõe de informações sobre a sua biblioteca que possam determinar o texto-base para estas suas traduções. No entanto, embora incerto, o texto-base pôde ser objecto de aproximação para a maior parte das narrativas.

Admito, assim, que «A descoberta de O-Tahiti» tenha provindo de: FORSTER, Georg, *Johann Reinhold Forster's [...] Reise um die Welt während den Jahren 1772 bis 1775*, Erster Band, Haude und Spener: Berlin, 1778, pp. 192-5. Embora o texto que João Félix Pereira traduziu se insira no oitavo capítulo do livro de Forster, «Aufenthalt im Haven O-Aitepieha auf der kleinen Halb-Insel O-Tahiti — Ankern in Matavai-Bay» («Paragem no porto de O-Aitepieha, na pequena península O-Tahiti — ancoragem na baía de Matavai»), ele não o traduziu na sua totalidade, pois este só acaba na página 245. Depois do comentário sobre como Bougainville verteu o nome da ilha para francês, e depois de ter explicado que era preferível *Tahiti* por salvaguardar a pronúncia dos nativos, palavra que, deve-se dizer, se usa ainda hoje em detrimento de outras, como *Otaheiti*³¹, Forster começa, então, a descrever a entrada no porto de Whāi-Urua e os habitantes que encontra, sendo de destacar O-Taï, a sua mulher e as suas irmãs. O tradutor pode ter escolhido não passar para português o resto do capítulo ou a fonte que usou não tinha esta porção de texto.

Para «Um dia no equador» João Félix Pereira parece basear-se em MARTIUS, Carl Ritter von, «Ein Tag unter dem Aequator», in KRIEGK, Georg Ludwig, *Belehrende Darstellungen für das höhere Jugendalter*, Frankfurt a. M.: Brönnner'sche Buchhandlung, 1831, pp. 653-60. Mas deve-se alertar para o facto de que o começo da tradução corresponde à terceira frase da página 654: «Es ist 3 Uhr Morgens; (...)».

De modo semelhante, penso que «Puericia de Abraham» poderá provir de HERDER, Johann Gottfried von, *Zerstreute Blätter*, Dritte Sammlung, Gotha: bey Carl Wilhelm Ettinger, 1787, pp. 239-43.

Já no que diz respeito a «O duque de Alva durante um almôço no castello de Rudolstadt no anno de 1547», mais observações devem ser feitas. A tradução pode ter como ponto de partida SCHILLER, Friedrich, *Sämmtliche Werke*, Elfter Band, Stuttgart und Tübingen: Verlag der J[ohann] G[eorg] Cotta'schen Buchhandlung, 1836, pp. 236-40. Note-se, entretanto, que o tradutor traduziu até à primeira frase do último parágrafo do texto, na página 240: «Ohne Zweifel war es diese Begebenheit, die der Gräfin

³¹ É esta a variante usada por Poeppig num capítulo que consagra à ilha. Cf. POEPPIG, 1838: pp. 106-34.

Katharina von Schwartzburg den Beinamen der Heldenmüthigen erworben.» O parágrafo, que prossegue até final da página 240 sobre como a condessa protegeu Caspar Aquila quando este teve de se refugiar em Rudolstadt, não foi traduzido, ou por escolha de João Félix Pereira, ou porque na fonte que usou essa porção do texto não existia. A situação, portanto, é semelhante à das duas primeiras narrativas.

Em relação a «Pintura d' uma batalha naval», o texto de partida talvez seja RICHTER, T[heodor] F[riedrich] M[aximilian], *Reisen zu Wasser und zu Lande, in den Jahren 1805 – 1817*, Zweites Bändchen, Dritte verbesserte und wohlfeile Taschenausgabe, Dresden und Leipzig: in der Arnoldischen Buchhandlung, 1831, pp. 24-32. O capítulo, o quarto, começa na página 23, mas o começo da tradução quase coincide com o começo do segundo parágrafo da página 24 da edição alemã. Aqui, o parágrafo começa por «Am 12. Jul. kamen wir bis unter 36. Gr. nördl. Breite und dem 4. Gr. westl. Länge, wo uns zum zweiten Mal eine Windstille befiel, die einige Tage dauerte» («A 12 de Julho fomos até abaixo do 36° de latitude e do 4° de longitude, onde nos sobreveio pela segunda vez uma bonança que durou alguns dias», tradução minha). Consultando um GPS online³², apercebi-me de que o local para que remetem as coordenadas se situa algures no Mar de Alborão, limitado a norte pela costa da Andaluzia e a sul pela costa marroquina. No entanto, no terceiro capítulo de *Reisen zu Wasser und zu Lande*, no segundo parágrafo da página 17, pode-se ler: «Am 4. Juli erreichten wir das Cap Finisterre (...)» («A 4 de Julho chegámos ao Cabo Finisterra, (...)», tradução minha), e cinco linhas mais abaixo o autor queixa-se da primeira calmaria por que passaram. No final deste capítulo, Richter diz que tiveram de rebocar o barco para sul (do cabo Finisterra, entenda-se). Portanto, o espaço em que se desenrola a narração de Richter no quarto capítulo não será no Cabo Finisterra, mas algures no Mar de Alborão. O texto de João Félix Pereira começa, porém, do seguinte modo:

Havíamos ganhado o cabo Finisterra, quando sobreveio uma bonança, q durou muitos dias, e expoz nossa paciencia a uma prova difficil.

Ou o texto-base de João Félix Pereira continha esta variante, ou foi João Félix Pereira quem a introduziu. O texto foi traduzido até ao penúltimo parágrafo do quarto

³² Para este efeito consultei o *Geoplaner*. Visto online a 5 de Setembro de 2015 em <http://www.geoplaner.com/#Coordinate-Converter>.

capítulo, que acaba na página 33. Trata-se, portanto, de mais um caso com características semelhantes às de narrativas anteriores.

Quanto a «Meninice e infelicidade de Paiwai» provirá eventualmente de ARNDT, Ernst Moritz, *Märchen und Jugenderinnerungen*, Erster Theil, Zweite Ausgabe, Berlin: Druck und Verlag von G[eorg] Reimer, 1842, pp. 105-14. O tradutor não verteu para português o texto completo, que nesta edição acaba na página 131. Mais uma vez, pode ter sido por vontade sua, ou porque trabalhou com uma antologia (*Lesebuch*, ‘antologia’, ‘livro de leitura’³³). Em todo o caso, o leitor deverá notar que a ordem das últimas duas frases do texto alemão não corresponde à ordem que aparece na tradução. Também as primeiras duas orações da penúltima frase traduzida não aparecem na tradução: «Sie fand aber ein solches Wohlgefallen an dem kleinen Affen, daß sie ihn sogleich wegführen ließ (...)» (‘Mas ela encontrou uma tal satisfação no pequeno macaco que ela mandou buscá-lo imediatamente (...)’, tradução minha).

Admito que o texto de partida de «O grande monte de S. Bernardo» possa ser MATTHISSON, Friedrich von, *Erinnerungen*, Erster Band, Zürich: bey Orell Füssli und Compagnie, 1810, pp. 3-16. Há que ter em conta que, mesmo que não tenha sido baseada nesta edição, a tradução de João Félix Pereira assentou nalguma edição dela dependente. Ao comparar esta edição com uma outra de *Erinnerungen*, que foi publicada em Viena em 1815 (*Erinnerungen*, Erster Theil, Neueste Ausgabe, Wien: In Commission bey Aloys Doll), apercebemo-nos de que são diferentes, pois na primeira edição temos nas páginas 5 e 6 «Längst schattete kein Baumwipfel mehr, und der, mit den zartgefranzten Amethystglöckchen der Soldanelle geschmückte Rasen zog sich bald unter einer unabsehbaren Schneefläche zurück» (itálico meu). Na edição de Viena, por outro lado, o verbo utilizado é, não *sich zurückziehen*, ‘retirar-se’, como na de Zurique, mas *sich verlieren*, ‘desaparecer’, igualmente na 3.^a pessoa do singular do imperfeito. A forma verbal que João Félix Pereira utilizou neste passo é «se retirou» (470-1d), pelo que se coaduna com o texto da edição de Zurique.

No que diz respeito a «A infelicidade» servi-me como ponto de referência MUSÄUS, J[ohann] A[ugust], «Stumme Liebe» in *Volksmärchen der Deutschen*, Drittes

³³ Para este capítulo dou preferência à expressão «livro de leitura». Os *Lesebücher* podem ser antologias de textos do mesmo autor ou não, mas neste caso são livros didáticos com um conjunto variado de textos de um ou de vários autores, a partir dos quais as crianças aprendem a ler. Embora «antologia» possa parecer mais confortável e natural ao leitor português, a verdade é que este termo não deixa transparecer ao leitor português a utilidade educativa que um *Lesebuch*, neste caso os *Lesebücher* aqui consultados, tem.

Bändchen, Neue Auflage, Halle: Verlag von Ed. Heynemann, 1839, pp. 50-159. Foram consultadas várias edições alemãs do texto «Stumme Liebe», mas nenhuma delas parece ter total correspondência com o texto traduzido. Ainda assim, usou-se um exemplar deste texto para os casos em que se pôde encontrar correspondência entre trechos do texto alemão e do texto traduzido.

Passando agora para «A surpresa», este texto foi na tradução atribuído a alguém com o apelido Salzmann. Em *Deutsches Lesebuch*, datado de 1831, encontra-se o texto «Die Ueberraschung» com a mesma atribuição. O final do texto alemão nesta edição corresponde também ao final do texto traduzido. Porém, a maioria dos livros de leitura que se encontraram com este texto têm como título «Der Bienenstock», que é atribuído não a Salzmann, mas a Friedrich Philipp Wilmsen. Mais: é da autoria de Wilmsen o livro *Der deutsche Kinderfreund: ein Lesebuch für Volksschulen*, (Berlin: Realschulbuch-handlung, 1802), onde, embora se encontre o texto com este título (pp. 84-7), tanto neste livro, como nos outros livros de leitura, há mais três pequenos parágrafos. Portanto, pode-se depreender que o tradutor terá usado, ou o *Deutsches Lesebuch*, ou o livro em que surgiu o texto atribuído a Salzmann e com o título de «Die Ueberraschung» e do qual o *Deutsches Lesebuch* é descendente, ou um livro que seja descendente do *Deutsches Lesebuch*. Para comparação com o texto traduzido, foi utilizado. SALZMANN, [Christian Gotthilf?], «Die Ueberraschung», in *Deutsches Lesebuch — Eine Auswahl zweckmäßiger Lesestücke zur Übung im richtigen und schönen mündlichen Ausdruck und zum Unterricht in der deutschen Sprache*, Erster Theil, dritte sorgfältig durchgesehene und vermehrte Auflage, Bremen: Druck und Verlag von Johann Georg Heyse, 1831, pp. 188-9.

«O crocodilo» pode corresponder a KRUMMACHER, Friedrich Adolph (KRUMMACHER I), *Parabeln, oder Gleichnisse aus der Natur gezogen, mit anmuthigen Erzählungen und lehrreichen Bildern geziert*, Erstes Bändchen, Bregenz und Bodensee: gedruckt bey Joseph Brentano, 1810, pp. 34-8.

Para «O valle dos brahmanes» servi-me de KRUMMACHER, Friedrich Adolph (KRUMMACHER II), *Parabeln, oder Gleichnisse aus der Natur gezogen, mit anmuthigen Erzählungen und lehrreichen Bildern geziert*, Zweytes Bändchen, Bregenz und Bodensee: gedruckt bey Joseph Brentano, 1810, pp. 186-97.

Finalmente, em relação a «Abdallah», tomei como ponto de referência KOTZEBUE, August von, *Kleine gesammelte Schriften*, Zweiter Band, Reval und Leipzig, bey Christian von Glehn und in Commission by Paul Gotthelf Kummer, 1788, pp. 432-6.

Portanto, como se pôde ver, não consegui identificar positivamente o texto de partida da tradução de Félix Pereira. Porém, há a possibilidade de o texto-base da tradução das narrativas que compõem a *Selecta portugueza* ser um livro de leitura (*Lesebuch*) e de as observações anteriores contribuírem para a sua determinação. Nestes livros de leitura é frequente o nome do autor surgir no final de cada narrativa, uma prática que também se encontra na *Selecta portugueza*, se bem que aqui o nome surja de igual forma imediatamente ao lado do título. Também a atribuição errada do texto de Wilmsen e que aparece num livro de leitura sustenta esta hipótese.

Há ainda a questão dos números no canto superior direito de cada meio bifólio, que podem ter alguma relação com o texto de partida. São números constituídos por um, dois ou três dígitos; não obedecem a uma sequência regular, e a ordem por que estão dispostas as narrativas não é determinada pela sequência destes números. Parece haver a preocupação de evitar a sua repetição, pois há casos em que estes números são repetidos, mas com um outro subscrito, que pode ser um 1, um 2 ou um 3. É provável que estes números tenham um papel na identificação de cada texto.

De facto, em «Pintura d' uma batalha naval», João Félix Pereira enganou-se ao atribuir este número: primeiro escreveu «457» em quatro dos seis meios bifólios (os outros dois números não receberam qualquer indicação numérica), mas apercebeu-se de que este número dizia respeito a um outro texto, que não edito nesta dissertação, intitulado «Cousas notaveis de Islandia». Assim, talvez quando começou a traduzir este texto, Félix Pereira ter-se-á apercebido do erro e em «Pintura d' uma batalha naval» corrigiu o número «457» para «497». Portanto, a atribuição destes números não parece ser feita ao acaso, mas antes revela que números e textos estão estreitamente relacionados³⁴. Todavia, não foi possível determinar a origem destes números, os quais foram designados por «Números Identificativos dos Textos» (NITs) pela razão atrás exposta. Mas há várias hipóteses para a sua origem.

³⁴ No capítulo dedicado à descrição material do manuscrito de a *Selecta portugueza*, estes números são objecto de análise.

Dada a variedade e quantidade de textos, a primeira hipótese é que os textos tenham sido retirados de um livro de leitura, como atrás foi exposto, onde é prática comum serem numerados. Porém, como há casos em que os NITs têm um número subscrito, o que não se verifica nos livros de leitura, uma outra hipótese é a de que a fonte dos textos de partida da tradução seja não um livro de leitura, mas antes três, como seja três volumes de uma antologia de textos. Assim, o número superior seria o do texto, enquanto o inferior seria o número correspondente ao do volume. Todavia, a numeração dos textos nos livros de leitura não é um factor a ser usado com um grau considerável de segurança, pois esta não deverá ser uma característica única deste tipo de publicação.

Posto isto, vejamos agora como algumas variantes nos levam a fazer certas considerações sobre o estado da tradução e o processo tradutório testemunhados pela *Selecta portugueza*.

Interpretação de algumas variantes

Como já foi dito, creio que a tradução patente na *Selecta portugueza* se encontra ainda numa fase inicial. De facto, ao longo das narrativas podemos encontrar passos que João Félix Pereira teve problemas em traduzir, problemas esses decorrentes de erros de leitura, ou que têm como consequência faltas de concordância gramatical, entre outros, o que nos leva a pensar estarmos talvez perante uma tradução de primeiro jacto. Para além do mais, algumas variantes permitem-nos conhecer também as preocupações estilísticas do tradutor, como seja a colocação do qualificativo antes do substantivo. Mas comecemos, então, por estudar alguns indicadores de como a *Selecta portugueza* parece ser uma tradução de primeiro jacto.

Em «A descoberta de O-Tahiti», em 531-3b, o tradutor escreveu inicialmente:

(...) quão
unanimemente exaltão suas perfeições d' uma ou d' outra
maneira.

A frase completa no texto alemão tem um âmbito maior:

Bey den gemeinen Leuten, die mehrentheils nackt giengen, waren dergleichen [Flecken, as manchas pretas descritas na frase anterior], vornemlich auf den Lenden zu sehen, ein augenscheinlicher Beweis, wie verschieden die Menschen, in Ansehung des äußerlichen Schmuckes denken und wie einmüthig sie *gleichwohl alle darauf gefallen sind*, ihre persönlichen Vollkom-

menheiten auf eine oder die andre Weise zu erhöhen (FORSTER, 1778: p. 194, *itálico meu*).

Em *itálico* assinalai uma porção de texto de que João Félix Pereira não se deu conta de imediato. Uma das várias acepções de *fallen* é ‘expressar’. Como *einmütig fallen* pode ser interpretado por ‘expressar unanimemente’, ou seja, ‘concordar’, e como, por isso, «unanimemente concordão» é uma redundância, é crível que João Félix Pereira tenha primeiro escrito «quão unanimemente exaltão» por ter dificuldade em traduzir o passo que destaquei a *itálico*. De facto, acabou por acrescentar, sem no entanto eliminar a redundância:

(...) quão
unanimemente[, ↑**todavia, concordão todos, em**] exaltã<o>/r\ suas perfeições d’ uma ou d’ outra maneira. (*negrito meu*)

Prossigamos, então, e vejamos outros casos.

Outro exemplo que parece apontar para aquela impressão encontra-se no parágrafo seguinte, em 531-3c. Aqui, João Félix Pereira inicialmente escreveu:

Quando elles notárão, q gostavamos de aprender sua
linguagem, porq nos **informavão** das denominações
dos objectos mais ordinarios (...) (*negrito meu*)

O texto de Forster, no entanto, diz outra coisa: «Da sie merkten, daß wir Lust hätten ihre Sprache zu lernen, weil wie uns nach den Benennungen der gewöhnlichen Gegenstände *erkundigten*, (...)» (FORSTER, 1778: 195, *itálico meu*). Estamos perante uma sucessão de várias orações iniciadas por conjunções subordinadas. A primeira é iniciada pela conjunção causal *da*, ‘como’, ‘visto que’; a segunda é iniciada pela integrante *daß*, ‘que’; a terceira é iniciada por uma outra conjunção subordinada causal, *weil*, ‘porque’, que é seguida pelo advérbio relativo *wie*, ‘como’. Os verbos da primeira e da terceira orações estão conjugados no *Imperfekt*, o qual, em alemão, tem a mesma terminação para a 1.^a e para a 3.^a pessoas do plural dos verbos fracos. Para além do mais, o sujeito da primeira oração é *sie*, ‘eles’, o da segunda é *wir*, ‘nós’, e o da terceira oração não está explicitamente indicado. Como também a conjunção subordinada integrante da terceira oração está seguida do advérbio relativo, isto poderá ter conduzido o tradutor a considerar que eram os autóctones que informavam os exploradores, quando na verdade eram eles próprios que se informavam sobre as ditas denominações. O tradutor terá então percebido o erro, e substituiu a 3.^a pela 1.^a pessoa do plural. Coloca-se aqui a hipótese de o tradutor ter percebido o seu erro de leitura no momento de traduzir a oração coordenada

seguinte: «(...) oder *sie* aus dem Wörterbüchern voriger Reisenden hersagten, so gaben sie sich viel Mühe uns zu unterrichten, und freuten sich, wenn wir die rechte Aussprache eines Wortes treffen konnten» (*ibidem*, itálico meu). O sujeito da oração é o mesmo da primeira e da terceira orações, e não poderiam ser os autóctones a citar palavras «dos vocabulários de anteriores viajantes (...)». Também aqui se pode conjecturar que se trata de um erro de cópia. Mas o facto de João Félix Pereira não ter traduzido o advérbio relativo *wie* não apoia necessariamente esta hipótese e reforça a possibilidade de se tratar de uma tradução de primeiro jacto. Isto porque na primeira leitura feita pelo tradutor, *wie* não fazia sentido a seguir à conjunção subordinada explicativa, como se pode ver na tradução a seguir apresentada:

Visto que eles notaram que nós tínhamos vontade de aprender a sua língua porque, como nos informavam das denominações dos objectos vulgares (...) (tradução minha).

Assim, esta poderá ter sido a razão por que o advérbio não foi traduzido.

Um outro erro de leitura encontra-se na narrativa «Meninice e infelicidade de Paiwai». Em 329-1a, o tradutor começou por escrever:

(...) dous religiosos esposos, q se nutrião de aranhas e

No texto alemão, porém, encontra-se «(...) ein frommes Ehepaar, das sich vom Spinnen und Weben erwährte» (ARNDT, 1842: p. 105). *Spinnen*, como aparece no texto alemão, é a substantivação do verbo *spinnen*, ‘tecer’. Mas *Spinnen* podia ser também o plural de *Spinne*, ‘aranha’, pelo que se trata aqui de um erro de leitura rápida que foi corrigido provavelmente quando o tradutor leu o segundo substantivo coordenado pela conjunção:

(...) dous religiosos esposos, <q se nutrião de>[↑vivião de fiar e te]
[c]<e>/e\[r].

Em «O grande monte de S. Bernardo», em 470-3c, é possível encontrar um outro erro de leitura semelhante. Como se pode ver em baixo, o tradutor começou por escrever

Diari[↑a]mente na estação rigorosa, e todas as vezes
q o sol brilha

No texto alemão encontra-se: «Täglich in der strengern Jahrszeit, und so oft es *schneit* oder nebelt, (...)» (MATTHISSON, 1810: p. 10, itálico meu).

Schneit é o verbo impessoal *schneien*, ‘nevar’, conjugado na 3.^a pessoa do singular. Um outro verbo alemão semelhante a este é *scheinen*, ‘brilhar’ (como seja o sol). Assim, o tradutor terá confundido os dois verbos, e terá percebido o seu erro de leitura ou depois

de traduzir o segundo elemento coordenado pela conjunção disjuntiva, ou depois, numa campanha de revisão:

Diari[↑a]mente na estação rigorosa, e todas as vezes
q <o sol brilha>[↑cahe neve,] ou ha nevo<a,>/eiro\[.,]

Um caso mais complexo, entretanto, é apresentado na narrativa «Pintura d' uma batalha naval», na frase que começa em 497-1a e que prossegue pela 497-1b. A tradução de João Félix Pereira sem a última emenda é:

(...) Vi,
pâra <menci> citar um so d' êstes brinquedos, um golfinho perseguir um peixe volátil, êste voar, pâra se salvar, e aquelle, durante seo voo, seguil-o a nado mais de cem passos, e, com a guela <levant> mûito levantada fôra da agua, <o> apanhal-o em sua descida, e n' êste momento um terceiro peixe surprehender o golfinho, e devorar-lhe a presa.

No texto alemão encontramos:

So sah ich, um nur Ein Beispiel anzuführen, wie ein Delphin einen fliegenden Fisch verfolgte, wie dieser, um sich zu retten, aufflog und jener ihm, während seines Fluges, auf hundert Schritte nachschwamm, ihn beim Herabfallen mit hoch aus dem Wasser gehobenen Rachen auffing, *und wie in dem nämlichen Augenblick ein dritter Fisch den Delphin überraschte und sammt seiner Beute verschlang* (RICHTER, 1831: p. 24, *itálico meu*)

e que traduzirei aqui por:

Assim vi, para citar apenas um exemplo, como um golfinho perseguiu um peixe voador; como este levantou voo para se salvar e aquele, durante o seu voo, nadou atrás dele cem passos, capturou-o na queda com a goela muito levantada fora da água; *e como no mesmo instante um terceiro peixe surpreendeu o golfinho e o devorou juntamente com a sua presa.*

O *itálico* da tradução diz respeito ao *itálico* da citação. Como se pode ler no texto da *Selecta portugueza*, João Félix Pereira traduziu inicialmente o passo em *itálico* para «e n' êste momento um terceiro peixe surprehender o golfinho, e devorar-lhe a presa». O elemento que poderá ter dificultado a interpretação inicial da frase é a partícula *sammt*, uma outra grafia, em desuso³⁵, de *samt*, 'juntamente com'. O tradutor não terá

³⁵ Adelung considera «sammt» como sendo a forma corrente (no seu tempo, entenda-se), enquanto «samt» é considerada antiquada (ADELUNG, 1798: Spalte 1271). Os Irmãos Grimm, por outro lado, referem as várias grafias que a palavra teve, dando exemplos de Hartmann von Aue (século XIII), Martinho Lutero (século XVI) e Frischbier (século XIX), entre outros, mas não dão qualquer indicação de qual era a mais usual. A título de exemplo, em Frischbier encontra-se «samst» (GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm, *Deutsches Wörterbuch* [em linha] [cons. 2015-09-08]. Disponível na Internet: <http://woerterbuchnetz.de/DWB/>).

reconhecido a partícula, pelo que assim se explica que inicialmente na sua tradução apenas a presa do golfinho tivesse sido devorada. Chamo ainda a atenção para o facto de o tradutor ter traduzido *Beispiel* por ‘brinquedos’. No verbete de Wagener para a palavra alemã não se encontra ‘brinquedos’ como um correspondente português (cf. WAGENER 1, 1812: p. 181). Já no *Wörterbuch* dos Irmãos Grimm encontra-se a seguinte explicação: «n. fabula, exemplum, proveniente de *beispell*, pois a palavra não tem nada que ver com *spiel*, ludus, ela provém de *spell*, sermo, narratio (...)» (itálico do original)³⁶. Tendo em conta esta explicação, é possível que Félix Pereira tenha relacionado *Beispiel* com *Spiel*, ‘jogo’, ‘brinquedo’, resultando daí a tradução algo invulgar.

Há outras variantes que permitem concluir que a tradução patente na *Selecta portugueza* é de primeiro jacto, nomeadamente com a proximidade com o texto alemão. Assim, encontramos em «Meninice e infelicidade de Paiwai», em 329-4c, o seguinte passo:

(...) e afinal corria melhor <a>/c\om os pes e mãos
junctamente, do q so com os pes (...).

O sujeito da frase é Paiwai, o menino que foi levado pelos macacos. Este passo, no texto alemão, é «(...) und lief zuletzt mehr *auf Vieren als auf Zweien* (...)» (ARNDT, 1842: p. 111, itálico meu), sendo que pode ser literalmente traduzido para ‘e por fim ele corria muito mais a quatro [patas, entenda-se] do que a duas [pernas]’. João Félix Pereira começou por escrever «(...) afinal corria melhor a», mas substituiu imediatamente para «(...) afinal corria melhor <a>/c\om os pes e mãos (...)».

Um outro caso encontra-se em «A surpresa», em 135-1c:

(...) Hannchen
perguntou impacientemente: que festa nos fazes tu agora, querido pae?
<É>/A\[qui] est<a>/á\, respondeu o pae, e lançou uma capa sobre a cabeça de cada um dos filhos.

Como se pode ler, Hannchen³⁷ perguntou ao pai «que festa nos fazes (...)». Inicialmente, João Félix Pereira escreveu «É esta», com o sujeito elíptico, mas em concordância com a pergunta. No texto atribuído a Salzmann encontram-se escritas, quer

³⁶ «n. fabula, exemplum, für beispell, denn mit spiel ludus hat das wort nichts zu schaffen, es stammt aus spell sermo, narratio (...)» (itálico do original). (GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm, *Deutsches Wörterbuch* [em linha]. [cons. 2015-09-08]. Disponível na Internet: <http://woerterbuchnetz.de/DWB/>).

³⁷ Na primeira frase do texto, João Félix Pereira teve dificuldade em traduzir *Hannchen* e *Lotte*, mas encontrou uma solução para os dois nomes: «Carlota» e «Joaninha». Apesar disso, os nomes alemães e os correspondentes portugueses coexistem ao longo da tradução.

a pergunta, quer a resposta: «Was für ein Fest machst du uns nun, lieber Vater? Da ist's (...)» (SALZMANN, 1831: p. 188). *Was für* é uma combinação de palavras (*Wortverbindung*) que funciona como um pronome interrogativo, a qual, tal como em português, significa ‘que’, na qualidade de «que espécie de». A resposta de Biedermann, por sua vez, tem um tom dramático que deixa transparecer a vontade deste de fazer uma surpresa aos filhos. Assim, em conformidade com o texto alemão, o tradutor substituiu «É esta» por «Aqui está». Portanto, enquanto a primeira tradução de João Félix Pereira se coaduna com a pergunta de Hannchen, já a segunda é uma tradução mais próxima do texto alemão. A pouca proximidade da primeira tradução com o texto alemão cria duas hipóteses, sendo a primeira que João Félix Pereira terá feito uma leitura prévia do texto, mas julgando que a resposta de Biedermann não se harmonizava com a pergunta de Hannchen, escolheu primeiro traduzir em prejuízo do que se encontrava no texto alemão, mas depois reconsiderou e traduziu em conformidade com o texto alemão. A segunda hipótese é que João Félix Pereira terá traduzido a resposta de Biedermann em conformidade com a pergunta de Hannchen por mero descuido, guiado pela pergunta desta.

O exemplo acima ilustra igualmente os problemas de concordância que João Félix teve de resolver ao traduzir do alemão para o português. Um outro caso encontra-se em «A descoberta de O-Tahiti», em 531-3a. Inicialmente João Félix Pereira escreveu:

Este vestuario, posto q não perfeito, era tão bello, como
a [↑draperie] q admirâmos nas estatuas gregas, todavia excedia
muito nossa admiração, e parecia-nos incomparavel-
mente mais vantajosa

O sujeito da frase é «vestuario», mas o último adjectivo da citação encontra-se no feminino. No texto alemão temos:

War *diese Tracht* gleich nicht vollkommen so schön als jene an den griechischen Statuen bewunderten Draperien, so übertraf *sie* doch unsre Erwartungen gar sehr und dünkte uns der menschlichen Bildung ungleich vortheilhafter als jede andre, die wir bis jetzt gesehen (FORSTER, 1778: p. 194, *italico meu*).

O sujeito da frase, *Tracht*, é um substantivo feminino, mas o equivalente português usado pelo tradutor é um substantivo masculino. Tendo em conta que *draperie* é uma adição feita na entrelinha, não se sabe se o adjectivo «vantajosa» foi escrito antes ou depois de ter sido feita a adição. Mas no caso de ter sido escrito depois da adição,

coloca-se aqui a hipótese de o tradutor ter sido influenciado pela proximidade de *draperie*, embora também possa ter sido influenciado por «admiração», ao flexionar o adjectivo. Como em alemão os adjectivos predicativos não são flexionados, não é de colocar a possibilidade de se tratar de um erro de leitura do texto alemão³⁸. Em todo o caso, numa leitura posterior João Félix Pereira procedeu então à correcção do erro cometido.

Um segundo exemplo de problemas de concordância encontra-se em «O duque de Alva durante um almôço no castello de Rudolstadt no anno de 1547», em 649-2b:

<□>/Depois\<Com>[d'] esta declaração decisiva
sahiu da casa, q em poucos momentos ficou cheia
de gente armada, q com a espada na mão, mas
com muito respeito, se postou atraz das cadeiras dos
<príncipes>[↑generaes], e **serviã** o almôço. (negrito meu)

No texto alemão encontramos:

Mit dieser bündigen Erklärung verließ sie das Zimmer, das in wenigen Augenblicken von Bewaffneten erfüllt war, die sich, das Schwert in der Hand, doch mit vieler Ehrerbietigkeit, hinter die Stühle der Fürsten pflanzten und das Frühstück *bedienten*. (SCHILLER, 1836: p. 239, itálico meu).

O sujeito da frase relativa, no texto alemão, é *Bewaffneten*, ‘pessoas armadas’, adjectivo substantivado no plural que João Félix Pereira traduziu por ‘gente armada’. Sendo este sintagma nominal constituído por sujeito e adjectivo no singular, o verbo tem de concordar com o número do sintagma: o tradutor ou se esqueceu de que o sujeito na sua tradução se encontrava no singular, ou escreveu «serviã» quer por proximidade com o texto alemão, quer por contágio de «cadeiras». Em todo o caso corrigiu o seu erro, e acabou por colocar o verbo no singular.

Olhando ainda para este exemplo, vê-se que o tradutor deixou inicialmente um espaço em branco, o que se pode inferir pelo espaço deixado entre «Depois» e a frase anterior, proferida pela condessa de Schwartzburg: «“Meinen armen Unterthanen muß das Ihrige wieder werden, oder, bei Gott!” — indem sie drohend ihre Stimme anstrenge, “Fürstenblut für Ochsenblut!”» (*idem*: pp. 238-9). Esta frase corresponde na tradução portuguesa à frase anterior aqui analisada, que se encontra nos fólios 649-2a e 2b:

Meos pobres vassalos hão de ter o q é seo; ou,

³⁸ O adjectivo, neste caso, só poderia ser confundido com as seguintes declinações no grau positivo: para o caso do adjectivo que não é precedido por qualquer artigo, o adjectivo declinado no masculino nominativo singular, no feminino genitivo e dativo singular e no feminino genitivo plural; para o caso do adjectivo precedido do artigo indefinido, o adjectivo no masculino nominativo singular. Para os adjectivos precedidos do artigo definido, não há a terminação *-er*.

por Deus! — levantando a voz com um tom ameaçador —
sangue de <príncipes por> generaes por sangue
de boes.

Antes de começar a traduzir a frase seguinte a esta, João Félix Pereira deverá ter previsto que iria introduzir modificações no começo da frase, pelo que deixou de antemão o espaço em branco entre as duas frases. Portanto, este caso poderá ser mais um indicativo da incipiência da tradução patente na *Selecta portugueza*.

Estes exemplos permitem-nos conhecer os problemas de tradução que João Félix Pereira entretanto conseguiu resolver. Mas casos houve que o tradutor não conseguiu solucionar, o que condiz com a hipótese de se tratar de uma versão inicial da tradução que necessitava de ser revista para posterior publicação.

O caso que aqui consideraremos diz respeito ao maior ou menor domínio de João Félix Pereira de vocabulário técnico, nomeadamente de vocabulário de marinharia. Em «Pintura d' uma batalha naval», em 497-4a, encontramos:

(...) fazia as vezes de □. A cordage-
consistia n' um mastro grande [↑e n' um de diante.] Estes mastros erão mui cur-
tos e sem vergas, e faltavão-lhes □ [↑escada d corda p/ subir ao mastro] Cada (...)

Como se pode ver, foi deixado um espaço na terceira linha de texto a seguir a «faltavão-lhes» e antes da frase seguinte, que começa com «Cada». Este espaço é acompanhado de uma adição na entrelinha superior que é «escada d corda p/ subir ao mastro», que foi escrita numa caligrafia muito mais cursiva do que a que se encontra no texto. Teria o tradutor dúvidas quanto a esta adição? Em outras narrativas encontram-se casos em que o tradutor escreveu na linha de texto as palavras que se encontram no texto alemão³⁹, ou casos em que fez uma adição, seguida de ponto de interrogação⁴⁰. Este facto permite-nos aqui considerar esta adição como sendo de uma nota explicativa que não figuraria na versão final. Mas vejamos o texto alemão: «Beide [Haupt- und Fockmast, 'mastro grande e mastro dianteiro'] waren sehr kurz und ohne Stängen; auch fehlte es ihnen an Wänden» (RICHTER, 1831: p. 29, itálico meu). *Wänden* significa 'ovéns', cabos que prendem o mastro às laterais do casco de um barco (cf. CAMPOS, 1823: p. 75). Como se pode ver, este termo não corresponde à adição feita por João Félix Pereira. O termo de marinharia que poderia corresponder à definição dada pelo tradutor é o de 'enflechates',

³⁹ Cf., por exemplo, 511-3d («unken»), 470-1d («der Soldanelle»), entre outros.

⁴⁰ Cf., por exemplo, em 497-1c («rede? maca?»), 222-2a («Tezerdah?»). É de referir, em relação a este caso, que no final da linha 4 o tradutor escreveu «Te», mas que «zerdah?» terá sido adicionado posteriormente no começo da linha 5, mostrando assim a dúvida existente a respeito do termo.

«(...) huns Cabos delgados, que amarrão nas inxarcias, em forma de escada para os marinheiros subirem acima dos mastros» (*idem*: p. 48), termo que em alemão é *Wewelinen* (cf. WAGENER 2, 1812: p. 567).

Encontram-se ainda outros três casos semelhantes a este na tradução do texto de Richter, a saber, casos em que João Félix Pereira não soube verter vocabulário de marinharia para português e que, por este motivo, deixou um espaço em branco na linha de texto. Os três casos encontram-se nos fólios 497-3d, 497-4a e 497-5c e no texto alemão correspondem a *Back* (RICHTER, 1831: p. 29), ‘castelo de proa’ (WAGENER 1, 1812: p. 117), *Bugspriets* (RICHTER, 1831: 29), aqui no plural, ‘gurupés’ (WAGENER 1, 1832: p. 223), e *Schiffsbug* (RICHTER, 1831: p. 31), ‘proa’ («Bug des Schiffes», WAGENER 1, 1832: p. 222), respectivamente. No entanto, ao contrário do que sucede com o caso analisado no parágrafo anterior, estes espaços em branco não são acompanhados de notas explicativas, o que também pode apontar para a fase inicial da tradução.

Consideremos uma outra situação que se prende com a génese da tradução. Na narrativa «Pintura d’ uma batalha naval», de onde partiu o exemplo anterior, o narrador e os seus companheiros de viagem vêem-se, a certo ponto, numa batalha contra piratas da Maurítânia. Em 497-4b, o tradutor iria talvez escrever «piratas», mas substituiu no acto de escrita para «corsarios»:

Apesar d’ isto os <p> corsarios da Barbaria se
servem mûitas vezes d’ ellas, e se atrevem a entrar com (...)

No texto alemão, encontra-se *Seeräuber* (cf. RICHTER, 1831: p. 29), ‘corsários’. Na tradução, esta é a única vez em que a palavra surge. Ao contrário disso, a palavra *Seeräuber* aparece na página 26 e *die Räuber* na página 27, ambas traduzidas por «piratas» em 497-2c. Ainda mais à frente, em 497-5a, aparece «piratas», quando na página 30 do texto alemão aparece *Räuber*; em 497-5b encontra-se escrito «ladrões» e «piratas», enquanto no texto alemão, na página 31 aparece *Räuber* e *Raubgesindels*, respectivamente; «piratas» em 497-6a, quando no texto alemão, na página 32, aparece *Räuber*. *Seeräuber* tanto pode ser traduzido por ‘pirata’, como por ‘corsário’, enquanto *Räuber* significa ‘ladrão’. João Félix Pereira, que em 497-2c, 497-5a e 497-6a traduziu *Räuber* nos seus diferentes casos e declinações por «piratas», traduziu apenas em 497-5b por «ladrões». Por sua vez, *Seeräuber* foi traduzido em 497-4b por «corsarios» e em 497-2c por «piratas». Não parece tratar-se aqui de um vocabulário deficitário, mas antes de

escolhas de tradução de João Félix Pereira cujas motivações não conhecemos.

Para finalizarmos esta breve apresentação das variantes encontradas na *Selecta portugueza*, observemos alguns casos que revelam uma outra questão da génese da tradução: as preocupações de ordem estilística.

Vejamos duas situações que se encontram em «Um dia no equador». A frase começa em 511-1b e prossegue para a 511-1c:

Um cicade q habita na casa, me cha-
ma outra vez pâra dentro com sua voz domestica, e
faz companhia ao feliz, q <m>/es\ tá meio sonhando, <esperan>
á espera do dia, conserva<do>[↑ndo-se] acordado pêlo zunido
dos mosquitos, pelas pancadas d' uma ran bovina,
q se assimelhão ao som de timbales, ou pêla voz
lamentosa do q ordenha as cabras.

Como se pode ver, o tradutor começou por escrever «esperan», início provável do gerúndio do verbo «esperar», mas depois substituiu pela locução prepositiva «à espera de». Para além do mais, substituiu o particípio passado pelo gerúndio de «conservar». No texto alemão encontramos:

Eine Cicade, die im Hause wohnet, lockt mich mit heimischem Gezirpe wieder hinein, und leistet dem glücklichen Halbträumer Gesellschaft, der den Tag *erwartet*, vom Gesumse der Mosquiten, den paukenähnlichen Schlägen eines Ochsenfrosches, oder dem klagenden Rufe des Ziegenmelkers *wach erhalten* (MARTIUS, 1831: p. 654, *itálicos meus*).

João Félix Pereira traduziu «dem glücklichen Halbträumer» por «ao feliz, que está meio sonhando». Como o substantivo foi traduzido por uma oração relativa, a oração relativa seguinte do texto alemão, e para que não houvesse repetição de orações do mesmo tipo — efeito estilístico que não se encontra no texto alemão —, foi traduzida pela locução prepositiva. Por outro lado, o tradutor inicialmente traduziu o particípio passado «wach erhalten» por «conservado acordado». A repetição da terminação «-ado» terá sido o motivo para substituir «conservado» por «conservando-se».

Alguns fólhos adiante, em 511-4c, encontra-se um outro caso de substituição de gerúndio por um sintagma preposicional, destacada a negrito:

A noite chega; a
natureza dorme e sonha, e os espaços, abobadando-
se sobre a terra<,> na immensidade cheio de pre-
sentimento, <brilhando> **com o brilho** de innumeraveis tes-
temunhas (...)

No texto alemão encontra-se o seguinte: «Es kommt die Nacht; in Schlaf und Traum sinkt die Natur, und der Aether, sich in ahnungsvoller Unermeßlichkeit über die Erde wölbend, von zahllosen Zeugen fernster Herrlichkeit *erglänzend* (...)» (*idem*: p. 658, itálico meu). A forma usada no texto alemão é o *Partizip I*, forma verbal semelhante ao Particípio Presente e que pode ter diversas funções: quando unido a um substantivo, tem a função de adjectivo; quando unido a um outro verbo, tem a função de advérbio; ou pode simplesmente ter a função de substantivo. No entanto, o *Partizip I* é uma forma que pode ser usada com quase todos os verbos, acrescentando apenas a terminação *-d* ao Infinitivo, ao contrário do Particípio Presente, que sobrevive em português através de algumas palavras consideradas já não tanto pela forma verbal *per se* como pelas funções que podem desempenhar numa frase, a saber, de adjectivo ou de substantivo. Considerando a palavra *erglänzend*, ‘brilhante’, e o contexto em que foi utilizada, vemos que na mesma frase encontra-se um outro verbo conjugado no *Partizip I* e que é *wölben*, ‘abobadar’ (WAGENER 2, 1812: p. 581). Ao contrário daquele, *wölbend* não tem um correspondente directo em português, pelo que João Félix Pereira, ao traduzir este passo, teve que escolher a forma do gerúndio, «abobadando-se». No caso de *erglänzend*, não se sabe por que razão o tradutor não optou pelo correspondente português, mas é possível que tenha substituído o gerúndio pelo substantivo precedido de preposição de modo a não repetir a terminação *-ando*.

Outro caso relativo às preocupações de ordem estilística do tradutor que analisarei encontra-se em «Meninice e infelicidade de Pawai», em 329-4d:

<Dos q forão a> D’ êstes os cacadores matárão os
<m>/v\elhos, e deixárão com vida os novos somente.

Neste passo, o grupo de macacos que levou Paiwai para longe dos seus pais cai numa emboscada. No texto alemão, este passo aparece assim:

(...) und die Affen wurden plötzlich von allen Seiten überfallen, die meisten erschlagen und viele *gefangen*. Von den *Gefangenen* schlugen die Jäger die alten auch todt und liessen nur die jungen leben (ARNDT, 1842: p. 111, itálico meu).

Em alemão, é feita a distinção entre *gefangen*, particípio passado de *fangen* e adjectivo, e *Gefangene*, adjectivo substantivado que, por isso, começa com letra maiúscula. Como se pode ler no excerto de «Meninice e infelicidade de Paiwai», o tradutor traduziu *gefangen* por «agarrados» e ia começar a frase seguinte, escrevendo,

«Dos que forão a», sendo o «a» o início possível de «agarrados». Para evitar a repetição do particípio passado, o tradutor preferiu traduzir «Von den Gefangenen» para «D' êstes».

Ao contrário deste caso, em que João Félix Pereira teve que alterar a sua tradução para evitar a repetição da terminação, há situações em que, sem haver repetição, o tradutor introduz alterações. Um caso encontra-se em «A descoberta de O-Tahiti», em 531-1d:

A canoa <vinha remando>[↑remava] mesmo por baixo da poupa do navio, e nós imediatamente lhe deitámos [↑coraes,] pregos e medalhas.

Como se pode ler, o verbo «remar» é inicialmente usado no gerúndio, tendo como auxiliar o verbo «vir». Mais tarde, o tradutor substituiu o imperfeito composto pelo simples. Comparando com o texto alemão, encontramos «Das Canot ruderte (...)» (FORSTER, 1778: p. 193), ou seja, no imperfeito. Porém, não existe em alemão o gerúndio. Pelo contrário, quando por qualquer razão se torna peremptório o realce da ideia de continuidade, esta é geralmente expressa por meio de advérbios de tempo, tais como *gerade*, *jetzt*, *nun*. Mas um verbo alemão que esteja na forma simples pode ser traduzida para português tanto na forma simples como na forma composta com um gerúndio. A ser assim, tanto se pode traduzir *ruderte* por 'remava' ou por 'vinha remando'.

Através desta apresentação das variantes, procurou-se mostrar que a tradução presente na *Selecta portugueza* é uma tradução de primeiro jacto pouco revista. Ainda assim, por alguns problemas de tradução que João Félix Pereira conseguiu resolver pode-se ver que o texto foi alvo de revisão. A utilização de apenas uma cor na redacção não permite identificar as campanhas de revisão.

De resto, os exemplos em cima considerados permitiram-nos conhecer algumas preocupações de ordem estilística, como seja o intuito de evitar a repetição de algumas terminações ou de palavras, provavelmente considerada inadequada pelo tradutor. Outra preocupação estilística de João Félix Pereira é a colocação do qualificativo antes do substantivo, o que motivou grande parte dos reordenamentos encontrados ao longo das narrativas aqui consideradas.

Os outros textos constituintes da *Selecta portugueza*, que não foram editados, poderiam certamente oferecer mais situações que motivariam outras observações que

viriam completar as que aqui foram apresentadas. Seja como for, apenas o estudo inclusivo deste manuscrito e de outros manuscritos com outras traduções feitas por João Félix Pereira permitirá ao interessado conhecer melhor este escritor multifacetado, erudito e prolífico, nomeadamente o modo como traduz, a sua linguagem e a sua erudição. Esse estudo inclusivo permitirá afinar a imagem da *farpa* que foi dedicada a Félix Pereira em 1873:

A recente obra de Felix é um resumo de historia romana traduzido do latim. As primeiras linhas d' esta versão bastam para dar aos leitores uma idéa da obra.

O imperio romano, menor do que o qual em seo principio, ou maior por seo augmento em todo o mundo, de quase nenhum a memoria humana pode recordar-se, tem principio de Romulo; o qual filho de Rhea Silvia, virgem vestal, e quanto se julgou, de Marte, foi dado á luz com seo ermão Remo, d' um só parto. Elle como andasse roubando entre pastores, chegando á idade de dezoito annos, fundou uma pequena cidade no monte Palatino...

Tal é Eutropio — traduzido para Felix. Não faltaria agora senão uma coisa: traduzil-o de Felix para Português — se porventura houvesse alguém no mundo que fosse capaz de advinhar perante a lingua de Felix, qual a grammatica com que se rege Felix, medico, engenheiro civil, agronomo, e auctor de opusculos para instrucção da mocidade! (ORTIGÃO, QUEIRÓS, 1873: p. 25, itálico do original)

**Edição genética de
algumas narrativas da**

***Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos
melhores escriptores allemães***

Critérios de edição

Para a presente edição optou-se por uma fixação conservadora do texto, pois este não estava ainda definitivamente redigido aquando da morte do tradutor, tratando-se de um texto inédito. Adicionalmente, a codificação de operações de escrita foi decidida de modo a contribuir para uma compreensão da genética de opções de tradução.

Nestes termos, conservou-se:

- a) Ortografia (“thesouros”, p. 329-1a);
- b) Variação gráfica (“bramen”, p. 197-2c e “brahman”, pp. 197-4b, 197-4d, 197-5c; “condessa”, pp. 649-1a, 649-1c, 649-1d, 649-2d e “condeça”, p. 649-2c);
- c) Translineação (“buscal-|o”, p. 329-1a);
- d) Indentação;
- e) Abreviatura (“q” por “que”, pp. 649-1c, 329-3b, 135-1c, 197-1d, 197-2c, entre outros; “porq” por “porque”, pp. 497-1d, 497-2b, 329-3b, 329-4c; “sr.” por “senhor”, p. 531-4a; “p/” por “para”, p. 497-4a, “d.” por “de”, p. 497-1^a, “d” por “de”, p. 497-4a; “&c.”, pp. 497-3a, 497-5d).

Foram introduzidas alterações em relação ao documento nos seguintes aspectos:

Numeração de páginas. Cada página é assinalada através do «número identificativo do texto», anexado ao número do bifólio, ligado por sua vez a uma letra minúscula que identifica a face da folha do bifólio, sendo que «a, b, c, d» identificam respectivamente as primeira, segunda, terceira e quarta faces do bifólio. Tomando como exemplo a última página numerada de «A descoberta de O-Tahiti», esta foi, na edição, identificada como sendo a página 531-4a, ou seja, o recto da quarta folha do texto acima nomeado.

Título. O título de cada texto é apresentado uma única vez, no início e na horizontal, quando no testemunho estão escritos na vertical na margem esquerda da primeira página do bifólio inicial de cada texto.

Palavras em língua estrangeira. Estas palavras, quando acrescentadas na margem ou na entrelinha, e que apresentem uma letra mais cursiva e/ou mais pequena, foram destacadas no texto com sombreado.

Sublinhados. O tradutor sublinhou algumas palavras estrangeiras num número muito residual. Estes sublinhados foram italicizados na edição.

Limites da inteligibilidade da simbologia. Há situações em que os símbolos aqui usados não são suficientes para tornar mais compreensível a g nese da tradução. Assim, aonde a transcrição não for completamente fidedigna   g nese da tradução, houve a necessidade de explicar em nota de rodapé o que se encontra no manuscrito.

Reordenação de palavras. O tradutor reordenava o texto por meio de números na entrelinha superior. Os elementos reordenados foram, nesta edição, isolados por meio de chavetas, com o respectivo número a servir de indicador da ordem.

Símbolos de adição simples (“+”) e duplos (“++”). Aparecem tanto nas margens como nas entrelinhas. O seu objectivo não foi ainda completamente identificado, mas coloca-se a hipótese de terem sido utilizados pelo tradutor para indicar passagens do texto ou palavras que necessitassem de revisão. Dado a sua funcionalidade ser incerta, os símbolos de adição foram omitidos nesta edição.

Foram de resto usados os seguintes símbolos, maioritariamente constantes da edição crítica de Fernando Pessoa:

<...>	cancelamento
{↑número:...}	numeral na entrelinha superior a indicar reordenamento do segmento
[...]	adição mediata na linha
[↑...]	adição mediata na entrelinha superior
[↓...]	adição na entrelinha inferior ⁴¹
<[↑...]>	cancelamento de uma adição mediata na entrelinha superior
<...>/...\\	substituição por sobreposição
<...>/...\\[...]	substituição por sobreposição e adição mediata do resto do segmento na linha
<<...>/...\\>	cancelamento de uma substituição por sobreposição
<...>[↑...]	substituição por cancelamento e adição na entrelinha superior
<†>	cancelamento ilegível
*	leitura conjecturada
�	espaço em branco

⁴¹ O  nico caso em que o tradutor terá escrito na entrelinha inferior encontra-se na página 497-1a, motivado pela falta de espaço na linha de texto, não se tratando assim de uma adição mediata.

[531-1a]

A descoberta de O-Tahiti (Forster)

Era uma manhan, difficultosamente a tem descripto mais bella poeta algum, em q avistámos a ilha de O-taiti, a duas leguas de nós. O vento de <o>/l\este, nosso companheiro até agora, tinha cessado; um arzinho, q sopra-va da terra, trouxe ao nosso encontro os mais refriger<e>/a\ntes e deliciosos perfumes e encrespava a superficie do mar. Montanhas cobertas de florestas levantavão seos orgulhosos cumes em variadas e majestosas figuras, e ja se apresentavão vermelhos com os primeiros raios matutinos do sol. Abaixo d' elles enxergavão-se series de oiteiros mais baixos, brandamente <des->[↑in-]

[531-1b]

<tacados,>[↑clinados,] os quaes, á maneira de montanhas, estavam cobertos de mato, e de sombra, dada <pêla verd> p<or>/êla\ variada e graciosa verdura e tostado [↑do outomno.] Adiante d' êstes estava a <superficie> planicie, assombreada por fecundas árvores de trigo e innumeraveis palmeiras, cujos reaes topes se elevavão mûito. Jazia tudo ainda no mais profundo somno; apenas ia <appare> alvorecendo, e pacíficas sombras pairavão ainda pêlos campos.

Mas pouco a pouco se foi distinguindo por entre as árvores grande numero de casas e [↑canoas] q estavam levantadas sôbre a praia areenta. A meia legua da praia

[531-1c]

havia uma serie de {↑2: cachopos}{↑1: baixos} parallela á terra, e contra os quaes o mar se quebrava <em espumoso><[↑fazendo]><[↑espumando,]>[↑em espumosa regaca] por de-traz d' êstes, porém, a agua se apresentava [↑lisa como um espelho] e promettia o mais seguro ancoradouro. Agora principiava o sol a allumiar a planicie. Os habitantes acordavão, e

tudo, q se via, começava a dar signaes de vida.

Apenas forão vistos na costa os grandes navios,
alguns descêrão immediatamente á praia, lançárão
á agua suas canoas e remárão pâra nós. Passado
pouco tempo, <estavão>[↑passavão] elles pêla<s> abertura<s> do [↑rochedo,] e uma
se aproximou tanto de nós, q <lhe> podêmos <gritar.>[↑chamal-a.] Dois
|531-1d|

homens quasi inteiramente nus com uma especie de
turbante na cabeça, [e] com uma cinta em roda dos
quadris, estavam assentados dentro. Traziaão levantada
ao ar uma grande folha verde, e <repetião>[↑se aproximavão, repetindo] mûitas vezes
em alta voz *tayo!* exclamação, q sem difficuldade e
sem diccionario <p> interpretámos por uma saudação
de amigos. A canoa <vinha remando>[↑remava] mesmo por bai-
xo da poupa do navio, e nós immediatamente lhe
deitámos [↑coraes,] pregos e medalhas. Elles nos retribuirão com
um [↑ramo] verde [↑de pisang] q <er> é entre elles um symbolo de paz, e pedí-
rão, q o fixassemos no navio de tal modo, q fosse
|531-2a|

accessivel á vista de todos. Em consequencia d' isto foi
fixado na [↑parede (tauwerk)] do mastro principal; depois do q os nossos a-
migos voltárão immediatamente pâra terra. Sem me-
diar mûito tempo viu-se a praia coberta de mûita
gente, q olhava pâra nós, enquanto outros, cheios de
confiança na paz ajustada lançavão á agua suas
canoas, e as carregavão de productos do paiz. Em me-
nos d' uma hora estavam rodeados de cem <*emb>[↑d' aquelles] bar-
cos, com um, dous, tres e ás vezes quatro homens, cada
um. Sua confiança em nós chegou a poncto de virem
todos junctos sem armas. De todos os lados soava o
|531-2b|

bem vindo *tayo!* e nós correspondemos com verdadeiro
e cordial prazer por tão favoravel mudança de nos-

sas circumstancias. Trazia-nos cocos e [↑pisangs] em grande abundancia, com fructos da árvore de pão e outros vegetaes, q elles mui gostosamente trocavão por [↑coraes] e preguinhos. Pedacos de panno, anzoos, machados de pedra e differentes especies de instrumentos forão egualmente expostos á venda e facilmente [↑vendidos] A multidão de canoas, q, entre nós e a costa, ião e <volta> <vão> vinhão, apresentav<ão>/a\ um bello espectaculo, de certo modo uma nova especie de feira sôbre a agua. Co-
[531-2c]

mecei logo a <tractar>[↑prover-me de productos naturaes pêla janela de minha camara] e dentro de meia hora tinha eu ja ajunctado duas a tres especies de aves desconhecidas e grande quantidade de peixes novos. As côres d' estes erão, emquanto vivião, erão de extraordinaria belleza, por isso dediquei logo ésta manhan a desenhá-los, traçando as côres claras, antes q ellas desaparecessem com a vida.

A gente, q nos rodeava, apresentava nas feições tanta amabilidade, quanto agrado no modo de tractar.

Era pouco mais ou menos da nossa estatura, [↑cor de mogno escuro] tinha bellos olhos e cabellos pretos, e trazia um pedaço de panno de seo proprio fabrico em roda do ventre, e outro em variadas fórmas pitorescas, envolvido na cabeça como um turbante.
[531-2d]

no de seo proprio fabrico em roda do ventre, e outro em variadas fórmas pitorescas, envolvido na cabeça como um turbante.

As mulheres, q se achavão comnosco, erão bem bonitas, pâra ferirem os olhos dos europeos, q, havia um anno, não tinhão visto nenhuma de suas compatriotas. Seo traje consistia n' um pedaço de panno, com um buraco no meio, pâra metter a cabeça, <*c>/p\rendendo atraz e adiante até acima dos joelhos. Porcima trazia outro pedaço d' uma fazenda tão fina como [↑caca,] q se fixava <<e><m>/a\ roda do ventre d'> de diverso modo, mas elegan-

[531-3a]

temente, a roda do ventre um tanto abaixo do peit<*a>/o\,
 á maneira d' uma tanga, de sorte q uma parte d' elle,
 as vezes com muita graça, prendia por cima dos hombros.
 Este vestuario, posto q não perfeito, era tão bello, como
 a [↑draperie] q admirâmos nas estatuas gregas, todavia excedia
 muito nossa admiração, e parecia-nos incomparavel-
 mente mais vantajos<a>/o\ á <organização>[↑civilização] humana, do
 q <a> qualquer outro, q tivessesmos visto até hoje. Ambos
 os sexos se ornavão, ou antes se <extrava>[↑desfiguravão com] exquisitas man-
 chas pretas ja descritas por outros viajantes, as quaes
 se <faz> obtem-<s> d' um pontilhado da pelle, esfregado de-

[531-3b]

pois com uma tinta preta. Na gente do vulgo, q pêla
 maior parte anda[va] nua, vião-se d' aquellas manchas
 principalmente pelos quadris; prova manifesta, de quão
 differentemente os homens pensão [↑a respeito] do ornato exterior, e quão
 unanimemente[, ↑todavia, concordão todos, em] exaltã<o>/r\ suas perfeições d' uma ou d' ou-
 tra maneira. Não passou muito tempo, q não viesse a bor-
 do alguma d' esta boa gente. O modo extraordinaria-
 mente affavel, q é uma feição principal de seo character
 nacional, transluzia immediatamente de todos seos
 gestos e açções, e dava a todos q estudárão o coração
 humano, assumpto pâra considerações. Os signaes exte-

[531-3c]

teriores, <p> com q elles nos querião dar a conhecer sua
 affeição, erão differentes; uns pegavão-nos nas mãos, ou-
 tros encostavão-se aos nossos hombros, outros abraçavão
 nos. Ao mesmo tempo elles admiravão a côr branca da
 nossa pelle, e ás vezes nos descobrião o peito, como <pâra>
 se quizessem primeiro <informar-se> convencer-se, de q nós
 eramos como elles.

Quando elles notárão, q gostavamos de aprender sua

linguagem, porq nos informav<ão>/am\os das denominações dos objectos mais ordinarios, ou as citavamos dos vocabularios de anteriores viajantes, derão-se ao laborio-
|531-3d|

so trabalho de nos instruirem, e ficavão contentes, quando conseguíamos pronunciar com <um> exactidão uma palavra. Segundo a minha opinião nenhuma lingua é mais facil do q ésta. Todas as consoantes duras e sibilantes são <d> inteiramente proscriptas, e quasi todas as palavras terminão n' uma vogal. O q pâra isto se exigiria, era somente um <ouv> bom ouvido, pâra distinguir as várias modificações das vogaes, q naturalmente devem haver n' uma lingua, q se limita a tão poucas consoantes, e q, tendo-se comprehendido bem uma vez, tornão a conversação
|531-4a|

muito agradável e harmoniosa. Entre outras propriedades da lingua notámos immediatamente, q o *o* e *e*, em q principia a maior parte dos nomes na primeira viagem do sr. Cook, não são senão artigos, q em muitas linguas orientaes costumão preceder os nomes, mas q eu, na continuação d' esta narrativa ou omittirei, ou separarei do nome com um traço. Ja prece<n>dentemente notei, q o senhor Bougainville teve a felicidade, de achar logo sem artigo o nome da ilha[:] elle, [↑na descripção de sua primeira viagem] o exprimiu com quanta exactidão a indole da lingua franceza comporta,
|531-4b|

pêla palavra Taïti; comtudo os indios o pronunciação com uma ligeira aspiração, isto é, Tahiti.

[511-1a]

Um dia no equador (Martius)

São tres horas da manhan; deixo minha rede, porq o
somno foge de mim q estou excitado; abro as portas
da janella, e lanço a vista pêla escura e majestosa
noite. As estrelas scintill<avão>/ão\ d' um modo solemne, e
o mar brilha com o reflexo da lua <q se está pond>
em seo occaso. Quão mysterioso e tranquillo e tudo
em roda de mim! Saio pâra a fresca varanda com
a lanterna cega, e contemplo meos caros amigos, as ár-
vores e os arbustos, q se achão em roda de minha
habitação. Mûitos dormem com suas folhas mûi che-
gadas, <umas ás outras,> outros, porêm, q dormem de

[511-1b]

dia, se elevão tranquillamente expandidas na si-
lenciosa<*n> noite; poucas flores estão abertas; so vós, o-
doríferas sebes de paulinas, saudaes o viandante com
o mais fino perfume, e tu alta e <copada>[↑sombria] manga,
cuja copada coroa <, cuj> me protege contra o orvalho
da noite. Á maneira de espectros voltejão grandes
borboletas nocturnas em torn<a>/o\ das {↑2: luzes} <d> {↑1: athra-
hentes} luzes de minha lanterna. O orvalho molha
cada vez mais os prados q [↑principião a] respir<ão>/ar\ frescamente, e
o ar humido da noite se applica aos membros a-
quecidos. Um cicade q habita na casa, me cha-

[511-1c]

ma outra vez pâra dentro com sua voz domestica, e
faz companhia ao feliz, q <m>/es\tá meio sonhando, <esperan>
á espera do dia, conserva<do>[↑ndo-se] acordado pêlo zunido
dos mosquitos, pelas pancadas d' uma ran bovina,
q se assimelhão ao som de timbales, ou pêla voz
lamentosa do q ordenha as cabras. Ás cinco horas

vejo o crepusculo da manhan em roda de mim; um[a]
<escuro>[↑certa escuridade] fin<o>/a\ e igual, misturado do arrebol matutino,
e por isso allumiad<o>/a\, cobre o ceo; so o zenith está
mais escuro. As formas das árvores se percebem ca-
da vez melhor; o vento da terra, q se levanta no
|511-1d|

oriente, agita-se mansamente; ja brilhão rosadas
luzes em roda do<s> cimo dos árvores<:/>\ <o>/O\s ramos se mo-
vem com as folhas; besouros voão, mosquitos zumbem,
passaros chamão, macacos retirão-se pâra a espes-
sura das florestas, trepando e guinchando; as bor-
boletas nocturnas buscão de novo suas nocturnas
florestas, fugindo da luz, cambaleando; pelos ca-
minhos ja se ouve movimento, os animaes roedo-
res retirão-se aos muros velhos, e as astutas mar-
tas afastão-se silenciosamente das gallinhas, a
quem o pomposo gallo annuncia a manhan.

|511-2a|

O ar cada vez mais claro se apresenta<va>; o dia começa;
um socêgo indefinivel existe em a natureza; o limbo do
<†>/sol\ allumia como vermelho relampaga; agora o sol se
eleva, n' um momento se acha elle todo sôbre o hori-
zonte [↑sahindo das ondas abrasadas] e dardeja ardentes raios sôbre a terra. O magi-
co crepusculo desaparece, e derepente o fresco orvalho
brilha em roda do <*erfi>/espec\tador transportado, com pom-
pa e juvenil serenidade. Nenhuma nuvemzinha se
ve no ceo, q forma uma limpa abobada sôbre
a terra. Tudo é vida; animaes e plantas folgão e
luctão. Ás septe horas principia o orvalho a desappa-
|511-2b|

recer, o vento da terra diminue um pouco, ja o augmen

to de temperatura se torna notavel. O sol sobe veloz
e perpendicular ao <azu> ceo azulado e transparente,
em q todos os vapores são igualmente desfeitos, até
mais tarde se formarem pequenas nuvens de floccos
brancos da parte occidental do horizonte; estas [↑dirigão as pontas] pâ-
ra o astro do dia, e se extendem pouco a pouco pêlo
firmamento. Às novas horas está o prado inteira-
mente sêcco; a floresta brilha com a cor das folhas
de seos loureiros; umas flores se abrem, outras <tem ja>
o desinvolvimento mais rapido [↑tem ja feito cahir.]. Uma hora mais tar-
|511-2c|

de, as nuvens se elevão como abobadas, dispõem-se
em massas largas mais espessas, e passam às vezes, escu-
recendo e refrescando, por baixo do sol, q domina os
campos em brilhante plenitude. Agitão-se convulsivas
as plantas debaixo dos ardentes raios do sul; mesmo <*in>
de todo perdidas se abandonão ao poderoso encanto.
Escaravelhos de asas douradas, e colibris levantão mais
proximamente sua voz alegre; saltão confusamente
pêlas praias matizadas borboletas e libellen, for-
mando um jôgo de vivas côres; os caminhos vão cheios
de formigos, q em longas fi<g>/l\eiras arrastão folhas
|511-2d|

pâra seos buracos. Os animaes, q são mais prigiço-
sos, sentem tãobem o encanto do sol; o crocodilo sobe
da parte mais baixa das margens dos rios, e se dei-
tão na areia quente; tartarugas e lagartos são at-
trahidos pâra fora de seos <mo>/ha\bitações sombrias e
humidas; serpentes de variegadas côres, brilhantes e escu-
ras, vagarosamente se dirigem pâra os atalhos, alu-
miados e aquecidos. As nuvens se abaixão mûito por
camadas; cada vez mais pesadas, mais espessas, mais
escuras, cobrem <um> o horizonte d' um azul carregado<:>/;\

no zenith ellas se amontoão á maneira de tórres, em

|511-3a|

massas mais claras e mais diffusas, como uma imagem de gigantescas montanhas no ar. Derepente o ceo todo se tolda; so por aqui e por alli penetra o azul escuro; o sol se esconde, mas o ar fica tanto mais ardente

Meio-dia é passado. Esta hora se apresenta á natureza, sombria, pesada, melanc<h>olica; a emoção penetra cadavez mais profundamente, e eis ahi o mal, q o ar do dia tem produzido. A fome e a sede obrição a andar os animaes por aqui e por alli; so os mansos, os prigueiros<†>/o\s, recolhidos á sombra da flores-

|511-3b|

ta, nada presentem da violenta crise da natureza.

Mas ella chega; ja resfria <a>/o\ ar, os ventos se precipitão furiosos uns contra os outros, revolvem a flo-

resta, depois o mar, cujas ondas rolão cada vez

mais negros, e os rios, q, mais escuros e excedidos pela bulha dos ventos, parecem correr sem ruido.

Eis-ahi a tempestade! Duas, <ou> tres vezes um amarello <tr<*a>/o\vão>[†relampago] passa por entre as nuvens; duas, tres vezes susurra o trovão, susurra vagarosa, tranquilla, subtilmente; cahem gottas. As plantas [†respirão novamente de seo canção;] um novo trovão

e... não chuva, torrentes de agua derrama agora o

ceo. A floresta geme; o sibilante movimento das folhas cresce a poncto de se converter em surdo susurro res-

ando ao longe. Flores vacillão, folhas cahem, ramos quebrados, troncos delgados se precipitão; com violencia

o furacão leva o último encanto da delicadeza das especies vegetaes abatidas. Esta hora terrivel tem

|511-3c|

ceo. A floresta geme; o sibilante movimento das folhas cresce a poncto de se converter em surdo susurro resando ao longe. Flores vacillão, folhas cahem, ramos quebrados, troncos delgados se precipitão; com violencia o furacão leva o último encanto da delicadeza das especies vegetaes abatidas. Esta hora terrivel tem

tãobem surprehendido o mundo animal; <o>/a\s <mammi->[↑aves]
<feros>, mudos, aterrados, esvoação perto do chão; tre-
mendo, as innumeraveis especies de insectos buscão a-
brigo debaixo das folhas, ao pe dos troncos; impedidos
de guerra e carniceria, os mammiferos cessão de per-
|511-3d|

seguir; so os amphíbios, q tem sangue frio, se regozijão
com a torrente q se precipita, e em mille vozes cantão
os chor<*u>/o\s das rans e dos unken la dos humidos prados.
Em regatos a turva agua corre com bulha pâra o rio,
ou se derrama nas fendas do solo. Ao mesmo tempo a
temperatura do ar diminue cadavez mais, as nuvens
se despejão pouco a pouco, e logo depois a tormenta
é passada.

Com renovado brilho sahe o sol de <mûi<tas> espessas>
camadas de nuvens <[↑longamente]>[↑extendidos][↑muito] q cada vez mais [↑se alongão] descem pâra o
norte e pâra o sul, e como de manhan <em azuladas e>[↑orlão com]
|511-4a|

delicadas e <clar> luminosas figuras o [↑fundo] azulado <campo>
do firmamento. Ja o ceo se surri outra vez pâra a
terra com seos olhos de azul escuro, e depressa se esque-
ce do terror. Uma hora depois não existe ja nenhum
vestigio da tormenta; as plantas, enxutas pelos
quentes raios do sol, se apresentam em nova frescura,
e os animaes outra vez se agitação á s<ua>/eo\ modo an-
tigo, obedecendo a seos instinctos naturaes. Assim se
vai aproximando a tarde, e novas nuvens appare-
cem n<†>/o\ horizonte entre os floccos brancos; ellas apre-
sentão <ora>⁴² um clarão, ora violeta ou amarello carre-

⁴² Parece que o tradutor, primeiro, cancelou ora, e depois escreveu um x por baixo da palavra, à esquerda, para anular o cancelamento. Em todo o caso, é apenas uma hipótese, pelo que se prefere aqui manter o cancelamento.

[511-4b]

gado, q <h><une> liga harmonicamente o fundo da
alta floresta, o rio e o mar. O sol desce, e cercado
d' um matiz amortecido, <entre><desapparece>[↑entra] pêla por-
ta occidental do firmamento. Com elle desappare-
cem os movimentos inquietos dos animaes, q agora
se entregão em silencio ao descanso da noite. Pelos
l<†>/og\ares elevados brilhão ainda <<a>/e\spalhad><separados>
ponctos luminosos separados, dependentes da luz
restante do sol em seo occaso, quando ja sôbre <o>/a\
escur<o>/a\ floresta <se>/a\ lua se levanta tranquilla, man-
sa e [↑phantasticamente] com silenciosa frescura, e as figuras se fundem

[511-4c]

em novas fórmãs mais delicadas. A noite chega; a
natureza dorme e sonha, e os espaços, abobadando-
se sôbre a terra<,> na immensidade cheio de pre-
sentimento, <brilhando> com o brilho de innumeraveis tes-
temunhas de mui<t> <*>/r\emota magnificencia, lança no
coração do homem humildade e confiança, divino dom
depois d' um dia de <espectaculo>[↑contemplação] e de gôzo.

Em egual seguimento <a>/o\s mesm<a>/o\s <scenas> pheno-
menos naturaes tem logar aqui no Para todos os
dias, ao menos durante grande parte do anno [↑como ésta imagem geral os representa.] A es-
tação secca e a humida (estio e inverno) apenas se

[511-4d]

apresentão uma defronte da outra, revezando-se
quasi em cada dia o sol e a chuva, e de certo modo
annunciando-se somente a primavera e o outom-
no pelos periodos da vegetação. Esta, porê, favo-
recida aqui por seos verdadeiros elementos de vida,
calor e humidade, se eleva na mais completa ma-
jestade, e <cob<re>/er\to pêlas aguas em todo o campo>[↑cobre desde as margens dos rios todo o paiz] em
grande a[bun↑dancia com arvoredos sempre verde.] Muias plantas, talvez aquellas mesmas, cu-

jo desenvolvimento se restringe aos estreitos limites
das regiões equatoriais, estão, mais do q uma vez
por anno, cobertas de flores; muitas perpetuam o tem-
|511-5a|

po da primavera, outras simultaneamente o do ou-
tomno; contudo a maior parte [↑poderia] abrir suas flores desde
o mes de novembro até março, e amadurecer seus fru-
ctos de junho a setembro. Aquella suspensão, porém,
q durante <a>/o\ outomno e inverno do norte despe a
floresta de seu arvoredo, nunca é aqui observada;
uma árvore pode de repente ficar privada do enfei-
te de suas folhas avelhantadas, todavia não fica
por isso nua, porq novos botões suprem no mes-
mo instante a perda acontecida. A tão intermina-
vel impulso de vida corresponde também a abun-
|511-5b|

dancia e magnificencia das fructas; e n' esta feliz
latitude so pelo nome se conhece a esterilidade e
a falta. Sob<e> o aspecto d<e t>/' u\ma natureza tal, todo
o ente sensível deve adquirir uma fôrça nova e
superior de espirito. A grandiosa harmonia das
fôrças do mundo, q por toda a parte se lhe a-
presentão, symboliza, por assim dizer, a tarefa
moral do homem, enche a alma de coragem, es-
perança e serenidade

Puericia de Abraham (Herder)

Abraham foi creado n' uma caverna, porq o tyranno
Nimrod buscava tirar-[↑lhe a vida.⁴³] Porêm mesmo na escura caverna
tinha elle a luz de Deus; elle meditava e dizia comsigo:

„Quem é o meo creador?„

Dezaseis annos depois sahiu, e, vendo pêla primei-
ra vez o ceo e a terra, q agradavel surpre<z>/s\ a se a-
poderou d' elle! Perguntava a todas as creaturas, q
via em roda de si: „Quem é vosso creador?„

O sol nasceu, e Abraham prostrou-se com a face
em terra. „Este — disse elle — é o creador, porq tem u-
ma bella figura.„

|48-1b|

O sol subiu, desceu, e á tardinha se poz. Então nas-
ceu a lua, e Abraham disse comsigo: „A<quella> luz, q
se escondeu não era o Deus; talvez seja aquella peque-
na luz, a quem serve éste grande exército de estrelas.„

Mas a lua e as estrellas tãobem se pozerão, e Abra-
ham ficou so.

Elle foi ter com seo pae, e lhe perguntou: „Quem é
o Deus do ceo e da terra?„ E Tharah lhe mostrou seos
<*d>/i\dolos. „Quero examinal-os.„ — disse elle comsigo mesmo; e
quando ficou [↑so], lhes apresentou a mais bella eguaria.
„Se sois deuses vivos, <tomae vossas victimas>[↑recebei a offerta].„ Mas os ido-

|48-1c|

los ficárão sem se mexer.

„E é possivel — disse o rapaz — q <ten> meo pae <t> os
tenha por deuses? Bem! talvez eu o instrua.„ Pegou
do bordão, quebrou os idolos todos, excepto um, poz seo

⁴³ Por baixo do ponto final encontra-se um outro ponto.

bordão na mão d' êste, e correu pâra o pae<:/.\ „Pae — disse elle —
teo primeiro idolo <†>/m\actou⁴⁴ todos os seos ermãos.,,

Tharah, encolerizado, olhou pâra elle, e disse: „Zom-
bas de mim, rapaz; como é isso possível, se <mi>/for\ão mi-
nhas mãos, q o fizerão?„ „Não te encolerizes, meo pae —
disse Abraham — e ouça teo ouvido, o q tua bocca disse.
|48-1d|

Se não acreditas, q teo Deus podesse fazer, o q eu pude
com minha mão de rapaz, como havia elle de ser o
deus, q me creou a mim, a ti, o ceo, a terra? Tha-
rah emmudeceu.

Mas logo depois <veio á presença do>[↑o procedimento do rapaz foi referido ao] {↑2:Nimrod} ty-
ranno, q o tinha mandado chamar, e disse: „Has
de adorar o meo deus, rapaz, ou a <*a>/f\ornalha ardente
te <recompensará!„>[↑pun<*a>/i\rá!„] Pois todos os sabios tinham, por oc-
casão do nascimento de Abraham, prognosticado ao
rei, q elle destruiria os idolos, e aniquiliaria no rei-
no <a dignidade do monarcha.>[↑o culto do rei.] Por isso o <monarcha>[↑rei]
|48-2a|

o perseguia.

„Quem é teo deus, ó⁴⁵ rei, — <per> disse o rapaz sem
se intimidar. —„

„O fogo é o meo deus — respondeu elle — o mais
poderoso dos entes.,,

„O fogo — disse o rapaz — apaga-se com agua; a
agua é facilmente levada pêlas nuvens; o vento ex-
pelle as nuvens, e d<o>/e\ vento se compõe o homem. As-
sim o homem é o mais poderoso dos entes.,,

„E eu o mais poderoso dos homens — disse o rei —

⁴⁴ Foi escrita a haste de uma letra, mas foi substituída pelo m, sem, contudo, este ter sido escrito em cima daquela.

⁴⁵ O o tem uma orelha, isto é, o risco que remata a letra, muito longa, cancelada pelo tradutor.

Adora-me, ou a fornalha ardente é teu castigo!,,

|48-2b|

Então o rapaz abriu seus olhos modestos e disse: „Vi
ontem o sol nascer de manhã, e por-se de tarde; man-
da, ó rei, q elle hoje nasça de tarde, e se ponha de
manhã, e então te adorarei.,

E Abraham foi lançado no braseiro.

Mas o fogo não fez mal ao rapaz; um anjo o to-
mou brandamente em seus braços, e <desviou>[↑saccudiu] d' elle as
chamas, como <↑>/u\m <vapor>[↑cheiro] de liz. O rapaz sahio mais
<f> bello do fogo, e logo depois lhe appareceu Deus,
e o chamou da Chaldea, e o consagrou seu amigo.

E Abraham foi fundador do verdadeiro <divina>

|48-2c|

culto <divino> d' um Deus do ceo e da terra para to-
do o mundo.

|649-1a|

O duque de Alva [↑durante] um almôço no castello de Rudolstadt no anno de 1547 (Schiller).

Uma dama alleman, pertencente a uma casa, q ja
n' outro tempo brilhára por seo heroismo, e dera um imperador á Allemanha, foi quem, por seo resolutto comportamento, quasi fez tremer o terrivel duque de Alva. Quando o imperador Carlos V, no anno de 1547 depois da batalha de Muhlberg, em sua expedição <contr><a>/á\ Franconia atravessou Suabia e Thuringia, a condessa viuva, Catharina de Schwartzburg, princeza de nascimento, de Henneberg, obteve d' elle uma salvaguarda, pâra q seos vassallos não fossem incommodados pêlo exército hispanhol, ao <*c>/p\assar por seo territorio. Em paga
|649-1b|

d' isto obrigava-se ella a mandar fornecer pão, cerveja, e outras victualhas por preço razoavel, desde Rudolstadt até á ponte [↑do Saal] pâra sustentar as tropas hispanholas, q por alli passassem. Todavia ella teve a precaução de mandar immediatamente demolir <a>[↑uma] ponte, q havia mesmo ao pe da cidade, [e] levantal-a sôbre a agua a maior distancia, pâra q a grande proximidade da povoação não tentasse seos hospedes dados ao <da> roubo. Ao mesmo [↑tempo] foi permittido aos habitantes de todos os districtos, por onde a expedição passava, salvar s<eo>/ua\s {↑2: cousas}{↑1: melhores} no castello de Rudolstadt.
|649-1c|

Entretanto se aproximava da cidade o general hispanhol acompanhado de Henrique, duque de Braunschweig e dos fillos d' êste, e por um mensagei-

ro, q mandou adiante, {↑2: [se] convidou pâra um almô-
ço}{↑1: a condessa de Schwartzburg}. Tão modesto convite,
feito á testa d' um exército, não podia ser rejeita-
do. Que se daria o q a casa podess<*o>/e\ [↑fornecer,] foi a re-
sposta; sua excellencia podia vir [↑e acceitar de boa vontade.] Ao mesmo tem-
po se não deixou ainda uma vez de fazer menção
da salvaguarda, e de interessar cordialmente o ge-
neral hispanhol na escrupulosa observancia d' ella.
|649-1d|

Uma recepção amigavel e uma mesa bem provida
esperavão o duque no castello. Elle <ha de>[↑deve] confessar q
as damas thuringias tem muito boa cozinha, e honrão
a [hos-↑pitalidade.] Apenas acabavão de sentar-se, um correio cha-
ma da sala a condessa. Annuncia-lhe, q os solda-
dos hispanh<õ>/o\es, durante a marcha, tinhão usado
de violencia, e roubado o gado <dos> aos cam-
ponezes. Catharina era mãe de seo <pae> povo; o q
acontecia ao mais pobre de seos vassalos, [↑era o mesmo q acontecer a ella *propria] Extrema-
mente agastada com ésta quebra de palavra, mas
sem perder a presença de espírito, ordena a todos
|649-2a|

os seos creados, q se armem com toda a promptidão
e silencio, e fechem bem as portas do castello; ella
mesma se dirige á sala, onde os principes estavam
ainda sentados á mesa. Aqui, perante elles, se
queixa <do> com patheticas expressões do q acaba
de lhe ser contado, e de quão mal se tinha dado
cumprimento á palavra do imperador. Respond<é>/e\-
rão-lhe rindo, q isto erão precalç<a>/o\s da guerra, e q n' u-
ma marcha de soldados não se podião evitar estes pe-
quenos desgostos. „Isso queremos nós ver! — respondeu ella
irritada. — Meos pobres vassalos hão de ter o q é seo; ou,

|649-2b|

por Deus! — levantando a voz com um tom ameaçador —
 sangue de <príncipes por> generaes por sangue
 de boes. <□>/Depois\<Com>[d'] esta declaração decisiva
 sahiu da casa, q em poucos momentos ficou cheia
 de gente armada, q com a espada na mão, mas
 com muito respeito, se postou atraz das cadeiras dos
 <príncipes>[↑generaes], e servi<ão>/a\ o almôço. Á entrada d' ésta
 multidão [↑prompta a combater,] <d> o duque de Alva mudou de côr; mudos
 e surpresos olhavam uns pãra os <olhos> outros. Separa-
 do do exército, rodeado de <mu> gente robusta e <nu->[↑supe-]
 <merosa,>[↑rior em numero,] q lhe restava, senão [↑ter paciencia] sob qualquer condição

|649-2c|

q fosse, reconciliar-se com a dama offendida? Hen-
 rique de Braunschweig [↑foi o primeiro, q ganhou presença de espírito,] e soltou uma gargalhada.
 Tomou o razoavel expediente de metter a ridiculo
 tudo q acabava de acontecer, e dirigiu á condeça
 um panegyrico de seo maternal cuidados pãra com
 seos vassalos, e do ânimo resolutu, q tinha mostra-
 do. <E> Pediu-lhe, q ficasse socegada, e se encarre-
 gou de induzir o duque de Alva a tudo q fosse jus-
 to. E conseguiu d' elle effectivamente, a immediata
 intimação d' um ordem ao exército, pãra sem de-
 mora restituir a seos donos o gado roubado. As-

|649-2d|

sim q a conde[s]<c>/s\ a foi informada da restituição,
 agradeceu d' um modo muito elegante a seos hospe-
 des, q se despedirão d' ella mui cortezmente.

Foi sem dúvida ésta aventura, q grangeou á
 condessa Catharina de Schwartzburg o <appelli> co-
 gnome de heroína.

[497-1a]

Pintura d' uma batalha naval (das via[↓gens d. Richter.)⁴⁶]

Havíamos ganhado o cabo Finisterra, quando sobre-
veio uma bonança, q durou mûitos dias, e expoz nossa
paciencia a uma prova difficil. O calor, durante êste
tempo, foi tão grande, q se precisou regar com agua o
navio todas as horas, pâra obstar a q a madeira
gretasse, e o pez se derretesse. Extremamente grande
era a quantidade e variedade dos peixes, q se <reu>/jun\-<ni>/tav\ão á superficie; seos brinquedos e sua recíproca per-
seguição offerecião um espectaculo interessante. Vi,
pâra <menci> citar um so d' êstes brinquedos, um golfi-
nho perseguir um peixe volatil, êste voar, pâra se

[497-1b]

salvar, e aquelle, durante seo voo, seguil-o a nado mais
de cem passos, e, com a guela <levant> mûito levanta-
da fóra da agua, <o> apanhal-o em sua descida, e n' ês-
te momento um terceiro peixe surprehender o golfi-
nho, e <devorar-lhe a presa.>[↑o devorou junctamente com] sua presa.

Tres dias depois de ter principiado a bonança, a
qual <*n>/des\pertou em nós o mais ardente desejo de ven-
to, reparámos, q o sol[,]dotado d' uma côr azulada, e cer-
cado de nuvens radiantes, [↑mergulhava no horizonte,] depois de se ter pôsto nos
tres dias antecedentes, sem nuvens e com dourado brilho.
Isto tomou-se por um signal, q annunciava, q o de-

[497-1c]

sejado vento voltaria no dia seguinte. A tripolação
se regozijava com isto mûito. Houve uma bella me-
renda, e depois metade da tripolação fico<†>/u\ de vigia,
como de ordinario, emquanto a outra metade se en-

⁴⁶ O tradutor não tinha mais espaço na linha de escrita, pelo que teve de escrever o resto na entrelinha inferior.

tregava ao repouso.

Deitei-me igualmente n' uma [↑rede? maca?] mas derepente se apoderou de mim uma inquietação, como eu nunca tinha sentido, o q attribui a <ter> <s>/e\star meo sangue esquentado d' um modo não ordinario; pêlo q subi outra vez á coberta, pâra tomar o fresco da noite. Aqui passei, segundo o costume da gente do mar, d<e>/a\ p<r>/o\upa
|497-1d|

pâra a poppa, entreg<uei>/ava\ -me aos meos pensamentos, ou conversava com q estavam de vigia. Assim se foi chegando a meia noite, e êstes forão rendidos. Vendo a nova tripolação q o vento se não levantava ainda, e q não tinham q fazer o menor trabalho, se forão sentando uns apos outros, pâra continuar sôbre a coberta o interrompido somno. Mas a mim o somno me não cerrava os olhos, porq me sentia <muito>[↑bastante] debilitado pêlo muito suor, q o calor do dia me tinha produzido.

Pêlas duas horas depois da meia noite julguei ou-
|497-2a|

vir, q parecia provir do remar d' uma embarcação. Lancei mão d' um [↑nocturlabio (nachtgucker)] <d'> um telescopio, q é particularmente destinado pâra durante a noite, e effectivamente avistou uma embarcação, q remava pâra nós com todas as fôrças. Despertei o official, q <com> estava de vigia, e como êste a reconheceu por um navio de piratas africanos, houve immediatamente ruido.

Ao grito „tudo acima,, toda a tripolação appareceu immediatamente reunida sôbre a coberta. Buscárão-se todas as espingardas, pistolas, sabres e lanças; as peças forão carregadas de vidros, p<†>/r\egos e pedaços
|497-2b|

de chumbo, e em ambos os bordos se pozerão granadas,

pulveri<<n>/*ll\>hos, e diferentes materiaes combustiveis.

<Durante êste temp> Entretanto se aproximou muito a embarcação. Por meio do portavoz perguntou-se-lhe o q pretendia. Respondeu com um tiro de peça, q todavia não acertou no navio. Não lhe podêmos corresponder immediatamente, porq <a emb> vindo adiante a embarcação, não se podia dirigir sôbre ella nenhuma peça. Mas finalmente as ondas voltárão o nosso navio, de sorte q êste veio a ficar com seo largo <†>/la\do dirigido pâra o inimigo. Agora demos fogo a qua-
|497-2c|

tro peças, q tínhamos n' êste lado, e produzirão, segundo pareceu, grande estrago entre os piratas; entao levantáv<á>/ã\o horriveis gritos e lamentos. Apesar d' isso não tiverão medo de se aproximarem mais de nós, e, antes de se podêrem segunda vez carregar, estavam ao lado do nosso <†>/n\avio,

A embarcação estava cheia de homens, entre os quaes reinava grande confusão, q depressa se fez ainda maior, quando a nossa gente disparou suas armas sôbre elles, a<o> q se seguiu um chuveiro de granadas e bombas. Os piratas não erão, entretanto, espectactado-
|497-2d|

res ociosos. Elles entetinhão um fogo vivo sôbre a nossa coberta, pâra nos repellir do bordo do navio; mas sem effeito; e como [o] nosso navio era <superior> mais alto q o d' elles, estavam, como sôbre um castello, e todos os tiros voavão por cima de nós; <apenas uma mão cram-><ponnait fixa no bor>

A nossa gente resistiu a êste ataque com coragem e presença d' espírito. Apenas apparecia um mouro no bordo da embarcação, era logo <lanca> deitado abaixo

com lanças; apenas uma mão cramponnait fixa ao
|497-3a|

bordo, um machado ou um sabre estava prompto pô-
ra cortar-a. D' ésta arte foi continuando o combate
por muito tempo, sem q um so pirata conseguisse sub-
ir á coberta, e sem ficar perigosamente feri<g>/d\o um
so da nossa tripolação. Finalmente os inimigos se
virão obrigados a desistir de saltar ao nosso navio; se-
pararão o seo navio do nosso, e <o>[↑o puxarão pôra o largo,] emquanto sôbre elles ca-
hia segundo chuveiro de granadas &c. □ a
alguma distancia do <†>/av\ant do nosso navio, e principi-
arão a dar fogo á sua peça (elles tinham somente u-
ma de calibre vinte e quatro) sôbre nós, emquanto
|497-3b|

tivemos de ficar inactivos <por não podêmos> na im-
possibilidade de dirigir nosso navio. <*I>/E\ste recebia
<d><d><com> com intervallo de quatro a cinco minutos
um tiro d' aquelle. Muitas balas furarão o avant, de
modo q principiou a fazer agua. O carpinteiro al-
gumas vezes teve de ficar sôbre o bordo, pôra tapar
as aberturas com <pe> boccados de madeira. Devemos
todavia á inhabilidade do inimigo <no> em fazer fo-
go, não ser o nosso navio mais maltractado, e não
se ver obrigado por isso a render-se.

Finalmente rompeu o crepusculo da madrugada.

|497-3c|

Agora viu-se claramente, quanto o inimigo tinha soffri-
do de seo lado. Por toda a parte se apresentavão ca-
beças [↑ligadas,] braços e pernas; tãobem parecia ter-se diminui-
do muito o numero dos individuos capazes de p<a>/e\gar em
armas, <aindaq> posto q ainda chegavão a oitenta.

Agora poudese ver tãobem todo o arranjo da em-

barcação dos piratas. Era uma especie de galera, q
tinha pouco mais ou menos cem pes de comprimento
e vinte de largura. A altura da coberta acima do ni-
vel d<a>/o\ mar montava apenas a quatro pes. Sôbre cada
|497-3d|

lado da coberta contei vinte remos, e outros tantos ban-
cos de remeiro. Entre êstes, isto é, no meio da coberta,
achava-se um corredor, q conduzia da parte anteri-
or pâra a posterior da galera. Atraz havia uma
especie de cabana, q parecia ser a camara do capitão;
adiante estava postada a dicta peça, e cito aqui de
passagem, q as galeras d<os>/e\ piratas raras vezes trazem
mais d' uma peça, e q sua <prin> maior fôrça consis-
te em saltar dentro do navio q atacão, e no uso do
sabre e da pistola. Por cima da peça achava-se uma
especie de □ q terminava n' um<a> bico bastan-
|497-4a|

te extendido, e fazia as vezes de □. A cordage-
consistia n' um mastro grande [↑e n' um de diante.] Estes mastros erão mui cur-
tos e sem vergas, e faltavão-lhes □ [↑escada d corda p/ subir ao mastro] Cada mas-
tro tinha uma so vela mas monstruosa, e triangu-
lar, chamada ordinariamente latina. Na ponta da
verga do mastro grande estava levantado o pavi-
lhão de Marrocos.

As galeras são geralmente embarcações, q tem mui-
ta similhaça com os navios de guerra da antigui-
dade, e q tem conservado inalteravel sua forma por es-
paço de mais de dous mille annos. Ainda hoje se encon-
|497-4b|

trão d' estas embarcações em quasi todas as nações do
Mediterraneo; tão bem as da Suecia, conhecidas pêlo no-
me de *Scheerenflotte*, são do mesmo feitio. Como as gale-
ras não penetrao muito na agua, servem particular-

mente pôra guardar as costas; mas as maiores vantagens offerecem ellas durante uma calmaria, porq remão com a mesma velocidade com q velejão. Pêlo contrário, não podem sustentar-se no mar <largo>[↑alto] d<'>urante um temporal, e por isso não são proprias pôra viagens de longo curso. Apesar d' isto os <p> corsarios da Barbaria se servem mûitas vezes d' ellas, e se atrevem a entrar com

[497-4c]

ellas no alto mar; com effeito, tem ás vezes sido encontradas <*m>/at\é á altura do cabo Finisterra.

Ao nascer do sol, levantou-se um ligeiro arzinho de oeste. A calmaria tinha favorecido tanto o inimigo, quanto o vento <ag> favoreceu agora a nossa gente. As velas forão immediatamente amainadas, o navio foi voltado, e balas sôbre balas forão arremessadas contra a galera. Esta içou tão bem sua vela, provavelmente pôra escapar, mas n' êste momento foi sua grande verga despedaçada por um tiro. <Na occasião da que->[↑Nossa gente fez entre-]
<da da <gran> verga grande> tanto contínuo fogo, e aper-

[497-4d]

tárão os piratas a poncto de elles desesperarem. Na occasião da queda da verga grande tinhão elles arvorado sôbre a parte posterior da coberta o pavilhão de Marrocos, q alli estava fixado; tirárão-no agora, e em seo lugar pozerão um branco, em signal de quem pedia paz.

A inclinação do nosso capitão a pôr termo <á>/a\[o] <effu->[↑der-]
<são de sangue> ramamento de sangue estava na razão directa da difficuldade q teve de inspirar taes sentimentos á tripolação, q ardia em furor de vingar-se, e de boa vontade teria mettido a pique a galera. To-

[497-5a]

davia, afinal, conseguiu abrandal-os. O fogo cessou. O ga-

lera remou pâra mais proximo, e parou a alguma distancia. Na parte posterior da coberta se apresentou o capitão com o portavoz na mão, pâra nos falar. Mas quão grande foi nossa surpresa, quando elle nos falou em linguagem alleman e em legítimo dialecto hamburguez. Este homem era mais branco de cara do q os outros piratas, e d' uma presença agradável, q um pomposo trajo turco tornava ainda mais agradável. Pedia q <con><lhe consentissemos>[↑o ajudassemos a] concertar sua embarcação, q faria agua até ir a pique, |497-5b|

promettendo a todos nós resarcir os p<re>/er\juizos causados, e accrescentando, q podia fazel-o quanto antes, porq no dia antecedente tivera a felicidade, de apanhar algumas caixas de piastras hispanholas.

O capitão Teddersen, q conjecturava haver n' <ê>/é\sta linguagem <al> um ardil occulto, deu a simples resposta, q não podia entrar em ajustes com ladrões. <M>/D\epois mandou [↑navegar a todo o panno,] e em pouco tempo ficava a galera muito atraz de nós.

Agora nos felicitámos de ter escapado das garras dos piratas, e tinhamos bastante razão pâra isso, porq |497-5c|

<d> alem d' alguns ligeiros ferimentos, d' alguns buracos no □ e da gasto da munição, não tinhamos soffrido perda consideravel. A conversação versou depois sôbre o capitão da galera, e se presumiu q elle era natural de Hamburgo; e um de nossos artilheiros assegurou, q durante sua prisão em Salee conhecêra um caixeiro hamburguez, q, por causa do amor, q tinha á filha d' um mouro, se convertêra á religiao mahometana, e q êste capitão lhe tinha parecido exactamente o mesmo renegado. Depois falou-se

tãobem dos renegados em geral, da vileza de sua

|497-5d|

maneira de pensar, do desprêzo, q elles devem soffrer dos proprios mahometanos, &c.

Finalmente fizeram-se tãobem, como de ordinario, mûitas observações supersticiosas. Agora era claro, q o sol<d>, q na tarde anterior se tinha po<s>/z\to com um[a] <asp> cor vermelha, presagiava não so a volta do vento, mas tãobem a effusão de sangue q se seguía. Cada um tinha tido suas indicações do combate, e podia agora expol-as com todas as circunstâncias. Eu mesmo fui alguma cousa inficionado por éstas opiniões supersticiosas; pois por menos credito

|497-6a|

q eu dê a prognosticos e presentimentos, comtudo me pareceu <particular>[↑singular] aquella anxiedade, q na tarde anterior se havia apoderado de mim, e me tinha <*oc-> dado [↑a entender] q o nosso navio não sería su[r]prehendido pelos piratas, <†>/n\em tomado sem descarrega<d>/r\ um golpe.

A galera inimiga, occupado em concertar-se, tinha ficado algum tempo no mesmo logar, em q a tinhamos deixado; mas bem depressa a vimos com velas enfunadas correr pâra a costa da Barbaria; o q nos convenceu, de q o seo estado não era tão perigoso, como o proprio capitão tinha pintado. Com effeito, ou-

|497-6b|

vimos, passado algum tempo, mûitos tiros, e a vimos em combate com outro navio, ao qual, como parecia, tinha dado caça. <Como>[↑Qual foi] o resultado <se demorava,> ficámos sem o saber, pois a velocidade <do nosso na->[↑q levavamos,] <vio> depressa furtou de todo a galera á nossa vista.

Meninice e infelicidade de⁴⁷ Paiwai (Arndt)

Nos mais remotos tempos, ha mûitos milhares de annos, vivião na India, juncto da corrente do Ganges, dous religiosos esposos, q <se nutrião de aranhas>[↑vivião de fiar e te-] [c]<e>/e\[r]⁴⁸. Alem d' isso possuião ao pe de sua casinha um verde prado, em q pastava uma vacca branca de neve, e uma pequena horta, em q cultivavão várias árvores fructíferas e legumes. Mesmo por detraz da casinha até á corrente havia tãobem um verde bosque de árvores sagradas, q tinham mûitos seculos. Alli ião elles assiduamente pâra rogar[em] a Deus, mesmo de verão, pâra obterem protecção contra o

[329-1b]

ardor do sol. Mûi assiduamente porêm elles se dirigião <ao>/á\ corrente, q todos os indios reputão sagrada, como um beneficio de Deus, invisivel e omnipotente. Todas as tardes e manhans ao nascer e por do sol, vião-se ambos em suas margens, postos de joelhos, e adorando o ente infinito e amantissimo na imagem do sol e das estrelas. Pâra ésta tranquilla devoção levavão sempre comsigo seo filhinho, pâra com seo exemplo insinuar-lhe no [↑tenro] coração o amor e respeito a Deus. Elles não tinham senão este filhinho, q se chamava Paiwai; e com Deus e

⁴⁷ *Encontra-se por cima da preposição de um sinal de adição (+), acompanhado de um segundo, que não será para cancelar a preposição, mas antes para indicar que algo no texto, mais concretamente na quarta linha, deve ser revisto. Se o símbolo de adição estivesse relacionado com o título, não parece cabível que o tradutor o sobrepusesse à preposição, pelo que se coloca a hipótese de ser relativo à emenda que começa na terceira linha de texto. Na quarta linha, o espaço deixado entre o e e o ponto final permite supor que o símbolo de adição seja prévio à emenda, e que esta tenha sido feita numa campanha de revisão que, em todo o caso, não é possível identificar.*

⁴⁸ *O tradutor começou por escrever e na quarta linha de texto, decorrente do que vem anteriormente e que foi cancelado (que se nutrião de aranhas). O tradutor cancelou então o segmento citado, substituindo-o por vivião de fiar e te-, e aproveitou a conjunção, acrescentando um c antes e um r depois, ou seja cer, de tecer.*

[329-1c]

êste filho passavão elles em sua solitaria casinha,
no seo pequeno bosque e pequena horta a <mais>
vida mais tranquillã e venturosa, <q><como> q ja-
mais dous esposos passárão sôbre a terra depois
de Adão.

O menino Paiwai chegou aos cinco annos de idade, e
era <tão> bello e forte, tão maravilhosamente bello e a-
gradavel de estatura, [↑e feições,] q todos, q o vião, <ficavão cala->[↑paravão]
<dos> diante d' elle, e se regozijavão. Os cinco annos, q
elle tinha vivido, forão passados em feliz innocencia
debaixo d<as>/e\ árvores e flores e entre matizados passaros

[329-1d]

e borboletas, e dos males d' êste mundo não tinha
elle ainda visto nem ouvido cousa alguma. Tendo
passado seo quinto inverno, e entrando elle no sex-
to, teve um pequeno e agradavel companheiro, com
quem devia brincar mui deleitosamente toda a
primavera e estio. Quando depois d' êste quin-
to inverno, veio a primavera, [a]chou-se no jardim per-
to da casinha de Paiwai um passarinho, um passa-
rinho tão matizado <e brilhante nunca sôbre a terra>[↑radiado e scintillante passarinho, como nun-]
<tinha sido visto,>[↑ca se viu sôbre a terra,] de maneira q bem se pode dizer, q
o mais sabio artista não executaria obra tão ma-

[329-2a]

gnífica, aindaq lhe fossem concedidos o brilho e a
pompa de todas as flores, estrelas, pedras preciosas e
diamantes, pâra com tudo isto fazer obra, e aindaq
lhe fosse concedido o poder de dar á sua obra vida e
respiração. Todos, q vião o passarinho, admiravão-
se de sua rara belleza, [e] de suas scintillantes côres. O
passarinho era muito manso, e se deixava muito de
perto contemplar por todos, sem voar, mas não se dei-

xava apanhar pêla mão de ninguem senão pêla
do menino Paiwai, por cima de cujas mãos e hom-
bros elle volteja<†>/av\ a sem <nin>/q\ o chamasse, e se [†embalava][†bercer] nos aneis
|329-2b|

de seo<s> cabello preto sôbre <sobr> sua agradavel, como
uma borboleta sôbre flores. Todos achavão no passa-
rinho alguma cousa de particular, e homens sabios di-
zião, q devia ter vindo directamente do ceo, e annun-
ciar alguma cousa a Paiwai, pois tão brilhantes cô-
res não podia a terra produzir.

O menino Paiwai gostava excessivamente do pas-
sarinho, e êste não gostava menos de Paiwai, de sor-
te q os dous amigos erão inseparaveis, e não se
apartava um do outro, emquanto a noite não
chegava. Então pousava o passarinho na janela do
|329-2c|

quarto de Paiwai, e cantava pâra o rapaz ouvir u-
ma <agradavel>[†suave] cantiga <,>[†pâra adormecer,] era uma cantiga tão agra-
davel, quão matizadas suas pennas. Quando o rapa-
zinho adormecia, o passarinho fazia a caminha
nos aneis de seo cabello preto, e [†lhe abanava] a testa com as asas,
ou pousava n<'>o ramo d' uma cepa, q pendia sôbre a
caminha de Paiwai, e depois mettia o biquinho de-
baixo da pequenina asa. Paiwai lhe deu o nome de
Paiwuzzo, derivado do seo.

Passadas algumas semanas, veio voando outro pas-
sarinho, não tão matizado, porêm mais escuro, q a fe-
|329-2d|

mea de Paiwuzzo. <Ambos se beijavão, e><f>/F\azião [†festa] com o bico
muitas festas um ao outro, e construirão um ninho no
ramo d' uma videira, q havia diante da janela; a f<a>/e\ -
mea poz ovos, collocou-se emcima d' elles, e os chocou. Pai-
wuzzo lhe trazia sementes com assiduidade, <†>/p\âra q el-

la não padecesse fome. Quando os passarinhos sa-
hirão dos ovos, <el>/t\ornou-se elle ainda muito mais
assiduo, e tãobem a mãe sahiu a procural-as; tão-
bem ás vezes <p>/P\aiwai junctava sementes, e as deitava
em sua janelinha, onde Paiwuzzo [↑as colhia com o bico.] Quando os passa-
rinhos no ninho <voavão>[↑ja podião voar, ião] pâra o bosque com seos
|329-3a|

paes, e Paiwai tinha sempre em roda um bando de
matizados passarinhos, q em tôrno d' êlle brincavão e
cantavão. Paiwuzzo, porêm, era sempre o mais bello e o
mais agradável. Agora acontecia muitas vezes, q Pai-
wai [↑andava por aqui e por acolá,] desde a manhan até á tarde, nos bosques e nos
arvoredos com estes seos {↑2: companheirosinhos}{↑1: matizados
e emplumados}. Seos paes <não levavão isto a mal,>[↑não suspeitavam d' isto,]
porq elle de tarde voltava sempre, e lhes parecia, q el-
le cada dia se tornava mais tractavel e mais beni-
gno com a <communição d> frequencia dos bellos e
joviaes passarinhos, de maneira q a mãe bastantes
|329-3b|

vezes costumava dizer ao pae: „Se Paiwuzzo não tivesse p<†>/en\-[↑nas]
acreditar<ia>[↑-se-hia], que elle viera ter comnosco, como um anjo de
Deus, pâra educar e instruir o rapaz.,

Tal foi a alegria do verão, mas o outomno trou-
xe comsigo desgraça, porq <*P> os passarinhos fugirão,
e Paiwai com elles.

Uma manhan foi Paiwai, segundo o seo costume,
com seos passaros ao jardim, ao bosque, aos distan-
tes arvoredos. Paiwuzzo, porêm, não estava tão socega-
do d' ésta vez como das outras, em q costumava todo o
tempo estar [↑cantando,] pousando sôbre <o>/a\s mãos e hombros de
|329-3c|

Paiwai, mas <andou sempre voando mais>[↑foi sempre esvoaçando pâra mais] longe, e a fe-
mea e os filhos o seguião. Paiwai corria atraz d' elles.

Ja estavam desviados de casa duas <milhas> leguas, e se achavão n' um espesso bosque de palmeiras, e o sol se inclinava pâra a terra e ia por-se. Derepente cahiu sôbre elles um bando de talvez duzentos macacos. Os passarinhos, aterrados, esvoaçavão, e gritavão; Paiwai tão[↑bem] gritava e corria. Mas [↑como] os macacos [↑erão] <mũi> veloz<men->[↑es] <te> <depressa lhe sahirão ao encontro,>[↑em comparação d' elle, depressa o alcançarão,] e um grande macaco o tomou em seos braços, e correu com elle pâra a parte mais espessa d<o>/a\ <bosque> floresta. Não vol-
|329-3d|

tando Paiwai de tarde pâra casa, seos paes ficarão com cuidados. Procurarão na floresta e no arvoredor, e em voz alta proferirão seo nome; mas não o acharão. No dia seguinte de novo percorrêrão todas aquellas arredores, mas debalde. Não podião crer n' outra cousa, senão q Paiwai tinha sido despedaçado por animaes ferozes, e se encherão de afflicção. No logar do jardimzinho, em q elle costumava andar quasi sempre brincando, levantarão um pequeno monumento, e aqui derramarão mûitas lagrimas por seo querido filho.
|329-4a|

Paiwai foi levado pelos macacos pâra longe á profundidade d<o>/a\ <bosque,> floresta, onde elles tinham suas tocas. De nada lhe serviu, chorar amargamente, até q afinal adormeceu de canção. Ainda mûitos dias e semanas elle sentiu [↑mûito] a falta de seos paes e de seos bellos e matizados passaros; e de boa vontade voltaria, mas os macacos o vigiavão cuidadosamente. Nem elle teria talvez podido achar o caminho de casa, mesmo se escapasse, porq os macacos andavão sempre de logar pâra logar, de floresta pâra floresta, de maneira q depois d' um mez tinham-se talvez desviado mais de cem logar d<*o>/a\ <lo> cas<a>/i\

|329-4b|

nha, em q <n>/P\aiwai nascêra. Via-se agora obrigada a <vi->/pas-\<ver>[↑sar a vida, brincando] com os pequenos macacos e macacas, porq não podia fazer outra cousa. Comia, <e> bebia, furtava com elles, e afinal saltava, trepava, se dependurava nos <de> ramos e se balançava [↑a porfia] <do>[↑com o] melhor macaco. Os macacos lhe havião rasgado os vestidos; por isso es<*q>/t\ava queimado do sol, e todo trigueiro; crescêrão-lhe asperos cabellos pêlo corpo, e os bellos an<†>/ei\s de seo cabelo <p>/l\he pendião herrissados ao pe dos olhos; n' uma palavra, passado um anno, parecia quasi um macaco, ja não pronunciava uma so palavra, porq núnca ouvia

|329-4c|

voz humana, e afinal corria melhor <a>/c\om os pes e mãos junctamente, do q so com os pes, porq assim via fazer <*as> a todos os macacos. Os bellos annos <de sua passada me-> q tinhão decorrido de sua meninice, erão pâra elle, por assim dizer, um bello sonho.

Assim andou Paiwai divagando tres annos no deserto com os macacos, sem ter notícia da mãe nem do pae, nem mesmo de Paiwuzzo. Então teve logar uma aventura, q o livrou das mãos dos macacos.

Uma noite todos os macacos, talvez em numero de quatrocentos, e Paiwai com elles, sahirão d' uma

|329-4d|

grande floresta, pâra um jardim, e aqui despojavão as árvores com a maior destruição. Elles tinhão, é verdade, postado vigías, segundo o seo costume, mas êstes se deixárão surprehender pelos homens, e os macacos forão derepente accommettidos por todos os lados, a maior p<o>/a\lte forão mortos, mûitos forão agarrados. <Dos q forão a> D' êstes os cacadores matárão os <m>/v\elhos, e deixárão com vida os novos somente. Uma

parte d'êstes vendêrão elles <n>/em\ grandes cidades a
 pelotiqueiros e a cantores de <feira>[↑rua], q os instruírão
 em diversas <destrezas>[↑habilidades,] e andárão com elles <pêlo paiz>[↑correndo terras],
 |329-5a|

outra parte a navios estrangeiros, q os levárão pâ-
 ra a Europa e America, onde <erão> são por dinheiro
 mostrados ao povo. O menino Paiwai e<s>/n\trava tãobem
 no numero dos prisioneiros, e foi por algumas moe-
 das de prata vendido a um pelotiqueiro <co>/a\mbulan-
 te com mûitos de seos companheiros n' uma feira de
 Guzurate, cidade da India. Tão <*m>/b\arato <elle> se tor-
 nára <pâra>[↑aquelle, par quem] os seos amados paes, se <elles> o tivessem
 <quer>/pod\ido comprar, de boa vontade terião dado tu-
 do, q podessem.

O pelotiqueiro, a cujas mãos elles vierão cahir,
 |329-5b|

era mûito habil em sua arte, e castigava [↑continuamente] seos edu-
 cando com <mã>/pá\o e chicote, pâra serem obedientes. So
 Paiwai não levava pancadas, porq fazia tudo de boa
 vontade, de sorte q o pelotiqueiro se admirava e di-
 zia: „Este macaquinho tinha quasi a natureza humana.
 Por isso lhe ganhou mûita affeição, não o tractava
 mal, e dava-lhe tãobem melhor comida q aos ou-
 tros, porq Paiwai tão bem apprendia mûito mais
 depressa, e era o mais bello de todos os seos ma-
 cacos.

Depois de ter algumas semanas martyrizado<s> os
 |329-5c|

seos macacos, e tel-os instruido, o pelotiqueiro ven-
 deu alguns, e com o resto andou por todas as gran-
 des cidades da India e da peninsula, e mostrava

suas habilidades. O macaquinho, chamado n' outro tempo Paiwai, era-lhe de grande utilidade, porq, por meio de sua rara presteza, adquiria-lhe grande curso, e todos o achavão extraordinariamente bello e engraçado. Mũitos sustentavão, q não podia haver macacos mais bellos. Algumas pessoas houve, q o quizerão comprar, mas seo possuidor exigia tão grande somma por elle, q sua vontade não poude ser

[329-5d]

satisfeita.

Em suas excursões o pelotiqueiro veio tãobem a Delhi, e a<*l>/qu\i executou suas habilidades com seos macacos, cães, papagaios, e outros animaes q elle tinha. Delhi era a capital de toda a India, onde residia o grão imperador da India. Aqui foi logo celebrado o bello macaco, e sua fama chegou mesmo á côrte. Isto despertou na velha imper<o>/a\triz, mãe do imperador, a vontade de ver o habilidoso macaquinho, e ell<e>/a\ mandou vir o pelotiqueiro, pâra lhe mostrar seos animaes e habilidades. Apenas fez Pai-

[329-6a]

wai algumas habi<d>/l\idades <*,>/d\iante da velha imperatriz, ésta exclamou transportada: „Não, <ainda> nunca vi macaco semelhante; quasi se devia crer, <q> ser um homem, se elle não desse saltos nem fizesse tregeitos, proprios de <*p> macaco. Desejo possuil-o, aindaq me custe todos os meos thesouros. Mandou immediatamente buscalo, e deu ao homem o q elle quiz. Recebeu por Paiwai uma somma prodigiosa, e em nenhum tempo foi um <†>/m\acaco pago por tão alto preço.

|470-1a|

O grande monte de S. Bernardo (Matthisson)

Ao nascer do sol me regozijava com a vista da torre da igreja de S Pedro, q alvejava com o tempo, depois d' uma jornada extremamente penosa por causa do ardor do estio e da subida dos montes. Enquanto se preparava um guizado de marmotte pâra a ceia, empreendi a pequena viagem a pe <d><ao precipicio>[↑á queda] do <d>/D\ransse, q não teme ser comparada com as mais pomposas <que> cataractas da Suissa, apesar de q, alem de Saussure, ainda nenhum viajante a <*nom>/men\cionou publicamente. Os arredores me traxerão á memoria em sua rude sublim<a>/i\dade uma das mais selvatic<o>/a\s paisagens de Salva-

|470-1b|

tor Rosa, em q tãobem uma torrente <de> muito copiosa <ent>/ap\ertada entre rochedos, se precipita na profundidade, e pedras suspensas, assim como aqui, ameação <desabar.><[↑atraz da]>[↑despenhar-se atraz da torrente.] O Dransse tem a sua origem n<a>/o\ monte coberto de gêlo, de Valsorey, notavel por uma monstruosa gruta [↑tão bem de gêlo,] e se lança <não longe de A> no <†>/R\hodano não longe de Martigny.

De S. Pedro, q é a última aldeia de Valais sôbre a estrada, q conduz sôbre o grande S. Bernardo pâra a Ita<t>/l\ia, sobem-se tres leguas até á estrada. Ao romper da alva puz-me a caminho. Não distante da

|470-1c|

ponte, um rochedo nos surprehende, q em fórma de obelisco se eleva das aguas do Dransse, q muge em so[m]bria profundidade. O purpureo Rhododendro o <guarnece d' ambos>[↑reveste de todos] os lados, á maneira de manto real, e uma cruz sôbre seo arredondado cume termina o romantico da perspectiva.

Um dos mais agradáveis e engenhosos symbolos,
q talvez nunca existiu na artistica phant<*h>/a\sia
de nenhum poeta se pintou em minha alma com
incomparáveis cor a alguns passos de distancia. A
bella borboleta do<s> monte, chamada Apollo, com a-
|470-1d|

sas guarnecidas de olhos de rubim, pous<*a>/o\u na azu-
lada urna da grande genciana. Por muito tem-
po pareceu ella afagar com prazer a pomposa
flor, até <u>/q\ um zephyro a impelliu pãra cima. Psy-
che sahiu da urna.

De minuto pãra minuto o solo assumia um
character mais aspero e medonho. Desde muito tem-
po nenhum cume de árvore dava sombra, e a rel-
va, enfeitada com as delicadas franjas das campa-
inhas de amethystos der Soldanelle, se retirou depres-
sa [↑debaix d'] uma immensa planicie de <*p> neve. Ainda se al-
|470-2a|

ternavão o suave canto da cotovia dos Alpes e o rebom-
bombante sibilo da cabra montez. Mas tãobem êstes
sons se perdião pouco a pouco, e ate ao convento meo
ouviu não percebeu n' ésta medonha solidão ne-
nhum outro som, senão, ao longe, o trovão d' uma
avalanche. É aqui, onde não raras vezes <*h> morrem
viajantes esmagados pêlas massas de neve, q se en-
contrão, ou são sepultados pelas avalanches, e on-
de os conegos, êstes heroes da philanthropia, com o
auxílio de seos cães e de grandes <sond> paos pãra
sondar, ja tantas desgraças d' éstas tem descober-
|470-2b|

to, e tem feito recuperar a vida. <A>/O\ penoso traba-
lho na neve esguttou afinal minha[s] fôrças. Ja eu [↑procurava com os olhos]
uma pedra coberta de musgo pãra repousar, quan-

do o som do sino do convento, q surdamente descia

d<*e>/’ u[m] [↑selvatico rochedo] deu nov<a>/o\ <fôrça e n> ânimo e nova fôrça ao via-
jante. Logo appareceu<,> no ar azul escuro, por cima
de minha cabeça, o proprio convento na margem
d’ um valle de rochedos, q parecia <*p> guardal-o, co-
mo um baluarte inacessivel. A vista d’ êste regu-
lar e importante quadro é de indefinivel effeito
n’ um paiz, em q os olhos acostumados a jardins, pra-
|470-2c|

dos, casaes, bosques e torrentes, nada ve em tórno de
si, senão altos cumes, cuja base é cingida de escuras
nuvens, e campos de gelo e neve, q á maneira de la-
byrinthos se extendem por entre valles e precipicios
<i>/e\m triste immutabilidade.

As portas da mais alta habitação humana do nos-
so hemispherio se abríão com hospitalidade ao c<†>/a\nça
do peregrino dos Alpes, e um refresco, exprimido nas
margens do Dora, fortificou seo coração [↑diante d’] uma foguei-
ra, q levantava altas labaredas.

N’ ésta região, levantada a 1246 braças acima do
|470-2d|

nivel do mar, sopra o ar d’ um inverno contínuo. O
pequeno lago, situado da parte do sul do convento,
cujas tristes margens nenhum ramo verde de junco
alegra, nunca está inteiramente sem gêlo, e em a-
gosto, mesmo á hora do meio dia, o thermometro
<está, na> marca, não raras vezes, um grau abai-
xo do do gêlo. Aqui, onde a lenha pertence ás pri-
meiras necessidades da vida, e se gasta em quan-
tidade incrível, tem de ser <†><cond> levada por
mulas por caminhos escarpados e <perigos cheios de>
<perigos> perigosos, q quando muito são transita-

|470-3a|

veis dous meses no anno.

Achei <os conegos> reunidos ao almôço os conegos,
entre os quaes havia alguns, q por seo falar e seo
proceder parecião homens d' uma educa<d>/ç\ão delica-
da. A casa, em q comião, era espaçosa, ornada não
com pompa, mas com gôsto, e o q a meos olhos exce-
dia <d>/t\od<a>/o\s <a>/o\s <coroas de crystal> lustres, series de espelhos, me-
sas de marmore, [↑e pinturas de tecto,] o aceio <esp> diffundia sôbre todas as
cousas <,> seo suave e modesto encanto. <*M>/C\om cordia-
lidade não fingida foi o estrangeiro recebido, e ro-
gado com instancia pâra inteiramente se considerar

|470-3b|

<□>/em sua [↑propria] casa durante sua mais longa ou mais curta esta-
[↑da no convento.] Era⁴⁹ pâra mim a satisfação d' um desejo favorito
entrar no gremio d' uma companhia, q ha mûito tempo
me era respeitavel por seo benefico fim, e de q mûi-
tos membros tinhão merecido mais do q uma coro-
a civica. Com q sacrificio do gôzo da vida, com q
heroica abnegação de tudo aquillo, q torna ale-
gres e felizes os dias dos mortaes no doce encan-
to da sociedade domestica, não excercitão aquel-
les homens os deveres da humanidade n' um [↑canto da terra] dos
mais inhospitos <cantos>[,] frio e ingrato <!>/,\ como os

|470-3c|

nevoeiros <,> da Groenlandia! Gratuitamente e sem
idea de honras e de religi[ã]o o viajante cançado encontra
aqui alimento e domicilio, o doente é tractado
com o mais esculpulozo cuidado até ao seo resta-
belecimento, e o interiçado de frio é livrado da
morte

⁴⁹ O tradutor começou aqui parágrafo, o qual é anterior à adição colocada atrás.

Diari[↑a]mente na estação rigorosa, e todas as vezes

q <o sol brilha>[↑ cahe neve,] ou ha nevo<a,>/eiro\[,] alguns d' elles com lon-gos paus e <na>

[a]companhados de seos excellentes cães,

vão pâra a estrada, em q estes animaes, apezar da

mais escura nevoa ou das mais espessas massas de

|470-3d|

neve, nunca se enganão. Se um viajante é sepultado

n' uma avalanche, ou enterrado em floccos em syncopal

torpor, <os cães> o faro dos cães acerta infallivelmente

com o logar, não sendo a altura da neve muito con-

sideravel, e elles <não perdem um momento sem>, farejando

e esgaravatando, o annunciação <ao>/á\ mão humana, q o ha-

de succorrer. O numero dos q perdem a vida no cam-

po da batalha, sabe-o a Europa inteira<.>/;\ [mas <o>/d\[o] nume-]

[→ro d' aquelles, a quem n' éstas solidões

a humanidade faz outra vez presen-

te da vida, ninguem me poudé dar

relação.]

Apesar dos continuos caminhos [↑pâra descobrir] d' éstes philanthro-

pos e <†>/d\ e seos cães, não passa quasi nenhum anno, em

q, durante o verão, quando a neve se derrete, não

|470-4a|

appareção cadaveres de viajantes, q aqui morrêrão sem

succorro, longe de tudo, q seo coração po<*u>/s\suia de caro

e de precioso sôbre a terra. Como a natureza n' êste de-

serto <de roche><cobert> de roched<ro>/os\ recusa aos mortos

um<a> jazigo subterraneo, <são> elles são reunidos n' u

ma capella ao oriente do convento, <pâra> cujas pare-

des, pâra favorecer a passagem do ar, são providas de

grandes grandes, q fazem lembrar o cemiterio de

Murten. A presença dos corpos, q <alli> descansão jun-

ctamente aqui n' esta altura acima das nuvens, {↑2: a maior

p<*t>/a\рте certamente por uma sorte [↑muito] adversa,} {↑1: vindos de dif-

|470-4b|

ferentes <partes do m> regiões do mundo,} tocou-me no íntimo da alma. Todos estão amortalhados; e como n' êste ar agudo e <*fre> secco os corpos desanimados se não corrompem, mas somente se encolhem e seccão, as feições se conservão mûito tempo perfeitamente inalteraveis, e mûitos d' êstes desgraçados <forão> erão reconhecidos por parentes e amigos depois de dous annos e mais. Não estão dispostos em camadas, uns por cima dos outros, mas estão assentados direitos, e os q vem chegando são sempre postos com a cabeça inclinada sôbre o peito do q chegou antes. Esta attitude tem

|470-4c|

alguma cousa de familiar e uma inteira similhaça d' um somno commun. Quatro series d<e>/' ê\stes dormentes ja existem, uma ao pe da outra. A cor das physionomias, assim como as <p> mãos e pes, q a mortalha em alguns deixa descobert<*a>/o\s, aproxima-se da côr de canel-la escura das mumias egypcias.

Um tom livre e alegre reinava á mesa, e tudo q eu tive occasião de observar a respeito de suas relações sociaes, me confirmou na vantajosa idea, de q os padres habitão uns com os outros em fraternal concordia. Suas perguntas sôbre os mais recentes

|470-4d|

acontecimentos do mundo mostram q <elles olhão>[↑veem êstes] obscura<ment> e escassamente <pâra estes, soment> como n' uma escura [pro↑fundidade.] Mas em vez [↑de gastar] <*o>/s\eo tempo em comparar e combinar as contradi<ç>/c\ções dos jornaes, alguma cousa favorita os occupa nas horas v<o>/a\gas, como por exemplo, <P>/p\hysica, mineralogia ou botanica. Todavia logo q <a humani-><dade> os soffrimentos da humanidade reclamão seo auxílio, cada um d' elles corre a seo pôsto com ponctu-

alidade militar.

Desde o momento, em q souberão q Prussia era a
m<*a>/i\ nha patria, o grande Frederico foi, como por uma
|470-5a|

escolha unanime, o objecto principal de nossa conversação
á mesa. O senhor Daleve, [↑copeiro] do convento, varão affavel e
digno de estima, me acompanhou <ao>/á\ [↑planicie] de Jupiter, onde
antiguamente foi consagrado <†>/u\ m templo célebre ao
tonante, do qual recebeu o monte s<ua>/eo\ antigo nome
romano (Mons Jovis). Em diferentes tempos se tem fei-
to excavações nos arredores d<o>/’ ê\ste temp<o>/l\o em busca de
antiguidades, mas sem o exito esperado. So se des-
cobrirão algumas moedas de pequena importan-
cia, e uma quantidade consideravel de mesas vo-
tivas de cobre, as quaes não são de todo indignas
|470-5b|

da attenção dos antiquarios, como provas de quão pe-
rigosa <*d>/s\ e devia apresentar nos tempos de Roma a
viagem por cima do grande S. Bernardo

Meo pouco tempo me não deixou ir ao rochedo
espelhado, uma das primeiras notabilidades naturaes
das circumvizinhanças. Este muro de pedra perpendi-
cular de consideravel altura adquiriu um polido na-
tural tão perfeito, q n’ elle, como certifica o senhor Da-
leve, se ve clara<†>/me\nte, como no mais puro espelho.
Ainda nenhum naturalista foi capaz de explicar ês-
te maravilhoso phenomeno natural. Com mão vagaro-
|470-5c|

sa e involvida em densa escuridão, a natureza po-
liu êste rochedo.

Apesar do temporal desci na manhan seguinte
pâra o sul da montanha. <<A>/*P\> Uma aguia pa<r>/i\rou
á direita sôbre a planicie, <er>/on\de era o templo de Ju-
piter.

[384-1a]

A infelicidade (Musäus)

Havia um homem <rico,>[↑riquissimo,] chamado Melchior, q habitava na cidade imperial de Bremen. Tinha tanto dinheiro, q mandou sobradar sua grande casa de jantar com escudos de prata em especie. Seos thesouros augmentavão cada anno, e [↑elle] esperava podêr ainda desfructual-<a>/o\s por mûito tempo. Mas morreu derepente d' uma apoplexia por occasião d' um grande banquete, com q festejava a feliz chegada d' um seo navio ricamente carregado.

Francisco, filho de Melchior, era o unico herdeiro de sua immensa fortuna, de q elle agora podia dispor á vontade, pois ja tinha entrado na maiori-

[384-1b]

dade. Uma saude florecente, uma bella figura, e um excellente coração, o fazião um dos mais amaveis mancebos de sua cidade natal, e a posse de bens tão consideraes o punha em estado de satisfazer perfeitamente sua nobre inclinação a fazer bem. Mas por outro lado a falta de experiencia e a levianidade juvenil o expunhão a todos os perigos da devassidão, e isto tanto mais, q seo pae tinha dia e noite cogitado em amontoar thesouros, e pouco lhe havia importado com a educação de seo filho.

[384-1c]

Logo depois da morte do pae, se reuniu em torno de Francisco grande numero de <liso> aduladores e parasitas, q se chamavão seos bons amigos, e procuravão conserval-o n' uma constante [↑vertigem] de prazeres e divertimentos. Sua casa se tornou o poncto de reunião de todos os *bons vivans* da cidade, q á custa

d' elle e com elle faisaient diariamente gogaille. Nenhum banquete na côrte do bispo era pâra comparar-se com <el> os seos em pompa e profusão, e <por>[↑em] quanto <tempo> durar a cidade de Bremen, [↑nunca se verão] como elle diariamente costumava fazer; a cada cidadão inviava [↑um assado]

[384-1d]

e uma pequena vasilha de vinh<*a>/o\ de Hispanha. Os negocios erão entregues aos caixeiros, e Francisco não gostava <menos com Cassirer, q>[↑de nenhum d' elles, senão do q tinha a caixa, o qual] devia fornecer-lhe os dinheiros pâra a continuação de sua prodiga vida. O credito de seo pae estava mui solidamente baseado, pâra podêr ser facilmente aniquilado. É por isso q Francisco poude por alguns annos continuar sua prodiga vida. Quando elle, porêr, por falta de dinheiro de contado, se viu obrigado a [↑mandar] tirar com todo o silencio o sobrado de prata da casa do j<*u>/a\ntar, e pôr um de pedra em seo logar, então se

[384-2a]

deu attenção. Os numerosos credores exigião prompt<a>/o\ pagamento, e como Francisco não podia fazel-o, teve logar uma completa bancarota. A casa paterna, com [↑grandes] armazens, jardins, herdades e a mais preciosa mobilia, foi vendida <,>[↑em leilão,] e Francisco poude apenas ainda salvar um pouco de toda a <herança,>[↑massa,] o q não chegava pâra o proteger por mais de seis meses contra a extrema indigencia.

Agora pêla primeira vez se lhe abrirão os olhos. Fez mui sérias considerações a respeito de sua vida passada e de sua presente situação; mas des-

[384-2b]

graçadamente veio muito tarde o arrependimento. Seos bons amigos, os companheiros do prazer tinham desaparecido, e a verdadeira e legítamente amiza-

de dos homens de bem havia elle desprezado. Ficou pois sosinho, abandonado a si mesmo, e n' ésta triste sorte foi lhe preciso pensar em conselho e auxí-lio. Seo pondunor não po[↑dia soffrer] {↑2: como um insensato prodigo⁵⁰ e vaurien,} {↑1: apparecer [↑elle]} diante dos olhos d' aquelles, q o tinham visto no mais alto grau de felicidade e bem estar. Por isso resolveu-se a abandonar sua cidade natal, e no estrangeiro procurar outra

[384-2c]

vez a honra e as riquezas. Emquanto se occupa-va d' éste objecto, e não sabía ainda q plano propriamente adoptasse, cahirão-lhe nas mãos os livros commerciaes de seo pae. Antes nunca elle tinha *cri-do n' isso particularmente, e sempre lhe havia repugnado estudal-os com attenção; agora, porém, elles lhe importavão. Folheou os livros e achou n' elles, consideraveis dividas atrasadas, mal paradas. Depressa tomou uma resolução. Deter[minou partir,]⁵¹ pâra procurar os devedores, e esperava, por meio d' uma tocante pintura de sua propria miseria movel-os a

[384-2d]

a pagarem-lhe ao menos uma parte das dividas, com q poderia outra vez começar um pequeno <ne-> <†> negocio. A alegre perspectiva animava seo espirito; desde d' ésta hora se preparou pâra a viagem, comprou um cavallo pâra montar, ar<v>/r\anjou a mala, encommendou uma missa na cathedral pêla felicidade do negocio d<*e>/' u\m jovem viajante, e d' ésta maneira transpoz promptamente as portas da cidade.

⁵⁰ Ao reordenar a frase, o tradutor colocou o número 2 por cima da palavra prodigo, mas terá confundido a haste do d com um parêntese fechado, porque antes do 2 abriu um parêntese.

⁵¹ O escritor escreveu minou partir, com uma tinta mais escura, pelo que se considerou pertinente tratar este passo como sendo uma adição.

|135-1a|

A surpresa (Salzmann)

Biedermann tinha quatro filhos, cujos nomes erão, Carlos, Bernardo, <Lotte e Hannchen.>[↑Carlota e Joanninha.] Mûitas vezes lhes dava elle um prazer, [↑e quasi sempre o arranjava de modo] q surprehendia os filhos, pâra por êste meio augmentar ainda mais seo prazer. Uma tarde lhes disse elle: „Ouvi filhos, aquelle q d’ entre vós se levantar amanha ás seis horas, sem q eu o acorde, far-lhe-hei uma verdadeira festa.„ Os filhos o escutarão admirados.

„Que festa, querido filho? — perguntou Lotte. —„

„Levanta-te [↑a tempo proprio,] sem q eu te acorde, e ficarás sabendo, q festa é — disse o pae. —„

|135-1b|

„Oh, eu de certo me levantarei ainda antes das seis horas — exclamou Lotte. —„ „Eu tãobem, eu tãobem! — exclamarão todos os outros.„ E então forão depressa pâra a cama, e cada um d’ elles disse pâra si antes de adormecer: „Cinco horas e meia, cinco horas e meia!„ Bernardo até escreveu sôbre a cama: „Amanhan ás cinco horas e meia Bernardo levanta-se.„

Na manhan seguinte tinham apenas soado as cinco horas, e ja todos os filhos estavam acordados. Quasi ao mesmo tempo chegarão todos <ao quarto.>[↑á casa onde a familia se reunia.] „Bons dias! — exclamá-

|135-1c|

rão elles alegremente uns pâra os outros; — agora queremos nós ver, q festa nos fara hoje nosso pae.„ Então entrou tãobem o pae no quarto. „Ah — disse êste — quando o pae promette aos filhos fazer uma festa, todos elles podem levantar-se cedo. Agora, tomo eu a palavra. Hannchen

perguntou impacientemente: que festa nos fazes tu agora, querido pae?

<É>/A\[qui] est<a>/á\, respondeu o pae, e lançou uma capa sobre a cabeça de cada um dos filhos. Adiante dos olhos, do nariz e da bocca <est>/fic\ava [↑uma rede de arame,] e todo o resto da cabeça estava coberto com um panno

|135-1d|

Percebeis alguma cousa? — perguntou Bernardo aos outros[;]—

o pae <corta cert<↑>/a\mente><[↑es]> está cortando mel certamente.,,

„Justamente — disse o pae — agrada-vos isto?,,

„Oh sim, oh sim — exclamarão todos, e seguirão o pae,

q tãobem agora lançou uma <↑>/c\apa sobre a cabeça, e a cada um dos filhos deu alguma cousa pâra trazerem.

Bernardo trouxe um vaso [↑poele] cheio de carvões em brasa, Carlos um ramo de absinthio, cada <um> rapariga uma comprida faca. O pae e a mãe ião atraz com pratos e uma <fa> peneira.

Quando ésta especie de procissão chegou ao jardim, prin-

|135-2a|

cipiou a festa. O pae abriu a casa das abelhas, e tirou

cada <açafate><[↑cestinho]>[↑cortiço] de seo lugar. Depois elle <mandou>[↑fez entrar] <no açafate>[↑no cortiço]

o fumo de seo ramo de absinthio, q elle tinha deitado sobre os carvões.

Então as abelhas se retirarão, e o pae, cortou [↑pâra fóra] a cera, q estava <posta na peneira>[↑na joeira, depois] tãobem grandes

boccados de mel. Quando o pae estava prompto, trouxe-se

o mel pâra o quarto, e a mae foi buscar biscoitos, sobre q ella queria extender o mel pâra os filhos.

Tãobem

o pae se retirou, pâra de nôvo por os <móveis>[↑instrumentos] em seo lugar. Mas

antes de se retirar, disse: „Agora, filhos, a mãe vos quer ainda

fazer uma festa, e extender mel sobre bisc<u>/o\it[o]s. Mas ne-

|135-2b|

nhum tirou nada

Nenhum menino <provou, excepto Hannchen.>[↑tirou, excepto Joanninha.] Este estava

desejoso, encaminhou-se mansamente pâra a mesa, tirou
do prato um bocado de mel, e o metheu na bocca. Mas
derepente gritou tão alto e tão dolorosamente, q <so<*u>/o\>
<p> resoou por toda a casa. Os outros se pozerão <inque->
<tos> consternados em tórno d' ella, e perguntárão: „Que
te falta, Hannchen?„ O pae e a m<â>/ã\>e corrêrão pâra
aqui, e a interrogárão. Mas ella conservava a bocca
aberta e gritava, como se [†estivesse no espeto.] Quando afinal a mãe lhe
olhou pâra a bocca, uma pequena abelha, q estava
|135-2c|

no mel, se fixava na lingua de Hannchen com o fer-
rão. A mãe deitou-a fóra, mas a lingua inchou tan-
to, q Hannchen não pode comer nada todo o dia.

Os outros filhos comêrão seos bisc<*u>/o\>itos com mel, e
Carlos disse: „A festa, q o pae nos deu, agrada-nos.,„

[222-1a]

O crocodilo (Krummacher)

Nos tempos remotos um rancho de homens <des>
sahiu de suas antigas moradas, e desceu <*ao>/ás\ ter-
ras atravessadas pêlo Nilo. Elles se regozijarão
com a vista de sua corrente magnífica <,> e com <as>
suas deliciosas aguas, e em suas magens edificá-
rão habitações pâra si. Mas logo sahiu da corren-
te o poderoso monstro, chamado crocodilo, q des-
pedaçou com seos formidaveis dentes homens e a-
nimaes. Então os homens invocarão em alta voz
seo Deus Osiris, e lhe pedirão q exterminasse o
monstro. Mas Osiris deu ésta resposta pêla boc-

[222-1b]

ca dos sabios sacerdotes: „Não é bastante, q a divin-
dade vos forneça fôrça [e] <und>/int\elligencia⁵²? Quem lhe
pede <aux> succorro, no q tem ao seo alcance, em
vão implora.,

Então agarrarão espadas e paos, e assaltarão
o monstro em sua habitação de junco; levantarão
barreiras e diques, e em poucos dias acabarão o-
bras, de q antes não tinham sido capazes. Assim elles
[chegarão a co-↑nhecêrão a fôrça in<f>/t\erior occulta,] q em tempos posteriores levant<arão>[↑ou] as
grandes pyramides e obeliscos, e [↑elles] inventarão mui-
tas artes e muitos <instrumentos>[↑utensilios], q ainda não ti-

[222-1c]

nhão conhecido.

Pois o lutar com as difficuldades desperta e
corrobor a sopito vigor do homem.

Faltavão porêm ainda aos habitantes do Ni-

⁵² O tradutor começou por escrever und, ‘e’ em alemão, mas corrigiu o erro escrevendo um e antes de und, e int por cima desta última palavra.

lo instrumentos, pãra vencer completamente o encouraçado monstro em suas aguas. [Elles poderão so-]

[men]<M>/te⁵³ por pouco tempo repellil-o, e com isto se contentarão.

Mas pouco a pouco os foi desamparando o zê-lo de defesa. O monstro cresceu<, > e se multiplicou, seo f<ur>/er\o<r>/c\idade tornou-se tãobem mais temivel.

Então <d> assentou o povo louco e dissoluto em re-
|222-1d|

reverencear o crocodilo, como uma divindade. Voluntariamente lhe offerecêrão gordas victimas, e o monstro se tornou mais poderoso [↑q nunca;] mas o povo cahiu <i>/e\m inacção e estupidez.

Pois o sentimento da escravidão faz a gente vil e cobarde.

Emfim o arco demasiadamente teso <es><r>/e\stala, e chega aos tyrannos o castigo. Interessou-se Osiris pelos desamparados, e os convidou pãra novo combate pêla bocca do sabio sacerdote. Começou a lucta, e a corrente se fez vermelha com o sangue
|222-2a|

dos animaes mortos. Ja os combatentes principiavão a cançar, quando o sacerdote e o povo opprimido pedíção succorro a Osiris, e a divindade ouviu sua súpplia. Um pequeno animal, chamado *Te-zerdah?* appareceu na margem do Nilo. „Vêde — exclamou o sacerdote — aqui vos manda auxílio Osiris:„ „Como, zombas de nós? — <disselo povo d> lhe disse o povo. —„

O sacerdote respondeu assim: „Esperae o resultado, e confiae no poder superior, q com o mais pequeno é ca-

⁵³ O tradutor abriu aqui parágrafo e escreveu o M, mas percebeu que lhe faltava uma frase, pelo que acrescentou o início da frase na linha anterior, escreveu no espaço da abertura de parágrafo *men* e substituiu então o M por *te*.

paz de arredar a maior crise.,,

[222-2b]

O numero dos terriveis monstros do Nilo depressa
decreseu a olhos vistos. O povo olhou com admiração
pâra o pequeno animal. Em silenciosa actividade
procurou os ovos e a <incubação>[↑ninhada] do crocodilo. As-
sim destruiu n' um instante<s> os germes de cem for-
midaveis tyrannos do Nilo, e <t>/l\ivrou esta terra do
seo flagello, o q tantas cabeças e mãos não ha-
vião conseguido.

„Vêde — disse depois o sabio sacerdote — quereis
aniquilar um mal, atacaes no germe e na raiz.

Pois um pequeno meio facilmente effectuará, o

[222-2c]

q mais tarde <O crocodilo>⁵⁴ não é possível a um
exército.

⁵⁴ Ao contrário do que acontece com os outros textos, neste o tradutor escreveu, no centro do cabeçalho da página, o título do texto, bem como o número do bifólio no canto superior esquerdo e o número identificativo do texto no canto superior direito. Tanto o título, como os números, foram cancelados, e a folha foi reaproveitada para receber o resto do texto.

[197- 1a]

O valle dos brahmanes (Krummacher)

N' uma das mais bellas regiões da India, de-
baixo d' um ceo eterno sereno, existe um tranquillo
valle, rodeado de montanhas, q é, desde antiguos
tempos, habitado pelos pacificos adoradores de
Brama.

Um dia aqui veio um jovem principe indio, e
pretendeu falar ao pae e chefe da pacífica geração
de Brama. Seo desejo foi satisfeito. Um velho de
alta e nobre estatura acolheu o desconhecido man-
cebo. „Sê bem vindo — lhe disse elle — jovem extran-
geiro, ao nosso tranquillo valle; tu aqui vens de

[197-1b]

proposito, ou porq te enganaste no caminho q
seguías.,,

„Estou no <seg> primeiro caso — disse o mancebo; —
venho de proposito...,,

O velho o interrompeu, e disse: „O estrangeiro é
sempre pâra nós bemvindo ao nosso valle. Aqui
exercemos a sagrada hospitalidade pâra com
elle, sem perguntar quem é, nem a razão de
sua vinda. Pois conservâmos ainda o antiguo
costume, de não indagar o nome e o desejo do ex-
trangeiro, senão ao cabo do terceiro dia. Se nada,

[197-1c]

te impelle, o q exige nosso [↑prompto succorro,] entra, como homem e ermão,
em nosso gremio, e goza com alegria do q te po-
dêmos offerecer.,,

O principe f<a>/e\z uma reverencia, e <seguiu> acom-
panhou o ancião á fresca sombra de [↑mũi altas] palmeiras,
onde estava reunida uma familia numerosa.

Homens e mulheres, rapazes e raparigas, todos
de nobre figura e agradável presença, vierão
ao encontro do estrangeiro, e o saudarão com
tão franca franqueza, como se já ha muito tempo o co-
nhecessem e estimassem; creanças saltavão em
|197-1d|

roda d' elle, e lhe offerecião flores.

„Ah, que morada da innocencia e da alegria! —
disse o principe suspirando. —„

„Essas aqui habitão sempre junctas — replicou
o velho; — porq em nosso coração vive Brama; por
isso nossos sentimentos não envelhecem, e o vemos
em cada creatura sua e em cada dom; por isso
nunca nos falta alegria, e não conhecemos ne-
nhumas necessidades, quaesquer q ellas sejam, q
não possamos satisfazer.„

Um profundo suspiro sahiu involuntariamen-
|197-2a|

te do peito do mancebo.

„Tu estás cansado do caminho;„ disse o velho e fez
certo signal. Immediatamente [↑se aproximárão] dous mancebos,
trazendo uma bacia, pâra lavar os pes ao extran-
geiro; duas raparigas na flor da idade lhe offe-
recêrão dos mais deliciosos fructos do valle.

O principe recusou lavar os pes. „É [o] costume na san-
cta hospitalidade — disse o velho — e um refrigério, q
o mais forte razoavelmente offerece de boa vontade
ao <mais> q está cansado. Aqui não se faz nenhuma
differença entre senhor e escravo. Em cada viajante
|197-2b|

a pe respeitamos a physionomia humana, q nol-o
denuncia como filho de Brama cheio de amor.„

O principe ficou calado, mas o rubor lhe subiu
a<s>/o\ rosto, e seos <olh> joelhos tremêrão.

„Elle não está bom — disserão os mancebos q lhe
tinhão preparado o banho; — seos joelhos tremem.,,
„Elle tãobem não tirou nenhuma das nossas fru-
ctas — disse as raparigas com voz de compaixão. —,,

Então o velho se aproximou d' elle, e lhe agarrou
na tremula mão. „Meo filho — disse elle — o calor
do dia<s> [↑te] tem fatigado. Quero levar <á>[o] noss<a>/o\ apo-
|197-2c|

sento, pâra passares pêlo somno. Este te fornece-
rá novo vigor, pâra q tu possas gozar comnosco
do sagrado festim, q ámanhan nos espera.,,
O mancebo se deixou conduzir á cabana pêlo
agradavel ancião. Aqui havia uma camada
de hervas odoríferas, sôbre as quaes estavam desdo-
bradas finas cobertas, deslumbrantes de alvura,
como neve recentemente cahida.

„Ve — disse o bramen — aqui podes tu passar tran-
quillamente pêlo somno, pois <des> repousas nos bra-
ços d<e>/o\ que abençoa este valle, q é Brama cheio
|197-2d|

de amor. Isto te devem testemunhar as hervas
macias e cheirosas, sôbre q tu te deitarás; e as ni-
veas cobertas são o symbola da innocencia. <Du->
<rante>

Durante o discurso do velho entrárão dous ra-
pazes com uma taça cheia de vinho mûito tinto.
O velho a tomou de suas mãos, e disse ao principe:

„Ve, nos comemos somente fructas do campo, das
árvores e cepas, como a natureza as dá. Mas pâra
os doentes e cançadas tãobem exprememos os
ca<i>xos. E o unico sangue — accrescentou elle surrin-

[197-3a]

do-se, q nós derramâmos, mas isto sem gemidos, e somente pâra desfazer <sus> gemidos. Bebe, meo querido, fará bem a teo coração.,,

O mancebo pegou a tremer na taça, e emquanto bebia, se apoderou d' elle um violento calafrio.

A<*a>/o\ entregar a taça ao velho, soou ao longe um suave e solemne canto de mûitas vezes. „Que é isto? — perguntou o principe. —,,

„É o cantico da tarde — respondeu o bramen. — Está a pôr-se o sol. Dirigimos a Brama nosso commum agradecimento pêla luz do ceo, q elle nos

[197-3b]

mandou ca abaxo, e pêlo dia de vida, q nos concedeu. Nos acreditâmos, q ao ente mais cheio de amor e mais benefico so podem ser agradaveis supplicas de alegria e de amor. <*P>/É\ por isso q lhe dirigimos nosso agradecimento por meio do cantico, e em commum. Tãobem tu não ser<á>/a\ esquecido em nossa oração; pois agora não pertences tãobem á nossa familia? Brama te dê um suave somno, e um <alegre> acordar alegre.

D' ésta arte fal<l>/o\u o ancião com mûita graça, e deixou o mancebo.

[197-3c]

Este, porêm, envolveu a cabeça, e não poudé ver o rosto do <h><var> alto e nobre varão, nem corresponder á sua saudação.

Agora ficou so o mancebo, mas o somno não queria cerrar-lhe as palpebras. Elle estava, como

se o sangue lhe fervesse nas veias; ouvia as pancadas do coração. A imagem do dia passado estava incessantemente representada em sua alma tanto mais clara e radiante, quanto mais sombria ella se achava. A noite silenciosa e allumiada pêla lua, brincando em seo quarto por meio do murmu-
|197-3d|

rio das folhas, parec<e>/i\ a-lhe não ter fim. Elle esperava com [sau↑dade] o romper do dia. Finalmente cahiu n' um somno [↑como febril,] q frequentes vezes [↑era] perturbado por terriveis sonhos. Acordou com o primeiro raio da aurora. Uma deliciosa musica alternada de vozes varonis e feminis soou ao longe mais grave e solemnemente do q o cantico da tarde no precedente dia. Era a oração da manhan <†>/r\ezada ao nascer do sol pê-la familia dos bram □ reunida.

Isto penetrou o principe d' um modo indefinivel. Elle queria acompanhar com sua voz a com-
|197-4a|

mum oração, mais não podia

Então abriu-se mansamente a porta do quarto, e o velho olhou por ella. Com cuidado no mancebo, q elle julgava doente, não tinha podido esperar, q elle acordasse. Queria, se elle ainda estivesse a dormir, retirar-se sem fazer bulha.

Achando o estrangeiro acordado, complimentou-o com palavras de amigo, e com cuidado de pae lhe perguntou pêla saude.

O mancebo foi mui intimamente tocado, e disse:
„Ah, [↑com] q amor <me encontra>[↑deparo] n' êste valle!„
|197-4b|

„Meo filho — disse o brahman — nos reverenciâmos um grande pae, e amâmos cada creatura sua, co-

mo <uma> image<m>/ns\ de sua sabedoria e bondade, <ca->
mas cada homem, como seo filho e sua imagem,
e todos como nossos ermãos. Acostumados desde
a mocidade á simplicidade do coração, e áquel-
les pensamentos <juvenis>[↑filiaes], isto agora <nos pertence>[↑é pâra nós uma]
<naturalmente,>[↑segunda natureza,] e não queremos nenhum agrade-
cimento, q nos não seja devido. Agora celebrarás
comnosco a alegre festa do amor.,

Apenas tinha o velho acabado de falar quan-
|197-4c|

do se arrasarão de lagrimas os olhos do mancebo,
q pediu ao velho, q o acompanhasse <do>[↑até fóra do] valle <até á>[↑pêla]
estrada, por onde elle tinha vindo.

O velho ficou surprehendido pêla singulari-
dade do estrangeiro, e calado o acompanhou
<<ao>/á\ es> pêlo caminh<a>/o\, <d>[o] q deitava pâra fóra do
valle.

Então começou assim o mancebo: „Deixo pâra
sempre o vosso valle. Eu pensava achar tranquil-
lidade no meio de vós, mas tenho padecido os
mais terriveis tormentos de minha vida.,
|197-4d|

„Não te entendo — interrompeu o <velho,> brah-
man, e surpreso olhou pâra elle. — Nosso <tran->
pacífico valle...,

„Vosso valle, venerando pae — exclamou o
mancebo — é a séde da paz e da innocencia...,

„Entre nós não se derramão outras lagrimas
— disse o velho com celeste tranquillidade — <de> alem
das da alegria e da gratidão, nem uma gotta
de sangue rega a terra, e nenhum suspiro da in-
nocencia afflicta profana a respiração de Brah-
ma. O <q> chão, q pisâmos e nos nutre, o ar q

[197-5a]

nos rodeia, é puro e immaculado.,,

„Mas eu — exclamou o principe — eu sou um impuro! É isto o q <um valle innocente> me transforma êste valle innocente em uma morada de tormentos.,,

O velho calou-se, e lançou um olhar de compaixão pâra o infeliz mancebo.

Elles estavam no fim do valle. O mancebo tomou outra vez a palavra, e disse: „Venerando ancião, tua ternura dilacera meo coração. Ah, se ella tãobem o podesse curar! Escuta ainda mi-

[197-5b]

nha infeliz história.

„Sou filho do rei Amandua; seo throno e a suberania da India estavam-me destinados. Mas éstas mãos estão manchadas em sangue innocente. O filho unico d’ uma viuva cahiu debaixo dos golpes de minha espada. Sangue, lagrimas e suspiros pesão sôbre mim. A imagem de meo horroroso <crime me ato><afflig> delicto me opprime. Deixei o palacio, e esperava achar em vosso valle o repouso, q procurava. Achei as horas mais amargas de minha vida; vossa paz foi meo tormento; vossa

[197-5c]

innocencia me pareceu uma amarga invectiva contra meo crime, e cada amigavel olhar de vosso amor penetrava no sombrio de meo coração, como um flammejante relampago na escuridão da noite.

[„Ah, eu me condu↑zi a mim mesmo, eu q queria fugir,] a ésta habitação da paz! Perdoae-me, e se podeis, pedi por mim. Vou pâra o logar q me pertence, pâra a solidão.,,

Com éstas palavras deixou o brahman e o pá-
cífico valle. O velho o seguiu com a vista, em-
quanto elle subiu <a>/o\ os montes. Depois levantou as
|197-5d|

mãos ao ceo, em ar de supplicante, e voltou ao
círculo dos celebrantes (feiernden)

|45-1a|

Abdallah (Kotzebue)

Um rei da Persia lembrou-se em certo tempo de percorrer, como incognito, seos estados. N' um ardente dia de verão encontrou elle á sombra d' uma árvo- re um jovem pastor, tocando flauta. Sua figura a- gradou ao suberano de Ispahan. Este entrou em con- versação com elle, e lhe achou intelligencia tão san, juizo tão recto<,> (na verdade sem cultura), q se re- solveu a leval-o comsigo pâra a côrte, e tentar o q por meio da educação se podesse conseguir d<' um>/e\ tal <estado.> disposição.

Abdallah, assim se chamava o mancebo, contra

|45-1b|

vontade o acompanhou, preencheu, com effeito, todas as esperanças de seo principe, era por elle amado <mart>/pate\rnalmente, e por toda a côrte invejado; po- rêm mûitas vezes teve desejo de voltar ás cabanas da tranquillidade, e olhava suspirando pâra o singelo traje de pastor, q elle havia trocado pêlo kaftan de purpura, e pêlo resplandecente turbante.

O monarcha elevou seo válido d' um pâra outro grau de honra, e finalmente o nomeou guarda das joias da coroa. De balde se mordida a inveja, de balde se insi- nuava a <inve> calumnia até ao throno. Abdallah, o

|45-1c|

probo, zombava do ciume dos outros cortezãos; <seo>[o] mo- narcha mûito bem conhecia o merito do coração de Abdallah. Mas afinal morreu o justo principe, e dei- xou um filho de vinte annos, cujos ouvidos estavam a- bertos á <adullação,>[↑lisonja,] e cujo coração á corrupção. Logo a calumnia levantou sua venenosa cabeça do lodo

da inveja, e disse em voz alta: „A<d>/b\ dallah tem-se enriquecido á custa da coroa! tem-se assenhoreado do thesouro, q teo pae lhe confiou; tem extraviado as joias da coroa, sim tem <uma> em sua casa uma abobada occulta, munida de tres fechaduras, onde
|45-1d|

elle frequentemente passa sosinho mûitas horas, e conta as riquezas roubadas.,,

O jovem rei, credulo, confiou na palavra de seos aulicos; e n' uma manhan surprehendeu Abdallah, quando êste menos esperava tão visita<: „>/\ e lhe disse com tom imperioso: „Dá-me as chaves da abobada occulta, q está situada no fim d' aquella galleria, onde tu [↑tão] frequentemente te demoras tanto tempo, e q o pe de teos amigos ainda não pisou.,,

Abdallah penetrou o tecido da maldade. Levantou, sorrindo-se, os olhos pâra seos delatores, e
|45-2a|

apresentou as chaves ao rei. A abobada foi aberta, [←houlette panetière] e achou-se n' ella um cajado, um alforge, e uma flauta. Ve aqui, monarcha! os signaes de meo antigo e feliz estado. Guardei-os aqui, e mûitas vezes os visitei, pâra me lembrar <d' aquell> das pacíficas alegrias campestres, q eu desfructava no gremio de minha familia. Recebe tudo q teo pae me deu, mas deixa-me o meo cajado.,,

O jovem principe, tocado, lança um olhar cheio de indignação pâra seos cortezãos, abraça Abdallah, e quer eleva-lo á primeira dignidade de seo reino.
|45-2b|

Mas Abdallah lança de si o caftan de purpura, toma o cajado e o alforge, e foge pâra<s> as {↑2: choupanas}{1↑: campestres}

Considerações finais

A presente dissertação teve como objectivo imediato dar a conhecer a tradução inédita de João Félix Pereira intitulada *Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães*.

Dos 47 textos que constituem a *Selecta portugueza*, foram escolhidos 12 para se fazer a edição genética. Observando algumas das variantes encontradas nestas 12 narrativas, pôde-se constatar problemas iniciais de leitura depois corrigidos, bem como a proximidade da tradução com os textos de partida alemães. As dificuldades de leitura e entendimento preciso de algumas palavras ou expressões alemãs (foram deixados espaços em branco que por certo estariam destinados a ser mais tarde preenchidos) e a proximidade do texto traduzido de João Félix Pereira com os textos em língua alemã sugerem que a tradução seja de primeiro jacto ou corresponda, de qualquer maneira, a uma fase do trabalho não suficientemente amadurecida.

Quer a descrição testemunhal, quer a edição da tradução podem vir a ser refinadas e ampliadas em trabalho com outras balizas temporais menos restritivas do que as impostas a uma dissertação de mestrado. A legibilidade da *scripta* de Félix Pereira e a aparente adequação dos símbolos genéticos utilizados às particularidades do *corpus* trabalhado dão a entender que as outras narrativas que não foram aqui editadas podem ser contempladas num projecto futuro. Paralelamente, é útil alargar a abordagem da tradução, em crivo comparativo, a outras traduções de Félix Pereira. Estas outras traduções podem ser seleccionadas de acordo com vários critérios: cronologia de produção, língua de partida, carácter conclusivo ou inconclusivo, entre outros. O alargamento do objecto de análise por intermédio de comparação pode levar a uma percepção do estatuto preciso que este empreendimento teve na vida intelectual de Félix Pereira. Finalmente, o sentido pleno a dar à descrição material que procurei fazer só pode ser atingido por meio da caracterização, mais ou menos desenvolvida, de outros manuscritos deste intelectual.

Ao longo deste trabalho foi sempre silenciado um aspecto possível do estudo do espólio de João Félix Pereira e, em particular, deste documento do seu espólio. A recepção da cultura literária alemã na segunda metade de Oitocentos em Portugal, as redes de socialidade cultural que se interessavam pela literatura de língua germânica e o modo como nelas se integrava ou pretendia integrar João Félix Pereira, o destino que tencionava dar à *Selecta* são questões que deliberadamente não quis tratar nesta dissertação por me

Considerações finais

parecerem posteriores ao que aqui pretendi realizar. Mas o tratamento destas questões é a continuação natural de algumas perguntas a que procurei responder e, uma vez feito, calibrará e sofisticará algumas das respostas que dei a estas perguntas.

Anexo A: Obra publicada de João Félix Pereira

A seguinte lista foi constituída a partir de uma compilação de referências à obra de João Félix Pereira que podem ser encontradas na maioria dos seus livros publicados. Sempre que observei discrepâncias sobre estas referências e que pude consultar presencialmente, fiz uma nota de rodapé explicativa.

As obras que estejam precedidas por um nome que não seja o de João Félix Pereira são traduções da autoria deste, pelo que nestes casos não se indica o autor da tradução. A única excepção para este caso é o do texto «Os mysterios de Eleusis», que Félix Pereira escreveu para a tradução de *Os Fastos* de Feliciano de Castilho. As entradas para as traduções de obras cuja autoria se desconhece são iniciadas com o título da tradução em maiúsculas. As datas entre parênteses rectos são relativas ao período em que volumes de um mesmo título foram publicados. As datas entre parênteses curvos, precedidas de número de edição, dizem respeito ao volume mais antigo a que se teve acesso. As entradas que estejam precedidas por um asterisco (*) são relativas aos textos aos quais não se teve acesso.

1844

HERÓDOTO, *As expedições de Dario e Xerxes contra a Grécia* [trad. port., Lisboa: Typ. de L. C. da Cunha].

1846

Historia de Portugal, desde o princípio da monarchia até á morte de D. João VI, em 1826, 3 vols., Lisboa: Imp. de L. C. da Cunha [1846-1848].

1848

Compendio da história de Portugal, para uso dos alumnos do 4.º e 5.º annos dos lyceos nacionaes, Lisboa: Typ. de Martins⁵⁵.

BROWN, Joseph, *Cholera-morbus: o artigo cholera da Cyclopedia Britannica*,

⁵⁵ Encontra-se na Biblioteca Nacional um exemplar de uma obra de João Félix Pereira, intitulada *Compendio de historia de Portugal aprovado pelo conselho superior de instrucção publica para uso das escholas* (cota H.G. 5244//1P.), de 1849, que se pensa que seja o *Compendio* referido. Ao longo desta lista bibliográfica ver-se-ão outros casos do mesmo tipo. Os dados do local e da tipografia foram retirados do *Compendio* de 1849.

traduzido do inglez por João Felix Pereira [trad. port., [Lisboa]: Typ. de Luiz Correia da Cunha].

1849

Chirurgomicroscopiatromaquia ou duelo entre um estudante da Escola Médico cirurgica de Lisboa e um doutor em microscopia, Lisboa: Tip. de Martins.

«Colosso de Rhodes, uma das maravilhas do mundo», in *A Assembléa Litteraria: Jornal d' Instrucção*, Lisboa: Typographia de J. B. Morando, n.º 12, pp. 90-1.

«Redondeza da terra. — Antipodas», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, n.º 28, pp. 220-2.

«A terra é um espheróide achatado nos polos», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, n.º 30, pp. 237-9.

«Nullidade do globo terrestre em relação a outros objectos da criação», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, n.º 31, pp. 243-4.

«A terra gyra sôbre si mesma», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, n.º 34, pp. 268-9, n.º 37, pp. 292-3.

1850

«O movimento da terra em roda do sol não se opõe aos textos da biblia, que parecem nega-lo», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. III, n.º 11, pp. 83-4.

«Systema do universo, segundo Ptolomeu», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. III, n.º 28, pp. 219-20.

Compendio de chorographia de Portugal, para uso das aulas de instrucção primária e secundária, Lisboa: Typ. de Martins (2.^a edição, de 1851).

Resumo da história de Portugal, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.^a classe, Lisboa: Officina Typographica.

«A liga amphictyonica», in *O Atheneu: jornal litterario, d' administração e economia social*, Lisboa: Typ. da Rua da Bica, n.º 4, pp. 29-30.

«O areopago», in *O Atheneu: jornal litterario, d' administração e economia social*, Lisboa: Typ. da Rua da Bica, n.º 17, pp. 134-5.

«Calendario», in *O Atheneu: jornal litterario, d' administração e economia social*, Lisboa: Typ. da Rua da Bica, n.º 32, pp. 251-3, n.º 33, pp. 258-61, n.º 34, pp. 269-70.

«A expedição dos argonautas», in *A Semana: jornal litterario e instructivo*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 1, n.º 8, pp. 61-2, n.º 9, pp. 70-1.

Anesthesia chirurgica, Lisboa: Typ. de Andrade & Companhia⁵⁶.

«A operação da cataracta por extracção» in *Jornal de medicina e sciencias acessorias*, n.º 17, pp. 313-5⁵⁷.

1851

«Systemas do universo», in *Revista Popular: semanario de litteratura, sciencia e industria*, Lisboa: Typ. da Revista Popular, vol. IV, n.º 18, pp. 155-6, n.º 37, pp. 364-5, n.º 38, pp. 370-1, n.º 40, p. 386, n.º 42, pp. 402-4.

GILLKREST, J., «Febre amarella: o artigo “febre amarella” da Cyclopedia Britannica» [trad. port., Lisboa: Typ. de A. Martins].

Compendio de chronologia, para uso das aulas de instrucção secundária, [Lisboa]: [Typ. de Luiz Correia da Cunha]⁵⁸.

«A Lusitania», in *Revista Popular*, Lisboa: Typ. da Revista Popular, vol. IV, n.º 3, pp. 23-4.

⁵⁶ «These defendida, no dia dezaseis de oitubro de 1851, na eschola medico-cirurgica de Lisboa» (PEREIRA, 1888: p. III). Esta tese foi em parte publicada no periódico *Jornal de pharmacia e sciencias acessorias*, Lisboa: Imprensa Silveana («Ether, chloroformio e outros agentes anesthesicos», tomo III, pp. 113-7, tomo IV, pp. 5-9, 25; «Operações chirurgicas sem dôr, tomo IV, pp. 107-13; «Aparelhos de anesthesiação pelo ether e chloroformio», tomo IV, pp. 166-70; «Methodos de anesthesiação», tomo IV, pp. 167-8; «Periodos de anesthesia», tomo IV, pp. 168-70) e em parte no periódico *Jornal de medicina e sciencias acessorias* (n.º 14, Agosto de 1850, pp. 249-52, n.º 15, pp. 268-73, n.º 17, Novembro de 1850, pp. 307-13).

⁵⁷ Não se teve acesso a outros números do *Jornal de medicina e sciencias acessorias* para se saber se o texto prosseguia.

⁵⁸ Pensa-se que esta obra corresponda ao *Compendio de chronologia*, também de 1851, da qual se retirou a informação quanto ao local e à tipografia. Encontra-se na Biblioteca Nacional pelo menos um exemplar, com a cota H.G. 19956 P.

«O SONHO DE GALILEO» [trad. port., in *Revista Popular*, Lisboa: Typ. da Revista Popular, vol. IV, n.º 26 de Julho, pp. 221-4].

«A reforma ou a revolução religiosa», in *Revista Popular*, Lisboa: Typ. da Revista Popular, vol. IV, n.º 43, pp. 410-1.

«Delphos. A Pythonisa», in *Revista Universal Lisbonense: jornal dos interesses physicos, moraes e litterarios* [Lisboa: Typographia da Revista Universal Lisbonense], 2.^a série, tomo III, n.º 34, pp. 405-6.

1852

«A reforma ou a revolução religiosa do seculo 16», in *Revista Popular*, Lisboa: Typ. da Revista Popular, vol. V, n.º 15, pp. 114-6, n.º 16, pp. 121-3, n.º 17, pp. 130-1, n.º 19, pp. 147-8, n.º 21, pp. 162-3, n.º 22, p. 171, n.º 23, pp. 177-8⁵⁹.

TERCEIRO RELATORIO ANNUAL, SOBRE A EFFICACIA THERAPEUTICA DAS CADEIAS GALVANO-ELECTRICAS DE GOLDBERG, NA SUA APPLICAÇÃO CONTRA AS MOLESTIAS RHEUMATICAS, GOTTOSAS E NERVOSAS, DE TODAS AS ESPECIES [trad. port., [Lisboa]: Typ. D' Andrade & Comp.^a].

Rudimentos de geometria, destinados, principalmente, para os alumnos, que frequentão as aulas de geographia, chronologia e história, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz (2.^a edição, de 1858).

Compendio de geographia, para uso das aulas do 4.º e 5.º annos dos lyceos nacionaes, Lisboa: Imprensa Comercial.

Compendio da história sagrada, para uso das aulas de instrucção secundária, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz (4.^a edição, de 1863).

Compendio da história sagrada, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.^a classe; e, tãobem para uso das aulas de instrucção primária, Lisboa: Typ. de António José Germano (5.^a edição, de 1867).

SCHILLER, Friedrich von, *O Visionário* [trad. port., Lisboa: Typ. de A. F. Lopes].

⁵⁹ Trata-se da continuação do artigo do vol. IV intitulado «A reforma ou a revolução religiosa».

Resumo da história de Portugal, para uso das aulas de instrução primária, Lisboa: Typ. Joaquim Manuel Euzebio (3.^a edição, de 1857).

Rudimentos de arithmetica, para uso das aulas de arithmetica, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz (4.^a edição, de 1863).

1853

Abrégé de l' histoire de Portugal, Lisbonne: A. J. F. Lopes.

LESSING, Gotthold Ephraim, *Fábulas* [trad. port., Lisboa: Imp. Francisco Xavier de Souza].

Logica ou analyse do pensamento, Lisboa: Typ. de A. J. F. Lopes.

1854

Elementos de geometria, para uso dos lyceos, Lisboa: Imprensa Evangelista.

Abridgement of the history of Portugal, Lisbon: A. Martins.

Chorographia do Brazil, Lisboa: Lucas Evangelista.

XENOFONTE, *Cyropedia, ou história de Cyro* [trad. port., Lisboa: Typ. de A. Martins].

1856

Preceitos de civilidade, para uso das aulas de instrução primária, Lisboa: Typ. de António José Germano (*Compêndio de civilidade*, 8.^a edição, de 1867).

*NEPOTE, Cornelio, *Vidas dos capitães illustres* [trad. port.].

1857

**Additamento á 1.^a edição do compendio de geographia, para o adaptar ao programma, publicado pela escola polytechnica, na parte que diz respeito á geographia mathematica.*

1858

Additamento aos elementos de geometria, para accommodal-os ao programma, que regula os exames preparatorios de geometria elementar, na escola polytechnica, Lisboa:

Tip. Portas de Santo Antão n.º 9.

Compendio de geographia mathematica, accommodado ao programma, por que se regem os exames de mathematica elementares, nos lyceos nacionaes, na parte, que diz respeito á geographia mathematica, e accommodados, tãobem, ao programma, que regula, na eschola polytechnica, os exames de habilitação nesta disciplina, Lisboa: Typ. Portas de Santo Antão n.º 9.

Principios de moral e catecismo ou Compendio da doutrina christan, para uso das aulas de instrucção primária, aprovado pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, Lisboa: Typ. de José da Costa.

**Mappa de Portugal, para intelligencia do compendio de chorographia portugueza.*

**Mappa de Portugal, para intelligencia do mencionado compendio de chorographia portugueza, em escala maior que o antecedente.*

Resumo da história de Portugal, pelo methodo dialogal, para uso das aulas de instrucção primária, [Lisboa]: [Typ. de José da Costa]⁶⁰.

Epitome da história sagrada, em verso rimado endecassyllabo, Lisboa: Typ. de José da Costa.

**Diccionario allemão-portuguez e portuguez-allemão, Neues Deutsch-Portugiesisch und Portugiesisch-Deutsch Handwörterbuch, 2 vols.*⁶¹.

1859

HERÓDOTO, *Primeiro livro da história dos gregos e dos persas* [trad. port., Lisboa: Typ. de José da Costa].

*CHATEAUBRIAND, François-Réné, *Compendio da história de França, tirado, textualmente, dos Estudos Históricos de Chateaubriand* [trad. port.].

**HISTÓRIA DA PHILOSOPHIA* [trad. port.].

⁶⁰ Pensa-se que esta obra corresponde ao *Resumo da história de Portugal pelo methodo de perguntas e respostas, para uso das aulas de instrucção primaria*, de 1859. Pelo menos um exemplar desta obra pode ser encontrado na Biblioteca Nacional com a cota H.G. 11246//2 P. Os dados quanto ao local e tipografia do *Resumo* de 1858 foram retirados da obra referida.

⁶¹ Só terá sido publicada a primeira parte deste dicionário de alemão-português, até à letra H (cf. PEREIRA, 1888: p. X).

1860

Compendio de geographia elementar, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe; e, tãobem, para uso das aulas de instrucção primária, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz (3.ª edição, de 1862)⁶².

Apreciação philosófica dos descobrimentos portuguezes e das razões, que os determinarão. Seos effeitos sobre a civilização, na Europa e no oriente, Lisboa: Typ. de José da Costa⁶³.

1861

Compendio de história elementar, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe, [Lisboa]: [Typ. de José da Costa Nascimento Cruz]⁶⁴.

1862

«Os mysterios de Eleusis», in OVÍDIO, *Fastos* [trad. port. de António Feliciano de Castilho, tomo II, Lisboa: Imprensa da Academia Real de Sciencias, pp. 658-66].

1863

Natureza e extensão do progresso, considerado como lei da humanidade. Applicação d' esta lei ás bellas artes, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz⁶⁵.

História da idade média, 2 vols., Lisboa: Tip. de José da Costa [1863-1868].

Primeiras linhas da grammatica portugueza, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

⁶² Na primeira edição, esta obra surgiu com o título *Resumo de geographia physica, politica e commercial, para uso das aulas de instrucção primária* (cf. PEREIRA, 1876c: pp.XII-XIII).

⁶³ «These de concurso, para a quinta cadeira [História Filosófica] do curso superior de letras, sustentada, perante a academia real das sciencias de Lisboa, no dia nove de fevereiro de 1860» (*idem*: p. XI).

⁶⁴ Pensa-se que a esta obra corresponde ao *Compendio de historia elementar para uso dos alumnos do 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe*. Um exemplar desta obra encontra-se na Biblioteca Nacional com a cota H.G. 19934 P. Os dados quanto ao local e tipografia do *Resumo* de 1858 foram retirados da obra referenciada.

⁶⁵ «These de concurso, para a 5.ª cadeira de curso superior de letras, sustentada perante a academia real das sciencias de Lisboa, a 10 de março de 1863» (PEREIRA, 1888: p. XII).

1864

Compendio das materias de instrucção primária, que fazem objecto do exame de admissão nos lyceos nacionaes, accommodado ao programma, ultimamente publicado pelo conselho geral de instrucção pública, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz (2.^a edição, também de 1864).

Summula do systema legal de pesos e medidas, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

Principios de chymica, accommodados ao programma, publicado pelo conselho geral de instrucção pública, para uso dos lyceos; e ao programma, adoptado pela escola polytechnica, para regular os exames de habilitação nesta sciencia, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

Introducção á história natural, accommodada ao programma, publicado pelo conselho geral de instrucção pública, para uso dos lyceos; e ao programma, adoptado pela escola polytechnica, para regular os exames de habilitação nesta disciplina, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

Direito de visita. Em que casos e por que modo pode ser exercido. Poderá exercer-se sobre navios comboiados? Em que casos e circunstâncias podem ser visitados os navios, suspeitos de se empregarem no tráfico da escravatura? Direito convencional sobre a visita e captura d' estes navios, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

Colonias, fundadas pelos inglezes, francezes e demais nações do norte da Europa: rivalidades coloniaes e guerras maritimas, a que derão logar no seculo XVIII, tanto estas rivalidades, como as pretensões insolitas de supremacia maritima e senhorio dos mares, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

1865

Almanach do lavrador, para o anno de 1866, primeiro anno, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz [1865-1870, em colaboração com João Ignácio Ferreira Lapa].

Principios de physica, accommodados ao programma, publicado pelo conselho geral de instrucção pública, para uso dos lyceos; e ao programma, adoptado pela escola polytechnica, para regular os exames de habilitação nesta sciencia, 2 vols., Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

«O arroz e os arrozaes, com relação á agricultura e á hygiene», in *O Archivo Rural: jornal de agricultura, artes e sciencias correlativas*, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, vol. VII, pp. 583-7, 629-35, 666-75⁶⁶.

«A PESTE BOVINA» [trad. port., in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal, vol. VIII, pp. 516-21, 569-72, 626-7; vol. IX (1866), pp. 141-4, 169-72⁶⁷].

1866

História geral do commercio, navegação e indústria, para uso dos alumnos da 2.^a cadeira da escola do commercio de Lisboa, 2 vols., Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz [1866-1867].

ALVARENGA, Pedro Francisco da Costa, «Apontamentos ácerca das ectocardias, a proposito de uma variedade não descripta, a Trochocardia, lidos na academia real das sciencias de Lisboa pelo socio effectivo dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 538-46, 572-82].

«Algumas palavras sôbre a questão da grande e da pequena cultura», in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal, vol. IX, pp. 204-6, 228-30, 258-60, 281-2, 309-12⁶⁸.

Curso de physica, com suas principaes applicações á meteorologia, ás artes e á medicina, 5 tomos, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz.

1867

História de Roma, para uso das escholas, Lisboa: Typ. da Viúva Costa.

HERZOG, Herman, «Acção pathologica do acido carbonico, em excesso, no sangue» [trad. port., in *Gazeta Médica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 5.^a série, 15.^o ano,

⁶⁶ «Lição recitada pelo auctor, como alumno, na aula de agricultura geral do instituto agricola de Lisboa, no dia 26 de março de 1865» (PEREIRA, 1888: p. XV).

⁶⁷ «Esta traducção é de parte do regulamento sobre policia sanitaria veterinaria, publicado em 1859, no imperio de Austria, d' onde o trouxe o sr. Joaquim Sabino Eleutherio de Sousa, distincto professor do instituto geral de agricultura, e representante de Portugal, no 2.^o congresso internacional de veterinarios, que se reuniu em Vienna de Austria, em agosto de 1865» («A PESTE BOVINA» [trad. port. de João Félix Pereira, in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal, 1865, vol. VIII, p. 516, nota 1] [cons. 2015-09-05]. Disponível online: https://books.google.pt/books?id=ej0iAQAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:ebU5L6Ji900C&hl=pt-PT&sa=X&ei=_o4yVeDxJ8GtsAHT-4DgCA&ved=0CCgQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false).

⁶⁸ «These defendida no dia 26 de outubro de 1866, no instituto geral de agricultura» (PEREIRA, 1888: p. XVI).

tomo VI, pp. 397-406, 424-33, 482-9].

1868

Compendio de geographia commercial e industrial, para uso dos alumnos da 2.^a cadeira da escola do commercio de Lisboa, Typ. de Antonio José Germano.

«Caracter dos doze Cesares, e genero de morte, que tiverão», in *Encyclopedia Popular: leituras amenas apropriadas a todas a edades, sexos estados, profissões e intelligencias*⁶⁹, Lisboa: Typ. Universal de Thomas Quintino Antunes, n.º 13, pp. 20-4, n.º 14, pp. 69-71, n.º 15, pp. 152-7, n.º 16, pp. 202-8.

Almanach da saude, para o anno de 1869, Lisboa, Typ. de António José Germano.

SALDANHA, Duque de, «O natal de Roma»⁷⁰ [trad. port., in *A Nação*, Lisboa: I. H. C. Semmedo, n.º 6249, pp. 1-3]

MILTON, John, «O Paraíso perdido, traduzido do inglez para o portuguez, em verso branco endecasyllabo» [trad. port., in *A Nação*, Lisboa: I. H. Semmedo, anos XXII-XXIII, n.ºs 6258 a 6497⁷¹ [1868-1869].

«Compendio dos principios geraes de economia e legislação rural»⁷² in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, vol. XI, pp. 379-88, 393-401, 425-34, 461-6, 491-7, 517-23, 544-50, 572-6, 606-8, 628-33, 654-5.

1869

História da Grecia, para uso das escolas, Lisboa: Typ. de António José Germano.

⁶⁹ No verbete sobre João José de Sousa Telles, responsável pela *Encyclopedia Popular*, Brito Aranha diz o seguinte acerca desta publicação: «Saiu em fasciculos mensaes, em 16.º de 64 pag. O primeiro appareceu em janeiro ou fevereiro de 1867, e o ultimo em junho ou julho de 1868. Esta publicação contém ao todo 16 fasciculos ou numeros» (SILVA, ARANHA, 1883: p. 292). No último volume de *Encyclopedia Popular*, na contracapa interna, existe um aviso de Sousa Telles: «Para o senhor assignante d' este livrinho pede-se a v. ex.^a o obsequio de mandar quanto antes satisfazer a importancia da assignatura do corrente semestre. Este pedido é urgentissimo». Tendo em conta o aviso, e dado que ficou a meio o projecto de dar a conhecer aos leitores da *Encyclopedia Popular* o «Caracter dos doze Cesares, e genero de morte, que tiverão» (foram apresentados apenas seis Césares, Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero), não é de descartar a hipótese de a referida publicação ter terminado por falta de recursos financeiros.

⁷⁰ «Dissertação academica do senhor marechal duque de Saldanha, embaixador extraordinario de Portugal, junto da sancta sé» (PEREIRA, 1888: p. XVIII).

⁷¹ Este poema foi publicado em folhetim numa periodicidade irregular.

⁷² Trata-se da primeira secção. A segunda secção é o «Compendio dos principios geraes de economia e legislação rural, pelo methodo dialogal», que também apareceu em *O Archivo Rural*, vol. XII.

ULLERSPERGER, J[ohann] B[aptist], «Os pontos capitaes da doutrina sobre a tuberculose pulmonar na actualidade» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, n.º 1, 5.ª série, 17.º ano, tomo VIII, pp. 7-11, 68-72, 117-22, 146-50].

____, «A medicina e os medicos em Portugal» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, n.º 1, 5.ª série, 17.º ano, tomo VIII, pp. 22-7, 47-51, 89-95].

Compendio da historia universal, para uso dos lyceus, Lisboa: António José Germano.

«Compendio dos principios geraes de economia e legislação rural, pelo methodo dialogal», in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, vol. XII, pp. 15-20, 39-50, 66-70, 96-104, 149-55, 179-86, 205-12, 242-5, 260-5, 295-301, 321-4.

COMPENDIO DA HISTORIA MODERNA [trad. port., Lisboa: Typ. de António José Germano]⁷³.

MILTON, John, «O Paraíso perdido, traduzido em prosa, de inglez para portuguez» [trad. port., in *A Nação*, Lisboa: I. H. Semmedo, anos XXIII-XXIV, n.ºs 6505 a 6831⁷⁴ [1869-1870].

TASSO, Torquato, «Quadro da vida pastoril. Traducção, em verso, das primeiras 22 estancias do canto VII do original italiano *Gerusalemme Liberata*» [trad. port., in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, vol. XII, pp. 404-7]⁷⁵.

«Duas palavras sobre a história da agricultura na antiguidade», in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, vol. XII, pp. 432-6, 456-8.

⁷³ Pensa-se que se trata da obra *Epitome da história moderna para uso das aulas, traduzido do inglez*, da qual se retirou a informação quanto ao local e à tipografia. Um exemplar desta obra encontra-se na Biblioteca Nacional, com a cota H.G. 11241 P.

⁷⁴ Este poema foi publicado em folhetim numa periodicidade irregular.

⁷⁵ Esta tradução aparece nos catálogos da obra de João Félix Pereira apensos às suas obras como sendo de 1870, se bem que indique correctamente que foi publicado no vol. XII de *O Archivo Rural*. O mesmo verifica-se para a entrada bibliográfica seguinte. A tradução completa desta tradução surgiu mais tarde, em 1877. Cf. PEREIRA, 1876c: pp. XXV-XXVI.

1870

HESS, Friedrich, «Diagnose da syphilis cerebral»⁷⁶ [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 5.^a série, 18.^o ano, tomo IX, pp. 14-8, 38-43, 60-7, 89-95, 117-23].

ULLERSPERGER, Johann Baptist, «Cartilha hygienica para os cultivadores de arroz e habitantes de terras pantanosas» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 5.^a série, 18.^o ano, tomo IX, pp. 147-55, 174-9, 200-6, 227-36, 268-72, 284-9, 406-11].

Noções elementares de agricultura, para uso dos professores e dos alumnos de instrucção primária, redigidas em conformidade com o programma publicado pelo govêrno, Lisboa: [Tip.] Travessa da Agua de Flor.

«Principios fundamentaes de zootechnia geral», in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. de Thomaz Quintino Antunes, vol. XIII, pp. 85-7, 146-51, 172-4, 197-8, 225-6, 253-4.

1871

WIBMER, Carl, «Estudos sobre a estatistica da cidade de Munich» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 5.^a série, 19.^o ano, tomo X, pp. 9-12, 33-6, 61-7, 118-21, 156-61, 178-81].

KLOPSTOCK, Friedrich Gottlieb, «O Messias, epopeia de Klopstock, traduzida, em prosa, do original allemão para portuguez» [trad. port., in *A Nação*, Lisboa: I. H. Semmedo, anos XXV – XXXIV, n.^{os} 6896 a 11437⁷⁷].

ALVARENGA, Pedro Francisco da Costa, «Juizo critico do dr. J. B. Ullersperger, sobre a memoria do dr. P. F. da Costa Alvarenga: “Estudo sobre as perforações cardiacas e em particular sobre as communicações entre as cavidades direitas e esquerdas do coração, a proposito d’ um caso notavel de tratocardia”» [trad. port. de João Félix Pereira, in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 5.^a série, 19.^o ano, tomo X, pp. 262-73].

⁷⁶ Tese defendida na Universidade de Zurique, em 1868. [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=9spMAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

⁷⁷ Este texto foi publicado em folhetim numa periodicidade irregular entre os números 6896, de 8 de Fevereiro de 1871, e 11437, de 30 de Abril de 1880.

LUDWIG, Christian Gottlieb, «Os effeitos physiologicos da pressão do sangue»⁷⁸ [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 19.º ano, 5.ª série, tomo X, pp. 228-34, 378-80, 570-3, 598-601].

FEDRO, *Traducção de todas as fábulas de Phedro, do original latino para portuguez, para auxílio dos estudantes de latim* [trad. port., Lisboa: Typ. Rua da Vinha].

LAPA, João Ignacio Ferreira (colab.), *Miscellanea Rural*, Lisboa: [s.n.]⁷⁹.

1872

ULLERSPERGER, Johann Baptist «O enxêrto epidermico, novo methodo de curar as úlceras, pelo dr. J. B. Ullersperger» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, [5.ª série, 20.º ano, tomo XI], pp. 150-3, 230-6].

LENDER «Da existencia e tractamento da febre pelo dr. Lender, de Berlin» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, [5.ª série, 20.º ano, tomo XI], pp. 283-7, 312-9, 338-43].

ALVARENGA, Pedro Francisco da Costa, «Précis de thermomètre clinique générale, par le docteur P. F. da Costa Alvarenga, traduit du portugais par le docteur Lucien Papillaud, criticado por J. B. Ullersperger, de Munich» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, [5.ª série, 20.º ano, tomo XI], pp. 206-14]⁸⁰.

EUTRÓPIO, *Resumo da história romana, por Eutrópio, traduzido do original latino para portuguez, para auxílio dos estudantes de latim* [trad. port., Lisboa: Typ. Rua da Vinha].

VIRGÍLIO, *As eclogas* [trad. port., Lisboa: Typ. de Lucas Evangelista Torres (2.ª edição, de 1888)].

1873

Estudo sobre a medição das odes de Horacio, para uso das aulas, Lisboa: Typ. Commercial.

⁷⁸ «Dissertação de concurso, recitada na faculdade de medicina de Leipzig pelo professor C. Ludwig» (PEREIRA, 1888: p. XXIII).

⁷⁹ «Consta da materia comprehendida nos almanachs do lavrador» (PEREIRA, 1876c: p. XXVIII).

⁸⁰ Esta tradução não se encontra indicada no catálogo das obras de João Félix Pereira, apenso às suas obras. Cf. PEREIRA, 1888.

Peculio do orador portuguez, ou collecção de phrases portuguezas, accomodadas a todos os generos de discursos oratorios, precedida das regras prácticas d' êstes discursos, Lisboa: Imp. Commercial.

1874

NIEMEYER, Paul *Compendio de percussão e auscultação pelo dr. Paulo Niemeyer* [trad. port., Lisboa: Imprensa Nacional].

ULLERSPERGER, Johann Baptist «O beriberi, considerado como doença e como epidemia, pelo dr. J. B. Ullersperger» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, [5.^a série, 22.^o ano, tomo XIII], pp. 105-11].

WINCKEL «Applicação da dedaleira nas puerperas, pelo dr. Winckel» [trad. port., in *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, [5.^a série, 22.^o ano, tomo XIII], pp. 503-7]⁸¹.

1875

VIRGÍLIO, *As Georgicas, traduzidas do original, em verso endecasyllabo, com anotações exclusivamente agronomicas e zootechnicas* [trad. port., Lisboa: Typ. Universal].

Selecta portugueza, antiga e moderna, em prosa e em verso, para uso das escolas, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo.

Livro de leitura, para as escolas rurais, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo.

REICH, Eduard *Hygiene social* [trad. port., Lisboa: Imp. Nacional]⁸².

Grammatica ingleza, para uso dos portuguezes já versados na de seu idioma, Porto: Typ. Rua do Crucifixo.

Discurso, que no conselho de guerra, onde foi julgado o general Antonio Pedro de Azevedo, devia ser proferido por João Felix Pereira, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo.

⁸¹ No catálogo apenso à maioria das suas obras, não aparece indicado que este texto tenha sido publicado na *Gazeta Medica de Lisboa*. Pelo contrário, aparece como sendo uma monografia, sobre a qual não se encontrou qualquer informação. Cf. PEREIRA, 1888: p. XXV.

⁸² Esta obra foi igualmente publicada na *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1875, folha 2.^a, pp. 1, 17, 33, 49, 65, 81, 97, 101, 113, 129, 145, 177.

Conselho de guerra no castello de S. Jorge. Julgamento do processo intentado por João Felix Pereira contra o general de brigada Antonio Pedro de Azevedo, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo.

1876

ULLERSPERGER, Johann Baptist, *Urna ou cova? qual é mais util para a humanidade? pelo dr. Ullersperger* [trad. port., Lisboa: Imp. Nacional]⁸³.

A companhia do olho vivo, drama original, em quatro actos e um prologo, Lisboa: Imp. na Rua do Crucifixo.

HESÍODO, *As obras e os dias, traducção do original grego em verso endecasyllabo: apreciação d' êste poema de Hesiodo, como livro de agricultura, com a traducção dos versos, que se referem a esta sciencia* [trad. port., Lisboa: Typ. de Jornal Paiz]⁸⁴.

O general Antonio Pedro de Azevedo ou Conselhos aos paes de familia, 1.^a parte, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo⁸⁵.

1877

TASSO, Torquato, *A Jerusalem Libertada, poema epico de Torquato Tasso, traduzido do italiano para portuguez, em verso endecasyllabo, estancia por estancia* [trad. port., Lisboa: Typ. Commercial].

*«Compendio de principios geraes de economia politica», in *Gazeta Ecclesiastica: folha exclusivamente dedicada a advogar os interesses do clero portuguez*, Lisboa: [s.n.]⁸⁶.

⁸³ Esta obra foi igualmente publicada na *Gazeta Medica de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1875, folha 2.^a, pp. 1, 17, 33.

⁸⁴ Esta obra foi igualmente publicada no *Archivo Rural* de 1876. Não se teve acesso a este volume do periódico, pelo que não é possível indicar as páginas em que o poema se encontra.

⁸⁵ Segundo o catálogo das obras de João Félix Pereira, esta obra não foi posta à venda. Cf. PEREIRA, 1888: p. XXVII.

⁸⁶ «Este compendio, de que se publicou uma parte na *Gazeta Ecclesiastica*, não se completou, por se ter suspenso a publicação d' este jornal» (*idem*: p. XXVIII). Não se conseguiu ter acesso ao volume de 1877.

1878

VOLTAIRE (pseud.), *A Henriquiada, poema epico de Voltaire, traduzido do francez para portuguez, em verso endecasyllabo* [trad. port., Lisboa: Imprensa da Bibliotheca Universal].

1879

REICH, Eduard *Hygiene moral pelo dr. Eduardo Reich* [trad. port., Lisboa: Imp. Nacional]⁸⁷.

VIRGÍLIO, *Eneida* [trad. port., Lisboa: Typ. da Bibliotheca Nacional].

Carta sobre a orthographia portugueza, dirigida ao sr. dr. José Barbosa Leitão, Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal.

NOTHNAGEL, Hermann, *Tractado de materia medica e de therapeutica* [trad. port., Lisboa: Imprensa Nacional]⁸⁸.

1880

Vocabulario usual das linguas portugueza e ingleza, precedido d' um resumo da grammatica ingleza, e seguido d' um amplo glossario dos termos commerciaes, Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal.

Os Lusíadas do seculo XIX: poema dedicado ao terceiro centenario da morte de Luiz de Camões, Lisboa: Tip. da Bibliotheca Universal.

A primeira viagem de Vasco da Gama á India, em verso heroico, Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal.

*REICH, Eduard *Hygiene dietetica pelo dr. Eduardo Reich* [trad. port.]⁸⁹.

«Ensaio d' uma Flora do Concelho dos Olivaes: ou Enumeração das plantas, que espontaneamente vegetão neste concelho, e das que são mais cultivadas em seus campos, hortas, pomares, jardins, etc.», in *Jornal official de agricultura artes e sciencias*

⁸⁷ Esta obra foi igualmente publicada na *Gazeta Medica de Lisboa*, 1879. Não se teve acesso ao volume do ano referido.

⁸⁸ Esta obra foi igualmente publicada na *Gazeta Medica de Lisboa*, 1879. Não se teve acesso ao volume do ano referido.

⁸⁹ Esta obra foi igualmente publicada na *Gazeta Medica de Lisboa*, 1880. Não se teve acesso ao volume do ano referido.

correlativas, Lisboa: Imprensa Nacional, 1880, vol. III, pp. 475-90, 615-30; 1881, vol. IV, pp. 59-74, 147-62, 367-82.

1881

ELLIS, William, *Elementos de economia politica para uso dos lyceus* [trad. port., Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal].

1882

Compendio de economia politica, adaptado exactamente ao programma dos lyceus, Lisboa: Typ. da Biblioteca Universal.

1885

Os synonymos e homonymos da lingua portugueza, 2 vols., Lisboa: Typ. Lucas Evangelista Torres.

KRILOFF, Ivan, *Fabulas Russas da collecção de J. A. Kriloff* [trad. port., Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal].

1887

O que vale a medicina ou Dialogo entre dois medicos, um allopatha, outro homeopatha, sobre a inutilidade da medicina e vantagens da hygiene, 2 vols., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres.

1888

**Additamento ás 12.^a e 13.^a edições do compendio de geographia para rigorosissimamente adaptal-as ao respectivo programma.*

Vocabulario sonico ou enumeração das principaes palavras portuguezas, escriptas segundo as regras da orthographia phonetica, precedido da refutação da ortographia etymologica, e seguido d' um episodio dos Lusiadas, escripto sonicamente, Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres.

*CÉSAR, Júlio, *A guerra das Gallias, de C. J. Cesar [De Bello Gallico] liv. I e II, trad. do latim, para auxilio dos estudantes de latinidade* [trad. port.].

CÍCERO, *Texto, Traducção e analyse da Oração de Cicero pro Archia poeta* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

*HORÁCIO, *Odes de Horacio, trad. em prosa, para auxilio dos estudantes de latinidade* [trad. port.].

____, *Odes de Horacio, trad. em verso, para uso dos estudantes de latinidade* [trad. port.].

1889

CÍCERO, *Cartas de Cicero (Ex. M. Tulli Ciceronis ad familiares) trad. do latim* [trad. port., Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres].

*SEVERO, Sulpício, *Historia Sagrada, de Sulpicio Severo (Ex Sulpicii Severi sacrae historiae) trad. do latim, para auxilio dos estudantes de latim* [trad. port.].

SALÚSTIO, *A Conspiração de Catilina, por Sallustio (Caii Crispi Sallusti bellum catilinarium) trad. do latim, para uso dos estudantes de latinidade* [trad. port., Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres].

*JUSTINO, *Historia geral, de Justino (Ex justini historiis) Liv. I a VII e XLIV, trad. do latim, para auxilio dos estudantes de latinidade* [trad. port.].

REIFF, Charles Philipp, *Epitome de grammatica geral, de Ch. Ph. Reiff, trad. do russo, com muitas alterações, para adoptal-o ao uso das nossas escolas* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

CÍCERO, SALÚSTIO, CORNÉLIO, *et. al., Collecção de phrases latinas, trad. em portuguez, extrahidas principalmente das obras de Cicero, Sallustio, Cornelio, Cesar, Virgilio, Horacio, Ovidio, Phedro, Sulpicio, Eutropio e Justino* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

SHAKESPEARE, William, *Hamlet, tragedia de Shakespeare, trad. do original* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

LA FONTAINE, Jean de, *41 fabulas* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

1890

ESOPO, *113 fabulas de Esopo* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

*OVÍDIO, *Arte de amar, de Ovidio, trad. em prosa* [trad. port.].

____, *Arte de amar, de Ovidio, trad. em verso* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

HOMERO, *A Iliada* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

PÍNDARO, *Odes olympicas de Pindaro* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

Vocabulario usual das linguas portugueza e italiana: precedido d' um resumo de grammatica italiana e da biographia do notavel agronomo italiano Iginio Cagliardi, Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres.

Primeiras linhas de grammatica italiana, Lisboa: Typ. de Lucas Evangelista Torres.

1891

HERÓDOTO, *Vida de Homero* [trad. port., Lisboa: Imp. de Lucas Evangelista Torres].

Anexo B: Manuscritos de João Félix Pereira na Área de Reservados da BNP

Na Área de Reservados da BNP estão guardados 45 manuscritos, sendo que a maioria dos quais tem a indicação de se tratar de originais para impressão.

A lista seguinte foi elaborada com base nos verbetes encontrados na base de dados analógica dos manuscritos guardados na Área de Reservados da BNP. As entradas foram dispostas por ordem alfabética de autor (quando expressamente referido) e de título. Cada entrada é constituída pela cota do manuscrito, o nome do autor — quando não se tratar de um original de João Félix Pereira —, o título e a data, quando indicado. Não será indicado o local de produção, pois a este respeito não há informação para qualquer um dos títulos. Os nomes dos autores que não estejam contemplados nos verbetes serão adicionados às entradas entre parênteses curvos. A abreviatura «or. imp.» a seguir à data indica que se trata de um original para impressão, de acordo com a informação disponibilizada pelos verbetes da base de dados.

COD. 6877 *Algumas palavras sôbre a grande e pequena cultura, these defendida no dia 26 de outubro de 1866 no Instituto Geral d'Agricultura.*

COD. 6876 *O arroz e os arrozaes, licção recitada na aula de Agricultura geral do Instituto Agricola no dia 29 de março de 1865.*

COD. 449 *Assignatura*, 1869.

COD. 6888 *Carta sobre a orthographia portugueza, dirigida ao Snr. Dr. José Barbosa Leão.*

COD. 6880 *Catechismo ou Compendio de doutrina christan*⁹⁰.

COD. 7609 CÉSAR, Júlio, *A guerra das Gallias, de C. J. Cesar*, or. imp..

COD. 7604 CÍCERO, *Cartas de Cicero. Trad. portug. das que se encontram na Selecta segunda*, or. imp..

COD. 7601 CÍCERO, *Texto, traducção e analyse da Oração de Cicero pro Archia poeta*, or. imp..

⁹⁰ «Tem dentro a aprovação do patriarcha de 20 de novembro de 1858, fundada no informe de José Ignacio Roquette».

COD. 7870 (CÍCERO, SALÚSTIO, VIRGÍLIO, *et. al.*), *Collecção de phrases latinas, trad. em portuguez. Extrahidas principalmente das Obras de Cicero, Salustio, Virgilio, Horacio, Ovidio etc., or. imp..*

COD. 6874 *Colonias fundadas pelos inglezes, francezes e demais nações do norte da Europa, rivalidades coloniaes e guerras maritimas, a que deram lugar no seculo 18.º tanto estas rivalidades como as pretenções insolitas de supremacia maritima e senhorio dos mares, 2.º lição do concurso para a cadeira de direito maritimo internacional da escola naval, recitado no dia 27 de setembro de 1864.*

COD. 6871 *A Companhia do olho vivo. Drama original em 4 actos, e 1 prologo*⁹¹.

COD. 7872 *Compendio de geographia. Additamento á 13.ª edição, or. imp..*

COD. 7610 *Diccionario de synonymos de lingua portugueza, or. imp..*

COD. 6875 *Direito de visita. Em que casos porque modo póde ser exercido? Poderá exercer-se sobre navios comboiados? Em que casos e circunstancias podem ser visitados os navios suspeitos de se empregarem no trafico da escravatura? Direito convencional sobre a visita e captura d' estes navios. Primeira licção do concurso para a cadeira de direito maritimo internacional da Escola Naval, recitada no dia 21 de setembro de 1864.*

COD. 6884 *Discurso que no conselho de guerra onde foi julgado o general Antonio Pedro de Azevedo devia ser proferido por João Felix Pereira.*

COD. 6865 *O general Antonio Pedro d' Azevedo ou conselhos aos paes de familia, 1876.*

COD. 6889 *Grammatica ingleza para uso dos portuguezes já versados na do seu idioma.*

COD. 7873 *Grammatica italiana, or. imp..*

COD. 8223 HERÓDOTO, *Vida de Homero. Trad. do grego.*

COD. 6866 *Historia da idade media.*

COD. 8222 HOMERO, *A Iliada, de Homero traduzida do original.*

COD. 7876 HORÁCIO, *Odes de Horacio. Trad. portugueza, em prosa*⁹², or. imp..

⁹¹ No verbete encontra-se a indicação de que «está impresso».

⁹² No verbete encontrava-se indicado que o manuscrito com esta cota era, não as *Odes de Horacio, trad. em prosa*, mas as *Odes de Horacio, trad. em verso*. Ambos os livros foram publicados em 1888. Descoberto

COD. 6870 *Introducção á história natural.*

COD. 7600 JUSTINO, *Historia geral, de Justino. Trad portuguesa, or. imp..*

COD. 7019 KRILOFF, Ivan, *Fabulas russas traduzidas.*

COD. 7602 LA FONTAINE, *Fabulas (41) de Lafontaine*⁹³. *Trad. em prosa e versos portugueses, or. imp..*

COD. 7868 LA FONTAINE⁹⁴, *Fabulas de Lafontaine, traduzidas em portuguez.*

COD. 6890 *Os Lusíadas do seculo XIX, 1880.*

COD. 7611 NEPOTE, Cornelio, *Vidas dos capitães illustres, por Cornelio Nepote. Trad. portuguesa, or. impr..*

COD. 8224 *Novo additamento do Compendio de Geographia, or. imp..*

COD. 7603 OVÍDIO, *Arte de amar, de Ovidio. Trad. em versos portugueses, or. imp..*

COD. 7877 OVÍDIO, *Arte de amar, de Ovidio. Trad. portug., em prosa, 1889, or. imp..*

COD. 7874 PÍNDARO, *Odes olympicas, trad. do grego.*

COD. 6887 *Primeira viagem de Vasco da Gama ao descobrimento da India. Em verso heroico.*

COD. 6872 *Principios de chymica.*

COD. 7018 *O que vale a medicina, ou dialogo entre dois medicos, um allopatha, ou[tro] homeopatha, sobre a inutilidade da medicina e vantagens da Hygiene, 2 tomos.*

COD. 8225 REIFF, C[harles] Ph[ilipp], *Grammatica geral. Traduzida do russo, or. imp..*

COD. 7605 SALÚSTIO, *Conspiração de Catilina, de Sallustio. Trad. portuguesa, or. imp..*

o erro, procedeu-se à sua correcção. Agradecemos a Dra. Ana Cristina S. Silva pela colaboração e disponibilidade para a resolução desta correcção.

⁹³ Dentro deste manuscrito encontrou-se um cartão-de-visita de João Félix Pereira com o seguinte escrito: «off a Bibliotheca Nacional de Lisboa». Na folha de rosto do manuscrito está também indicado, com mão alógrafa, que foi oferecido à instituição indicada.

⁹⁴ No cabeçalho da folha de rosto deste manuscrito encontra-se escrito «Lafontaine», a tinta mais escura. Três linhas mais abaixo, contudo, encontra-se escrito «Fab. nem de Esopo nem de Phedro, mas de Pilpai». Uma observação preliminar do manuscrito revelou que, na primeira página de cada fábula, na margem esquerda, era escrito um nome, presumivelmente o do autor da fábula. Entre os nomes que se pôde ler encontram-se o de Pilpay (variante na folha de rosto) e o de Ghengis Kahn.

COD. 7606 SHAKESPEARE, William, *Hamlet, tragedia de Shakespeare. Traducção portuguesa*, or. imp..

COD. 6868 *Selecta Portugueza, antiga e moderna, em prosa e em verso, para uso das escolas.*

COD. 7607 SEVERO, Sulpício, *Historia Sagrada, de Sulpicio Severo. Trad. portugueza*, or. imp..

COD. 7875 VIRGÍLIO, *Eclogas de Virgilio. Trad. portug., em verso*, or. imp..

COD. 7871 *Vocabulario das linguas portugueza e italiana*, or. imp..

COD. 7599 *Vocabulario sonico*, or. imp..

COD. 6891 *Vocabulario usual das linguas portugueza e ingleza, precedido de um resumo da grammatica ingleza e seguido de um glossario dos termos commerciaes*, 1880.

Anexo C: Manuscritos da Coleção N32 da BNP

A Coleção João Félix Pereira (N32) é composta por 121 documentos da sua autoria, para além de dois impressos (N32/51 e N32/53) e por três documentos de terceiros (N32/124, N32/125 e N32/126). Alguns desses documentos, como a *Selecta portugueza*, são inéditos e os manuscritos relativos a textos publicados são ínfimos, tendo em conta o grande número de monografias publicadas que atrás pudemos ver. Em *As Mãos da Escrita* lê-se: «A Coleção (13 ex.: 126 docs.) foi transferida da Divisão dos Reservados para o ACPC em 25 de Julho de 1991. Não foi encontrado qualquer registo que permita esclarecer a data e as condições em que deu entrada n BNP» (BNP, 2007: p. 116).

A seguinte lista dos documentos da Coleção João Félix Pereira é extraída do inventário da coleção, realizado em 1996. A cota dos documentos antecederá cada entrada, em negrito. Os títulos que se encontram entre parênteses rectos, tal como se encontram no inventário, são títulos que não terão sido dados pelo autor. Será apenas dada informação elementar para a identificação de cada documento, nomeadamente o autor original (quando indicado no inventário), o título e a data (embora a data seja a maior parte das vezes desconhecida, enquanto que do local não há qualquer informação para nenhuma das entradas, pelo que me abstive aqui de dar essa indicação). Algumas anotações que se encontram no inventário foram citadas em nota de rodapé, para o leitor ter uma informação mais completa acerca da natureza de cada documento. Para um interesse mais aprofundado pela Coleção João Félix Pereira, é indispensável a consulta do inventário, disponível na Área de Reservados da Biblioteca Nacional.

1.1. Originais do Autor

1.1.1. Dicionários e Gramáticas

N31/1 [Dicionário alemão – português], s.d.

N32/2-4 [Dicionário português – alemão], s.d.⁹⁵.

N32/5 [Frases em inglês], s.d.

⁹⁵ Cf. nota ao N32/2-4: «Três conjuntos: um com ca de 1504 f. (p. numeradas), tendo junto jornal e frag. de jornal com nota aut.: “Dic. Alemão”; dois outros conjuntos, com suportes diferentes, ambos ref. à letra A (um com 24 f. e outro com 5 f.» (BN, 1996: p. 7).

N32/6 Gramática da língua holandesa, s.d.

N32/7 Vocabulário anglo-russo, s.d.

N32/8 [Vocabulário de frases francês – húngaro e português – húngaro], s.d.

N32/9-10 Vocabulário português – inglês, s.d.⁹⁶.

N32/11-12 Vocabulário português – italiano, 1886, 1887⁹⁷.

N32/13 [Vocabulário português – grego – latim – espanhol – italiano – francês – inglês – alemão], s.d.

N32/14 Vocabulário português – húngaro – alemão, s.d.

N32/15 Vocabulário português – húngaro, s.d.

N32/16 Vocabulário usual das línguas portugueza e franceza precedido d' um resumo da grammatica franceza e seguido d' um glossário de termos commerciaes, s.d.

N32/17 Vocabulário vulgar, em 12 línguas, portugueza, latina, hespanhola, italiana, franceza, ingleza, alleman, hollandesa, dinamarqueza, sueca e russa, s.d.

1.1.1. História

N32/18 [Apontamentos de História de Portugal], s.d.

N32/19 [Apontamentos para um compêndio de mitologia], s.d.

N32/20-23 [Ctesias, Herodoto, Xenofonte], s.d.⁹⁸.

N32/24-25 [História de Portugal], s.d.⁹⁹.

N32/26 Oração inaugural [do Curso de Geografia e História, professada no Liceu Nacional de Lisboa], [1849-1850].

⁹⁶ Cf. nota ao N32/9-10: «Dois conjuntos org. pelo suporte: letras A – F (106 f.); letra P (6 f.)» (BN, 1996: p. 7).

⁹⁷ Cf. nota ao N32/11-12: Dois conjuntos (letras A – C), um com 128 f. (1886), outro com 86 f. (1887)» (*idem*: p. 8).

⁹⁸ Cf. nota ao N32/20-23: «Inclui: Ctesias (1 f.), “Ctesias: o que diz respeito à História de Cyro” (5 f.); “[Sobre Herodoto]” (4 f.); “[Synopse comparativa de Cyro por Xenofonte, Herodoto, Ctesias]” (4 f.). (...)» (*idem*: p. 9).

⁹⁹ Cf. nota ao N32/24-25: «Duas versões da trad. para alemão do *Compendio de Historia de Portugal* de J.F.P. (Lisboa: Imprensa commercial, 1853), de que foi publ. a trad. francesa e inglesa» (*idem*).

N32/27 [Sobre Heródoto], s.d.

N32/28-29 A sociedade em Roma, s.d.¹⁰⁰.

1.1.1. Administração Pública

N32/30-35 Compêndio dos Princípios Geraes da Administração Pública, [ca 1866]¹⁰¹.

1.1.2. Agricultura

N32/36-38 [Agricultura: Fichas para almanaque], s.d.

N32/39 Agrologia, s.d.

N32/40-44 Compêndio de economia rural, s.d.¹⁰².

N32/C45 [Geologia agrícola], s.d.

N32/46-49 [Indústrias agrícolas], s.d.

N32/50-52 Mechanica agrícola, s.d.¹⁰³.

N32/53-55 [Sobre agricultura], ca 1870¹⁰⁴.

¹⁰⁰ Cf. nota ao N32/28-29: «Parte deste conjunto constitui o 29.º cap., intitulado “A escravidão em Roma”, da obra de J. F. P. *História de Roma para uso das escolas* (Lisboa: Typ. da Viuva Costa, 1867). Tem junto f. de jornal deteriorada, com tit. aut.: “A sociedade em Roma”, que funcionava como capa» (BN, 1996: p. 9).

¹⁰¹ Cf. nota ao N32/30-35: «F. com v.d. Inclui tb.: rec. do *Jornal do Commercio* (20 frag.), cujo tema é o da Parte II do Compêndio acima ref.; “Programma para o concurso das cadeiras de princípios geraes da administração pública” (rec. de *Boletim do Clero e do Professorado*, [1866]; “Compêndio de Princípios geraes da Administração pública em perguntas e respostas” (39 f.). Tem junto frag. de f. com nota ms.: “Administração Pública” (*idem*).

¹⁰² Cf. nota ao N32/40-44: «Inclui índice da obra. F. de v.d. Tem junto 2 f. imp. (pp. 34-36) e frag. de f. com nota ms.: “Economia rural” (*idem*, p. 10).

¹⁰³ Cf. nota ao N32/50-52: «Tem junto duas brochuras: *Descrição do carro e do arado, premiados no concurso de 3 de Maio de 1868, mandada distribuir gratuitamente pela REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUEZA*, Lisboa: Typ. Franco-Portugueza, 1868 (9 f.), com nota aut. e nota ms.: “para o Dr. J. Felix Pereira”; *Charrue Portugaise: modification réalisée par A.L. Marques Ferreira*, Lisboa: Typ. de Coelho & Irmão, 1867 (8 f.); uma f. com nota aut.» (*idem*).

¹⁰⁴ Cf. nota ao N32/53-55: «3 conjuntos, um com 15 f., outro com 11 f. e outro com 74 (“Coprologia”). Tem junto dois jornais (“Jornal do Commercio” de 1870 e 1871), que envolviam os dois últimos conjuntos, um deles com tit. aut. “Coprologia”, frag. de f. com nota ms. “Agricultura” e um outro frag. do *Jornal do Commercio*» (*idem*).

1.1.1. Ciências Naturais

N32/56 Flora do Concelho dos Olivais ou Enumeração das plantas que espontaneamente vegetão neste concelho e das que são mais cultivadas em seos campos, hortas, jardins, pomares, s.d.

N32/57 [Ciências Naturais], s.d.

1.1.2. Vária

N32/58-65 [Assuntos vários], s.d.¹⁰⁵.

N32/66 Apontamentos para um compêndio de arte poética, s.d.

N32/67 [A Companhia do Olho Vivo], [ante 1876].

N32/68-75 [Fichas para almanaque], s.d.¹⁰⁶.

N32/76 [Filosofia], s.d.

N32/77 [Geografia física], 1844.

N32/78 [Lista de palavras em português com a sua correspondência em estenografia], s.d.

N32/79 [Matemática], s.d.

N32/80-85 [Notas soltas], s.d.¹⁰⁷.

N32/86 Polícia sanitária dos institutos e moradas, s.d.

N32/87 Sigillographia. Diplomatica., s.d.

N32/88 [Vária: Jornais], 1867, 1874, 1890.

¹⁰⁵ Cf. nota ao N32/58-65: «Tem junto frag. de f. com nota ms.: “Assuntos vários”. Inclui, entre outros, textos sobre História Sagrada, Comércio, Geografia e Portugal» (BN, 1996: p. 11).

¹⁰⁶ Cf. nota ao N32/68-75: «Vários conjuntos, um deles org. de acordo com plano anexo (79 f.). Temas variados: medicina, agricultura, origem de palavras, etc.» (*idem*: p. 11).

¹⁰⁷ Cf. nota ao N32/80-85: «Inclui: texto em húngaro (“Az számár és az ló”, 19 f.); várias folhas e alguns textos cujo conteúdo não foi identificado. Tem junto um jornal e uma capa com nota ms.: “Papéis vários”» (*idem*: p. 12).

1.1.Traduições e adaptações

1.1.1. Literatura

N32/89 ERCILLA, D. Alonso de, Araucana, s.d.

N32/90 [ERCILLA, D. Alonso de, Araucana: apontamentos para a sua tradução], s.d.

N32/91 ESOPHO, Fábulas, s.d.

N32/92 [Fábulas], s.d.

N32/93 [Histórias], s.d.

N32/94 KRILOFF, Fábulas, s.d.

N32/95 KRILOFF, A fortuna: Imitação d' uma Fábula Russa de Kriloff, s.d.

N32/96-97 LA FONTAINE, Jean de, [41 Fábulas], 1885-1887.

N32/98 JEAN PAUL (pseud.), FORSTER, Jean Reinhold, BUCH, Leopold, *et. al.*, Selecta portuguesa constante da tradução de trechos dos melhores escritores alemães, s.d.

N32/99 HOMERO, Ilíada, s.d.¹⁰⁸.

N32/100 HOMERO, Ilíada, 1881¹⁰⁹.

N32/101 HOMERO, Odisseia, s.d.

N32/102 VIRGÍLIO, Éclogas, s.d.¹¹⁰.

1.1.2. História

N32/103 DEMÓSTENES, [Primeira Olintiana], s.d.¹¹¹.

N32/104 HERODOTO, Livro 1.º Clio, s.d.

N32/105 CHATEAUBRIAND, História de França, s.d.

N32/106 PLUTARCO, Preceitos do Casamento, 1882.

¹⁰⁸ Cf. nota ao N32/99: «Tem junto f. com nota aut.: “Os primeiros 11 cantos, traduzidos do original grego, em verso endecassylabo”. Tem junto imp.» (BN, 1996: p. 13).

¹⁰⁹ Cf. nota ao N32/100: «Versão incompleta riscada» (*idem*).

¹¹⁰ Cf. nota ao N32/102: «Tradução da 8.ª, 9.ª 10.ª éclogas» (*idem*: p. 14).

¹¹¹ Cf. nota ao N32/103: «Texto incompleto» (*idem*).

N32/107 [Primeiro Livro do Pentateuco, o do Génese], s.d.¹¹².

N32/ 108 LUCIANO DE SAMOSATA, Alguns diálogos, s.d.

N32/109 TITO LÍVIO, [História romana]: Livros 1.º, 2.º e parte do 3.º, s.d.

N32/110 XENOFONTE, Apologia de Socrates, deduzida principalmente do que Socrates disse perante os Juizes, s.d.

1.1.1. Economia

N32/111-113 [Compêndio de Princípios Geraes de Economia Política], s.d.¹¹³.

N32/114-119 [Compêndio de Princípios Geraes de Economia e Legislação Industrial: I], s.d.¹¹⁴.

N32/120 [Compêndio de Princípios Geraes de Economia e Legislação Industrial: II], s.d.¹¹⁵.

N32/121 GARNIER, Compêndio de Economia Política, s.d.

N32/122 ELLIS, William, Primeiras linhas de Economia social, [1867?].

1.1.2. Mecânica

N32/123 Curso elementar de Mecânica theórica e applicada, s.d.

¹¹² Cf. nota ao N32/107: «Tradução portuguesa e transcrição em caracteres romanos do original hebraico» (BN, 1996: p. 14).

¹¹³ Cf. nota ao N32/111-113: «P. numeradas. F. com v.d. Provavelmente versão do *Compêndio de Economia Política, adaptado exactamente ao programa dos lyceus* de J.F.P. (Lisboa: Typ. da Bibliotheca Universal, 1882). (...) Inclui tb.: “Programma para o concurso das cadeiras de princípios geraes de economia política” (4 f., 1 rec. do *Boletim do Clero e Professorado*, de 1866), 1 rec. de *A B[atalha?]* de 1867: “Actos officiaes: Obras Publicas, Commercio e Industria”); “O mesmo Compêndio de principios geraes de economia política, reduzido a perguntas e respostas” (35 f.)» (*idem*: p. 15).

¹¹⁴ Cf. nota ao N32/114-119: «Inclui tb.: “Programma para o concurso dos compêndios de economia e legislação industrial” (3 f., 1 rec. do *Boletim do Clero e do Professorado* de 1866); “O mesmo Compêndio de princípios geraes de economia e legislação industrial, reduzido a perguntas e respostas” (21 f.). (...)» (*idem*).

¹¹⁵ Cf. nota ao N32/120: «Inclui tb.: “Programma para o concurso dos compêndios de economia e legislação industrial” (2 f.); “Compêndio de princípios geraes de economia e legislação industrial em perguntas e respostas” (48 f.) (*idem*).

Referências bibliográficas

1. Manuscritos

- **Colecção N32 da BNP**

BNP, N32/19, *Apontamentos para um compêndio de mitologia*, s.d.

BNP, N32/31, *Compêndio dos Princípios Geraes da Administração Pública*, ca. 1866.

BNP, N32/98, *Selecta portugueza constante da traducção de trechos dos melhores escriptores allemães*, trad., s.d.

BNP, N32/99, *Iliada*, trad., s.d.

BNP, N32/100, *Iliada*, trad., 1881.

- **Área de Reservados da BNP**

BNP, COD. 8222, *Iliada*, trad., s.d.

BNP, COD. 8224, *Novo additamento do Compendio de Geographia*, s.d.

2. Impressos

[«A PESTE BOVINA», trad. port. de João Félix Pereira, in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal, 1865, vol. VIII, pp. 516-21, 569-72, 626-7, 1866, vol. IX, pp. 141-4, 169-72]. [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=ej0iAQAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:ebU5L6Ji900C&hl=pt-PT&sa=X&ei=_o4yVeDxJ8GtsAHT-4DgCA&ved=0CCgQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false.

ADELUNG, Johann Christoph, *Grammatisch-kritisches Wörterbuch, mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen*, Leipzig: bey Breitkopf und Härtel, 1798, Dritter Theil, Spalte 1271 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://www.gasl.org/refbib/Adelung__Woerterbuch_M_Scr.pdf.

ARNDT, Ernst Moritz, *Märchen und Jugenderinnerungen*, Erster Theil, Zweite Ausgabe, Berlin: Druck und Verlag von G[eorg] Reimer, 1842 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://books.google.pt/books?id=_XoHAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Ernst+Arndt&hl=pt-PT&sa=X&ei=apt_U526H6-S7AaCwIGgDQ&ved=0CDAQ6AE

wAA#v=onepage&q=Ernst%20Arndt&f=false.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, vol. VII, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://archive.org/stream/diccionariobibl06blakgoog#page/n458/mode/2up>.

BN, *Colecção João Felix Pereira (N32)* (Inventário), Lisboa: Biblioteca Nacional, Arquivo de Literatura Portuguesa Contemporânea, 1996.

BNP, *As mãos da escrita: 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2007.

CAMPOS, Mauricio da Costa, *Vocabulario marujo: ou, Conhecimento de todos os cabos necessarios ao navio; do seu poliame e de todos os termos marujaes*, Rio de Janeiro: Officina de Silva Porto e Companhia, 1823 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=7YUCAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

CASTELO BRANCO, Camilo, *O Carrasco de Victor Hugo José Alves*, Porto, Braga: Livr. Internacional de Ernesto Chadron, 1872 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=kCkRAQAAMAAJ&pg=PA86&lpg=PA86&dq=O+Carrasco+de+Victor+Hugo+Jos%C3%A9+Alves&source=bl&ots=6dBeTDmgVb&sig=ivlbglpWEhrHdJCCdY3b4EPGfkE&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CFoQ6AEwDWoVChMI1sHe7bXfxgIVxdYeCh1GIQxr#v=onepage&q=O%20Carrasco%20de%20Victor%20Hugo%20Jos%C3%A9%20Alves&f=false>.

____, «O filho natural», 1.^a parte, in *Novelas do Minho*, 1.^o volume, Porto: Lello & Irmão Editores, 1980.

____, *Amor de Perdição*, edição crítica e genética de Ivo Castro, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

Conselho de guerra no castello de S. Jorge. Julgamento do processo intentado por João Felix Pereira contra o general de brigada António Pedro de Azevedo, Lisboa: Typ. Rua do Crucifixo, 1875.

EUTRÓPIO, *Resumo da história romana, por Eutrópio, traduzido do original latino para portuguez, para auxílio dos estudantes de latim* [trad. port. de João Félix Pereira, 2.^a edição, Lisboa: Typ. Rua da Vinha, 1878 (1872)].

FIRMINO, Jessica Fontes, «A gênese de uma tradução de Camilo Castelo Branco: História de Gabriel Malagrida», Dissertação de mestrado em Crítica Textual, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10142/1/ulfl148004_tm.pdf.

FORSTER, Georg, *Johann Reinhold Forster's [...] Reise um die Welt während den Jahren 1772 bis 1775*, Erster Band, Haude und Spener: Berlin, 1778 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://www.deutschestextarchiv.de/book/view/forster_reise01_1778?p=12.

GRÉSILLON, Almuth, *Eléments de critique génétique: lire les manuscrits modernes*, Paris: Presses Universitaires de France, 1994, [trad. bras. de Cristina de Campos Velho Birck et al., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007].

GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm, *Deutsches Wörterbuch* [em linha] [cons. 2015-09-08]. Disponível na Internet: <http://woerterbuchnetz.de/DWB/>.

HERDER, Johann Gottfried von, *Zerstreute Blätter*, Dritte Sammlung, Gotha: bey Carl Wilhelm Ettinger, 1787 [cons. 2015-09-06]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=BqMTAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Abraham&f=false.

HERÓDOTO, *As expedições de Dario e Xerxes contra a Grécia* [trad. port. de João Félix Pereira, Lisboa: Typ. de L. C. da Cunha, 1844].

_____, *Primeiro livro da história dos gregos e dos persas* [trad. port. de João Félix Pereira, Lisboa: Typ. de José da Costa, 1859].

HESS, Friedrich, *Zur Diagnose der Hirnsyphilis*, Zürich: Druck von J. Herzog, 1868 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=9spMAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

KOTZEBUE, August von, *Kleine gesammelte Schriften*, Zweiter Band, Reval und Leipzig, bey Christian von Glehn und in Commission by Paul Gotthelf Kummer, 1788 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=ZyY-AAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Kleine+gesammelte+Schriften,+1788&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMIyuW6x9vTxwIVAYssCh1LpwK_#v=onepage&q=

Kleine%20gesammelte%20Schriften%2C%201788&f=false.

KRUMMACHER, Friedrich Adolph (KRUMMACHER I), *Parabeln, oder Gleichnisse aus der Natur gezogen, mit anmuthigen Erzählungen und lehrreichen Bildern geziert*, Erstes Bändchen, Bregenz am Bodensee: gedruckt bey Joseph Brentano, 1810 [cons. 2015-09-06]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=dMVaAAAACAAJ&printsec=frontcover&dq=Krummacher+Parabeln+1810&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCAQ6AEwAGoVChMIharv4oPixwIVCbGUCH2PiwVN#v=onepage&q=Krummacher%20Parabeln%201810&f=false>.

____ (KRUMMACHER II), *Parabeln, oder Gleichnisse aus der Natur gezogen, mit anmuthigen Erzählungen und lehrreichen Bildern geziert*, Zweytes Bändchen, Bregenz am Bodensee: gedruckt bey Joseph Brentano, 1810 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=gMVaAAAACAAJ&pg=PA53&dq=editions:jYvHA2GcqdwC&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CC4Q6AEwAmoVChMItNLYy4TixwIVA9UUCH1rIgJS#v=onepage&q&f=false>.

Livro de Registos de Casamento da Paróquia de São Nicolau, 02-C, folha 419 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4820356>.

MARTIUS, Carl Ritter von, «Ein Tag unter dem Aequator», in KRIEGK, Georg Ludwig, *Belehrende Darstellungen für das höhere Jugendalter*, Frankfurt a. M.: Brönnner'sche Buchhandlung, 1831, pp. 653–60 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://books.google.pt/books?id=4VxQAAAACAAJ&pg=PR17&lpg=PR17&dq=Ein+Tag+unter+dem+Aequator%2BMartius&source=bl&ots=W5nwYOSxBy&sig=f4QceRIkegJdHo5V3_DYp6D76fc&hl=pt-PT&sa=X&ei=viiQU6uiNeau0QWs4YCAAQ&ved=0CCcQ6AEwAA#v=onepage&q=Ein%20Tag%20unter%20dem%20Aequator%2BMartius&f=false.

MATTHISSON, Friedrich von, *Erinnerungen*, Erster Band, Zürich: bey Orell Füssli und Compagnie, 1810 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://books.google.pt/books?id=VrMFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&vq=Peter&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

____, *Erinnerungen*, Erster Theil, Neueste Ausgabe, Wien: In Commission bey Aloys Doll, 1815 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://books.google.pt/books?id=FtUFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

MUSÄUS, J[ohann] A[ugust], *Volksmärchen der Deutschen*, Vierter Theil, Wien: bey Chr.Kaulfuß und C. Armbruster, 2015 [cons. 2015-09-06]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=bIhQAAAAcAAJ&printsec=frontcover&vq=Melchior&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q=Melchior&f=false.

_____, *Volksmärchen der Deutschen*, Viertes Bändchen, Neue Auflage, Gotha: Ettingersche Buchhandlung, 1826 [cons. 2015-09-06]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=2SZNAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false.

_____, *Volksmärchen der Deutschen*, Drittes Bändchen, Neue Auflage, Halle: Verlag von Ed. Heynemann, 1839, [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://dfg-viewer.de/show/?tx_dlf%5Bpage%5D=62&tx_dlf%5Bid%5D=http%3A%2F%2Fdigital.ub.uni-duesseldorf.de%2Foai%2F%3Fverb%3DGetRecord%26metadataPrefix%3Dmets%26identifier%3D2710233&tx_dlf%5Bdouble%5D=0&cHash=33d8b8c8dd94e45bf555644da1755c31.

_____, *Volksmärchen der Deutschen*, Prachtausgabe in einem Bande, Leipzig: Verlag von Mayer und Wigand, 1842 [cons. 2015-09-06]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=IEAJAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false.

NATHANSEN, Martin, *Geoplaner V2.7* [software em linha cons. 2015-06-06]. Disponível na Internet: <http://www.geoplaner.com/#Coordinate-Converter>.

ORTIGÃO, Ramalho, QUEIRÓS, Eça de, *As Farpas: Chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*, Março a Abril, Lisboa: Typographia Universal, 1873 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: http://purl.pt/256/4/pp-7311-p_1873/pp-7311-p_1873_item4/pp-7311-p_1873_PDF/pp-7311-p_1873_PDF_24-C-R0096/pp-7311-p_1873_0000_capa-99_t24-C-R0096.pdf.

PEREIRA, João Félix, *Compendio de historia de Portugal aprovado pelo conselho superior de instrucção publica para uso das escholas*, Lisboa: Tip. de Martins, 1849.

_____, *Primeiras linhas da grammatica portugueza*, Lisboa: Typ. de José da Costa Nascimento Cruz, 1863.

_____, «Algumas palavras sobre a questão da grande e da pequena cultura», in *O Archivo Rural*, Lisboa: Typ. Universal, 1866, vol. IX, pp. 204-6, 228-30, 258-60, 281-2, 309-12.

_____, *A companhia do olho vivo, drama original, em quatro actos e um prologo*, Lisboa: Imp. na Rua do Crucifixo, 1876a.

_____, *O general Antonio Pedro de Azevedo ou Conselhos aos paes de familia*, 1.^a parte, Typ. da Rua do Crucifixo, 1876b.

_____, *Compendio de Chorographia de Portugal*, Lisboa: Typ. da Rua do Crucifixo, 1876c.

_____, *Epitome da história sagrada, em verso rimado endecassyllabo*, 2.^a edição, Lisboa: Typ. de José da Costa, 1878 (1858).

_____, *Texto, tradução e Analyse da Oração de Cicero pro Archia Poeta*, Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 1888.

POEPPIG, Eduard, *Malerischer Atlas und beschreibende Darstellungen aus dem Gebiete der Erdkunde*, Leipzig: Hartleben's Verlags, 1838 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=DwdUAAAcAAJ&pg=PP5&lpg=PP5&dq=POEPPIG,+Eduard,+Malerischer+Atlas+und+beschreibende+Darstellungen+aus+dem+Gebiete+der+Erdkunde&source=bl&ots=NixVOskk0z&sig=z3eA1bXYlxIIGuBnG-WCK0gL5QQ&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCAQ6AEwAGoVChMIIsajAueffxwIVi1YUCh3izwde#v=onepage&q=POEPPIG%2C%20Eduard%2C%20Malerischer%20Atlas%20und%20beschreibende%20Darstellungen%20aus%20dem%20Gebiete%20der%20Erdkunde&f=false>.

PRISTA, Luís, «O ensino linguístico e de literatura», in MATOS, Sérgio Campos, Ó, Jorge Ramos do, *A Universidade de Lisboa nos Séculos XIX e XX*, vol. II, Lisboa: Tinta-da-China, 2013, pp. 982-1085.

Registo Geral de Mercês, D. Maria II, liv. 34, fl. 97 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=2003198>.

«Resumo da Historia Portugueza», in *Atheneu*, Lisboa: Typographia do Panorama, 1850, n.º 38, p. 301 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://books.google.pt/books?id=v2EvAQAAMAAJ&pg=PA284&dq=Revista+portuguesa+Atheneo&hl=pt-PT&sa=X&ei=8hPRU9XuB66W0QX8jYGwDw&ved=0CCEQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>.

RICHTER, T[heodor] F[riedrich] M[aximilian], *Reisen zu Wasser und zu Lande, in den Jahren 1805 – 1817*, Zweites Bändchen, Dritte verbesserte und wohlfeile Taschenausgabe, Dresden und Leipzig: in der Arnoldischen Buchhandlung, 1831 [cons.

2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=MQdSAAAcAAJ&printsec=frontcover&dq=Reisen+zu+Wasser+und+zu+Lande&hl=pt-PT&sa=X&ei=oLyKVe-eOcSyswHVkaaACA&ved=0CEsQ6AEwBg#v=onepage&q=Reisen%20zu%20Wasser%20und%20zu%20Lande&f=false>.

SALZMANN, [Christian Gotthilf?], «Die Ueberraschung», in *Deutsches Lesebuch — Eine Auswahl zweckmäßiger Lesestücke zur Übung im richtigen und schönen mündlichen Ausdruck und zum Unterricht in der deutschen Sprache*, Erster Theil, Dritte sorgfältig durchgesehene und vermehrte Auflage, Bremen: Druck und Verlag von Johann Georg Heyse, 1831, pp. 188–9 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=IltPAAAcAAJ&pg=PR6&lpg=PR6&dq=Deutsches+Lesebuch:+Eine+Auswahl+zweckm%C3%A4ssiger+Lesest%C3%BCcke+zur+%C3%9Cbung+im+richtigen+und+sch%C3%B6nen+m%C3%BCndlichen+Ausdruck+und+zum+Unterricht+in+der+deutschen+Sprache&source=bl&ots=r_7ejg8-H5&sig=vsQkby9SB9exEUdING_z3qGyy7s&hl=pt-PT&sa=X&ei=epeMU5X-JaWK0AXcuYGICA#v=onepage&q=Deutsches%20Lesebuch%3A%20Eine%20Auswahl%20zweckm%C3%A4ssiger%20Lesest%C3%BCcke%20zur%20%C3%9Cbung%20im%20richtigen%20und%20sch%C3%B6nen%20m%C3%BCndlichen%20Ausdruck%20und%20zum%20Unterricht%20in%20der%20deutschen%20Sprache&f=false.

SAMPAIO, Albino Forjaz de, «O ultimo excentrico (João Felix Pereira)», in *Homens de letras*, 2.º milhar, Lisboa: Livraria Editora Guimarães, 1930, pp. 223-31.

SCHILLER, Friedrich, *Sämmtliche Werke*, Elfter Band, Stuttgart und Tübingen: Verlag der J[ohann] G[erog] Cotta'schen Buchhandlung, 1836 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=41CVYnR9hkkC&pg=PA236&lpg=PA236&dq=Herzog+von+Alba+bei+einem+Fr%C3%BChst%C3%BCck+auf+dem+Schlosse+zu+Rudolstadt,+im+Jahr+1547&source=bl&ots=apoz5SAmJx&sig=GZd5rKt_FIMV5mu2uvpLLGsWwuA&hl=pt-PT&sa=X&ei=6FFU6P4Gu3n7Ab9iYD4BA#v=onepage&q=Herzog%20von%20Alba%20bei%20einem%20Fr%C3%BChst%C3%BCck%20auf%20dem%20Schlosse%20zu%20Rudolstadt%2C%20im%20Jahr%201547&f=false.

SILVA, Inocência Francisco da, ARANHA, Brito, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo X, 3.º do suplemento, Lisboa: Imprensa Nacional, 1883.

TELLES, João José de Sousa, *Encyclopedia Popular: leituras amenas apropriadas a todas a edades, sexos estados, profissões e intelligencias*, Lisboa: Typographia Universal, 1868, n.º 16.

«Variante» in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha], Porto: Porto Editora, 2003 – 2015 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/variante>.

VINAVER, Eugène, «Principles of Textual Emendation», in *French language and medieval literature presented to professor Mildred K. Pope by pupils, colleagues and friends*, Manchester: Manchester University Press, 1939, p. 351-69.

VIRGÍLIO, *Eneida* [trad. port. de João Félix Pereira, Lisboa: Typ. da Bibliotheca Nacional, 1879].

WAGENER, Johannes Daniel (WAGENER 1), *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexikon*, Erster Theil, Leipzig: im Schwickertschen Verlage, 1812 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=ZfhDAAAacAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:m7kqlnD3eikC&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CC4Q6AEwAmoVChMI5_GHgrngxwIVBLcUCh1hugct#v=onepage&q&f=false.

WAGENER, Johannes Daniel (WAGENER 2), *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexikon*, Zweyter Theil, Leipzig: im Schwickertschen Verlage, 1812 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=cPhDAAAacAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

WILMSEN, Friedrich Philipp, *Der deutsche Kinderfreund: ein Lesebuch für Volksschulen*, Berlin: Realschulbuchhandlung, 1802 [cons. 2015-09-05]. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=J0NQAAAacAAJ&printsec=frontcover&dq=editions:4pLgAWJT8p8C&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CDUQ6AEwA2oVChMIscbAxIzbxwIVQ7YUCh1uzA98#v=onepage&q&f=false>.